

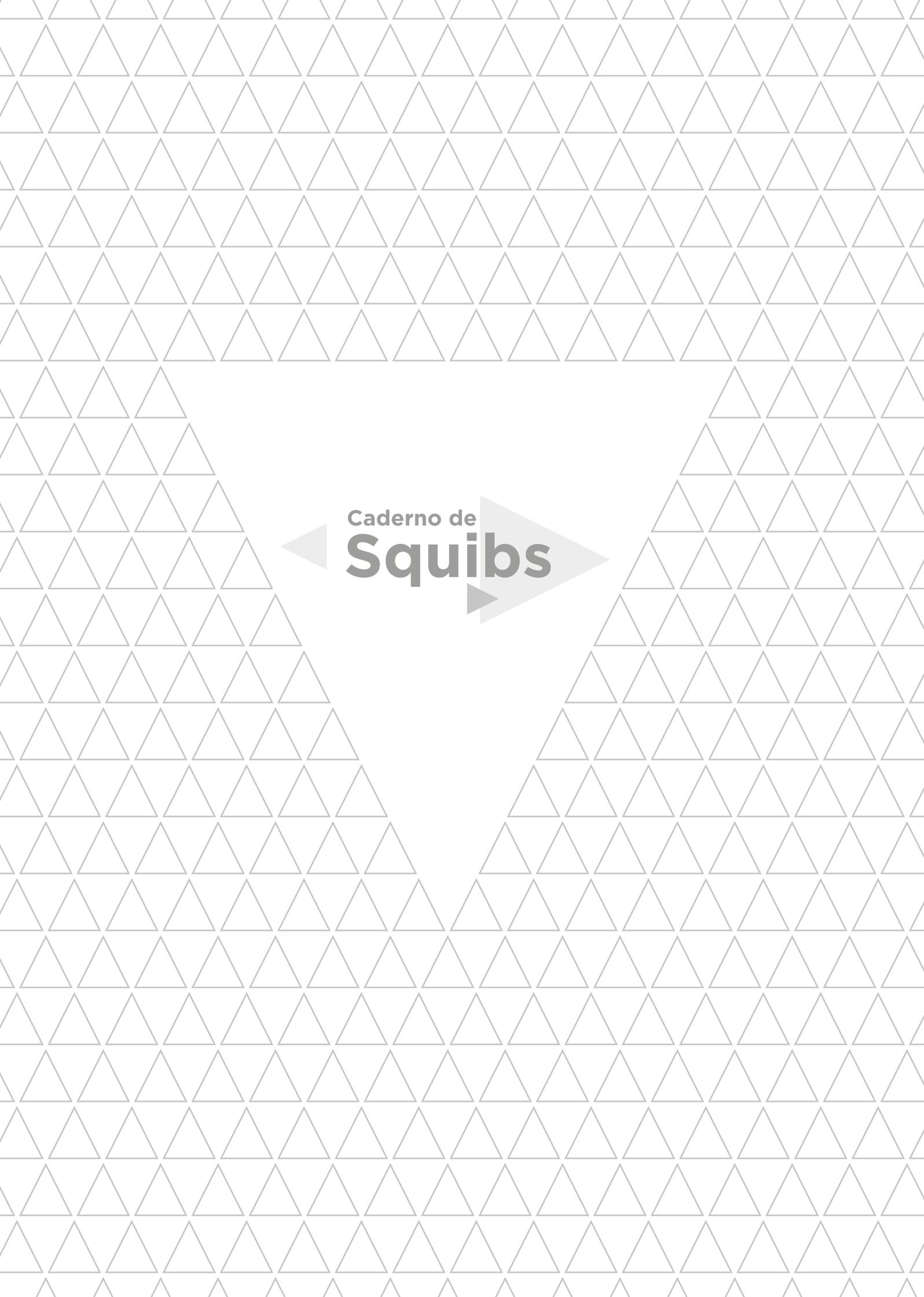


Caderno de  
**Squibs**

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA  
LINGUAGEM

V. 5 - N. 1 - 2019





Caderno de  
**Squibs**

## ORGANIZADORES

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**  
Universidade de Brasília

**Helena da Silva Guerra Vicente**  
Universidade de Brasília

**Paulo Medeiros Júnior**  
Universidade de Brasília

**Elisabete Luciana Morais Ferreira**  
Universidade de Brasília

**Arion de Souza Cruz**  
Universidade de Brasília

**Paula Guedes Baron**  
Universidade de Brasília

## CONSELHO EDITORIAL

**Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles**  
Universidade de Brasília

**Rozana Reigota Naves**  
Universidade de Brasília

**Helena da Silva Guerra Vicente**  
Universidade de Brasília

**Eloisa Nascimento Silva Pilati**  
Universidade de Brasília

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**  
Universidade de Brasília

**Paulo Medeiros Júnior**  
Universidade de Brasília

**Paula Guedes Baron**  
Universidade de Brasília

**Elisabete Luciana Morais Ferreira**  
Universidade de Brasília

**Bruna Elisa da Costa Moreira**  
Universidade de Brasília (egressa)

**Cristiany Fernandes da Silva**  
Universidade de Brasília (egressa)

### APOIO

Laboratório de Estudos Formais da Gramática – LEFOG  
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL



**Universidade de Brasília**

## CONSELHO CIENTÍFICO

**Aroldo Leal de Andrade**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Marina Rosa Ana Augusto**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Indaiá de Santana Bassani**

Universidade Federal de São Paulo

**Simone Lúcia Guesser**

Universidade Federal de Roraima

**Ana Paula Quadros Gomes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Suzi de Oliveira Lima**

University of Toronto

**Telma Moreira Vianna Magalhães**

Universidade Federal de Alagoas

**Rafael Dias Minussi**

Universidade Federal de São Paulo

**José Ferrari Neto**

Universidade Federal da Paraíba

**Roberta Pires de Oliveira**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Gabriel de Avila Othero**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Sandra Quarezemin**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Núbia Saraiva Ferreira Rech**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Marcelo Amorim Sibaldo**

Universidade Federal de Pernambuco

**Claudia Roberta Tavares Silva**

Universidade Federal de Pernambuco

**André Luis Antonelli**

Universidade Estadual de Maringá

**Julio William Curvelo Barbosa**

Universidade Estadual do Paraná

**Fábio Bonfim Duarte**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Andrew Nevins**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
University College London

**Andrea Knöpfle**

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**

Universidade de Brasília

**Alessandro Boechat de Medeiros**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Bruna Elisa da Costa Moreira**

**Jairo Morais Nunes**

Universidade de São Paulo

**Déborah de Mendonça Oliveira**

Universidade Católica de Brasília

**Lilian Coelho Pires**

Univ. do Estado de Santa Catarina

**Poliana Camargo Rabelo**

**Ana Paula Scher**

Universidade de São Paulo

**Maria Cristina Figueiredo Silva**

Universidade Federal do Paraná

**Keli Cristiane Eugênio Souto**

Universidade Estadual de Montes Claros

**Zenaide Dias Teixeira**

Universidade Estadual de Goiás

**Thiago Costa Chacon**

Universidade de Brasília

**Aveliny Montovan Lima**

Universidade de Brasília

**Ezekiel J. Panitz**

Universidade de São Paulo

**Leonor Simioni**

Universidade Federal do Pampa

**Cilene Rodrigues**

Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro

**Patricia de Araujo Rodrigues**

Universidade Federal do Paraná

**Helena da Silva Guerra Vicente**

Universidade de Brasília

**Rerisson Cavalcante de Araújo**

Universidade Federal da Bahia

**Eloisa Nascimento Silva Pilati**

Universidade de Brasília

**Carlos Felipe da Conceição Pinto**

Universidade Federal da Bahia

**Lara Frutos González**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Rozana Reigota Naves**

Universidade de Brasília

**Teresa Cristina Wachowicz**

Universidade Federal do Paraná

**Virgínia Andrea Garrido Meirelles**

Universidade de Brasília

**Esmeralda Vailati Negrão**

Universidade de São Paulo

**Heloisa Maria M. Lima de Almeida Salles**

Universidade de Brasília

**Maria José Gnatta Dalcuche Foltran**

Universidade Federal do Paraná

**Roberlei Alves Bertucci**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Marcos Barbosa Carreira**

Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Eneida de Goes Leal**

Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes**

Universidade Estadual de Campinas

**Luisandro Mendes de Souza**

Universidade Federal do Paraná

**Luciana Sanchez Mendes**

Universidade Federal Fluminense

**Paulo Medeiros Júnior**

Universidade de Brasília

---

## LEITURA E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Helena da Silva Guerra Vicente

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Arion de Souza Cruz

Paula Guedes Baron

## PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rodrigo Araújo

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG).  
Vol.5, N.1 (jun. 2019). Brasília, DF: Universidade de Brasília.  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.  
Semestral. 2015.

ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)

CDD 410

CDU 81



# SUMÁRIO

## 8 NOTA INICIAL

---

## 10 APRESENTAÇÃO

---

### *SQUIB* CONVIDADO

#### 15 O PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO INGLÊS: COMPARANDO ATRAVÉS DAS LÍNGUAS

Roberta Pires de Oliveira

---

### *SQUIBS*

#### 26 ADVÉRBIOS DE DOMÍNIO: ESCOPO E CONSTITUÊNCIA

Maria José Foltran  
Débora Gandra de Souza

#### 34 PROSÓDIA E SINTAXE/SEMÂNTICA

José Borges Neto

#### 42 ORDEM VS NO PB EM CONSTRUÇÕES PASSIVAS ANALÍTICAS COM CONCORDÂNCIA *DEFAULT*

Lucas Tomaz de Jesus dos Santos

#### 50 A CONCORDÂNCIA NOMINAL EM COMPOSTOS FORMADOS POR ADJETIVOS E NOMES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Cristina de Souza Prim

#### 61 A'-EXTRACTION FROM VERB-STRANDING VERB PHRASE ELLIPSIS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Ezekiel Panitz

#### 74 UMA NOTA SOBRE O TRAÇO DE GRADATIVIDADE: DOIS TIPOS DE GRAU EM EXCLAMATIVAS-WH DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Bruno Ferreira de Lima

#### 84 A REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DO ASPECTO *PERFECT*: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ADVÉRBIOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Amanda Alevato de Sant'Anna  
Adriana Leitão Martins  
Jean Carlos da Silva Gomes

---



# NOTA INICIAL

NOTA INICIAL

OTA

ICIAL



## SOBRE O TERMO *SQUIB* EM LINGUÍSTICA POR MARCUS LUNGUINHO

O termo *squib*, tal qual se conhece em Linguística, é uma criação atribuída ao linguista John Robert Ross e se refere a um gênero textual que ficou popular a partir dos anos 1960 com a revista *Linguistic Inquiry*, que teve Ross como um dos primeiros responsáveis pela seção destinada justamente à publicação desse tipo de textos, denominada *Squibs and Discussion*.<sup>1</sup>

Como um gênero textual, o *squib* apresenta características específicas tanto de forma quanto de conteúdo. No que se refere à forma, um *squib* é um texto curto, cuja extensão é medida em termos de páginas ou de número de palavras a depender do periódico. Por exemplo, na revista *Linguistic Inquiry*, o manuscrito de um *squib* não pode ultrapassar doze páginas escritas em espaço duplo.<sup>2</sup> Já na revista brasileira D.E.L.T.A. (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), o manuscrito de um *squib* deve ter extensão máxima de 6000 palavras.<sup>3</sup>

No que se refere ao conteúdo, um *squib* é um texto que aborda questões pontuais, tanto de natureza teórica quanto empírica. Do ponto de vista teórico, um *squib* pode trazer uma reflexão crítica sobre aspectos internos de uma teoria, tais como inconsistências internas, pressupostos que não estão apresentados de maneira explícita ou que precisam ser incorporados de modo a que essa teoria possa fazer as previsões corretas e/ou desejáveis. Já do ponto de vista empírico, um *squib* pode apresentar um conjunto de dados que servem para confirmar as previsões de uma teoria ou que se configuram como problemas para essa teoria. Os problemas apontados no *squib* podem ou não ser resolvidos. Além dessas questões teóricas e empíricas, um *squib* também pode servir para trazer à luz para a comunidade científica uma literatura pouco conhecida ou esquecida, em que questões importantes ou dados relevantes são discutidos. Em resumo, a função de um *squib* é fomentar a pesquisa ou apresentar observações teóricas que são de interesse para a pesquisa.<sup>4</sup>

---

1 Segundo o que se apresenta em: <https://www.ucl.ac.uk/pals/research/linguistics/li-squibs>. Nessa página, o leitor pode ainda ter acesso a um depoimento do próprio Ross acerca da etimologia da palavra *squib*.

2 De acordo com as orientações que se encontram em: <http://www.mitpressjournals.org/page/sub/ling>.

3 Conforme se lê nas orientações constantes em: <http://www.scielo.br/revistas/delta/iinstruc.htm>.

4 As informações deste parágrafo são, em grande parte, baseadas em: <http://www.ledonline.it/snippets/>.



# APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

A  
Ç  
Ã  
O



Apresentamos à comunidade acadêmica mais uma edição do **Caderno de Squibs: temas de estudos formais da linguagem**, publicação coordenada pelo Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG/UnB), que tem como objetivo ser um meio de divulgação de pesquisas linguísticas, feitas por docentes e discentes, desenvolvidas em uma perspectiva formal. Embora lançada em julho de 2020, a presente edição constitui um número retroativo, referente ao primeiro semestre de 2019. Sendo assim, para fins de citação em trabalhos e no currículo dos autores, é a data de 2019 que deve ser considerada. Neste novo número, trazemos para o público oito textos, um dos quais integra a seção *Squib convidado* e sete textos fazem parte da seção *Squibs*.

O texto **O plural no português brasileiro e no inglês: comparando através na línguas**, de Roberta Pires de Oliveira, abre esta edição na seção *Squib convidado*. Tomando como quadro teórico os parâmetros semânticos propostos por Chierchia (2010, 2015), a autora apresenta um estudo das propriedades distribucionais e interpretativas do morfema de plural do português brasileiro. A partir de uma comparação com a análise de Chierchia para o inglês, a autora levanta a seguinte hipótese: o português brasileiro constitui uma língua marcada para número, sendo essa marcação significativa no determinante (mas não no nominal nu), uma vez que a operação de atomicidade atua lexicalmente nesse constituinte, adicionando a ele uma pressuposição. Com base nessa hipótese, três propriedades importantes do sistema nominal do português emergem: a) o morfema de plural tem natureza inclusiva, b) a oposição entre morfema zero e morfema de plural é significativa no determinante e c) a posição argumental constitui contexto de variação entre o singular nu e o plural nu.

O texto **Advérbios de domínio: escopo e constituência**, de Maria José Foltran e Débora Gandra de Souza, abre a seção *Squibs*. Nele, as autoras analisam aspectos dos advérbios em *-mente* que funcionam como advérbios de domínio (ou de circunscrição) em contextos de modificação de adjetivos. Quatro características desses advérbios são apontadas pelas autoras: a) apresentam mobilidade dentro da oração; b) marcam o domínio em que a interpretação da sentença deve acontecer; c) não estão associados à subjetividade do falante e d) não são graduais. Além dessas características, as autoras discutem dois problemas que devem ser considerados na elaboração de uma proposta de análise para esses advérbios. O primeiro é o de demarcar uma diferença entre a interpretação dos advérbios de domínio e a interpretação dos advérbios de modificação, e o segundo é o de apresentar uma análise sintática para os advérbios de domínio em que seja possível relacionar a distribuição sintática desses advérbios com seu escopo na interpretação.

O *squib* de José Borges Neto, intitulado **Prosódia e sintaxe/semântica**, trata do papel da prosódia como elemento desambiguador de enunciados potencialmente ambíguos. Com base em uma sentença da língua escrita que apresenta cinco possíveis arranjos de constituintes, o autor discute as relações que se podem estabelecer entre prosódia e sintaxe/semântica. Especificamente, o autor pretende refletir sobre o papel da prosódia no evento comunicativo, mostrando a importância desse componente para a sintaxe/semântica. Sua hipótese é a de que, durante um evento comunicativo, no qual o falante produz um

conjunto de símbolos e o ouvinte os interpreta, cabe à prosódia o papel de organizar essa cadeia de símbolos em uma estrutura de constituintes. Dessa forma, a estrutura sintática é que seria orientada pela estrutura prosódica e não o inverso. Lançada essa hipótese, o autor aponta algumas questões que, investigadas, poderiam mostrar como a prosódia pode contribuir na interpretação de enunciados potencialmente ambíguos.

O trabalho **Ordem VS no PB em construções passivas analíticas com concordância default**, de Lucas Tomaz de Jesus dos Santos, toma como objeto de estudo as construções passivas analíticas com concordância *default* (nos termos de Simioni (2011)) e discute a possibilidade de ordens SV e VS nessas estruturas. O autor argumenta que nelas existe um expletivo nulo na posição de especificador de TP, o qual é responsável pelo padrão de concordância *default* analisado, uma vez que o auxiliar e o particípio concordariam com os traços, e pela ordem VS, uma vez que ele bloqueia a presença de um DP na posição pré-verbal (especificador de TP). Expandindo a proposta, o autor aborda ainda as construções passivas analíticas com concordância *default*, discutindo-as à luz da proposta de inversão locativa (cf. Pilati (2006), seguindo Bresnan e Kanerva (1989)), e mostra a interação entre o expletivo nulo proposto e os constituintes dessas estruturas para o licenciamento das ordens VS e SV.

O texto de Cristina de Souza Prim, **A concordância nominal em compostos formados por adjetivos e nomes do português brasileiro**, discorre sobre o mecanismo de flexão de número em compostos que têm adjetivos e nomes em sua estrutura. Com base em informações constantes da literatura, a autora descreve os padrões de flexão de número identificados para essas palavras e mostra que o processo de flexão de número dos compostos do tipo N+A e A+N está associado a um conjunto de informações que são: classe e função das palavras presentes no composto, grau de (in)formalidade e categoria do nó formado pelo processo de composição. Segundo a autora, essas informações indicam que: a) a gramática do português brasileiro contém análises concorrentes para a marcação de plural de compostos e b) o grau de transparência de um composto está relacionado às etapas de sua formação.

O *squib* **A'-extraction from verb-stranding verb phrase ellipsis in Brazilian Portuguese**, de Ezekiel Panitz, analisa casos de extração-A' no português brasileiro a partir de configurações nas quais se verifica elipse de VP com enclaxe do verbo (VVPE). Sua análise parte de duas observações importantes: a) os contextos em que há VVPE no português brasileiro são semitransparentes para extração-A' e b) sentenças do PB nas quais se verifica VVPE permitem que um constituinte interno a vP se mova para fora desse sintagma, mas a posição do constituinte movido deve ser mais baixa que a posição superficial do verbo. Sua análise mostra que esse movimento curto do constituinte interno a vP acontece exatamente nos mesmos contextos em que ocorre a extração-A' a partir de configurações onde se verifica VVPE. Essas observações mostram-se importantes do ponto de vista teórico, pois têm impacto para as análises de semitransparência à extração associada às construções elípticas.

O trabalho de Bruno Ferreira de Lima, **Uma nota sobre o traço de gradatividade: dois tipos de grau em exclamativas-wh do português brasileiro**, toma como objeto empírico dois tipos de sentenças exclamativas-wh do português: as exclamativas-que e as exclamativas-quanto. A partir de dados do italiano, o autor argumenta que, no português brasileiro, essas exclamativas têm em comum o fato de estarem associadas a um traço de grau excepcional (E-deg). Apesar dessa semelhança, cada um dos tipos sentenciais se caracteriza por um traço de grau: o traço de grau presente no núcleo do sintagma *que*-N seleciona graus em uma escala qualitativa contextualmente valorada, ao passo que o traço de grau presente no núcleo do sintagma *quanto*-N seleciona graus em uma escala quantitativa. Essa diferença em relação ao traço de grau do núcleo do sintagma-wh apresenta repercussões sintáticas (estruturais) e semânticas para cada um dos tipos de exclamativas estudados.

**Osquib A representação sintática do aspecto perfect: uma análise a partir de advérbios do português brasileiro**, de Amanda Alevato de Sant'Anna, Adriana Leitão Martins e Jean Carlos da Silva Gomes, fecha nosso número. Nele, os autores têm o objetivo de avaliar a hierarquia do *perfect* universal e do *perfect* existencial na estrutura oracional. Eles partem da hipótese defendida por Nespoli (2018) de que o *perfect* universal domina estruturalmente o *perfect* existencial e, para avaliá-la, estudam o posicionamento dos verbos com advérbios *ainda* e *já*. Os dados analisados, provenientes de *corpus* e de um teste de ordenamento de sentenças, não refutaram a hipótese de trabalho, embora não tenham sido suficientes para argumentar a favor da hierarquia.

Como se vê, os *squibs* desta edição abordam variados temas — prosódia, sintaxe, semântica e interfaces — e são escritos tanto por pesquisadores experientes como por pesquisadores iniciantes. Isso nos deixa muito orgulhosos, uma vez que mostra que o Caderno de *Squibs* está sendo bem recebido pela comunidade linguística e, a cada edição, reaviva seu objetivo de ser um espaço para divulgação de pesquisas em temas relacionados à Linguística Formal. Além disso, o Caderno de *Squibs* se alinha ao esforço coletivo de colegas e instituições da área de Linguística de, diante de um cenário de medos e incertezas advindos com a pandemia de COVID 19, unir pesquisadores e contribuir para que todos, mesmo que seja por um momento, mantenham o foco em suas pesquisas e na construção e na socialização do conhecimento, que se mostra cada vez mais importante.

Finalizamos esta Apresentação registrando aqui os nossos agradecimentos aos autores dos *squibs*, aos pareceristas que atuaram nesta edição, aos colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) e a todos aqueles que, de algum modo, estiveram envolvidos no processo de preparação desse periódico. Gostaríamos de registrar também um agradecimento especial à autora do *squib* convidado, pelo aceite do convite para publicar em nosso periódico. A contribuição de todos foi fundamental para a publicação de mais uma edição.

Esperamos que todos apreciem a leitura!

Marcus Vinicius Lunguinho



***SQUIB***  
**CONVIDADO**



*SQUIB*

CONVIDADO



# O PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO INGLÊS: COMPARANDO ATRAVÉS DAS LÍNGUAS

---

ROBERTA PIRES DE OLIVEIRA\*

---

## RESUMO

Este texto rastreia a distribuição e interpretação do morfema de plural no português brasileiro vernacular (PB), tendo como fundo os parâmetros em Chierchia (2010, 2015) e o quadro teórico ali apresentado. Os dados do PB mostram que: (i) semanticamente, o plural é inclusivo (a exclusão dos átomos é implicatura); (ii) a oposição vazio vs. plural é significativa no determinante; (iii) não há oposição semântica entre o singular nu (SNU) e o plural nu. Este texto explica esses fatos de modo unificado e propõe que o PB é uma língua marcada para número, como o inglês, mas elas diferem quanto ao momento em que a operação de Atomização (AT) se aplica. No PB, AT é uma pressuposição do determinante, ao passo que, em inglês, AT opera sobre o predicado (CHIERCHIA, 2010, 2015).

**Palavras-chave:** semântica, plural, PB, inglês, variação

## ABSTRACT

This squib studies the distribution and interpretation of the plural morpheme in vernacular Brazilian Portuguese (PB) taking as background Chierchia's semantic parameters (2010, 2015) and the theoretical framework developed there. Data from PB show that: (i) semantically, plural is inclusive (the exclusion of the atoms is an implicature); (ii) the opposition between no-morphology and morphology is significant in the determiner; (iii) in argument position, there is no opposition between the bare singular and the bare plural. The paper develops a unified analysis and claims that PB is a number marked language as well as English, but they differ with respect to when Atomization (AT) applies. In PB, AT is a restriction in the domain of the determiner, i.e. a presupposition of the determiner; in English, AT is an operation on the predicate (CHIERCHIA, 2010, 2015).

**Keywords:** semantics, plural, Brazilian Portuguese, variation

---

\* Universidade Federal do Paraná, UFPR, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. *E-mail:* ropiolive@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Os mapeamentos morfológicos são distintos através das línguas. No domínio nominal, sabemos que nem todas as línguas têm artigo definido (cabo-verdiano (BAPTISTA, 2007)); há línguas com classificadores (mandarim); há línguas que contam massa diretamente (yudja (LIMA, 2014)). Chierchia (2010, 2015) propõe parâmetros para explicar a variação, sem perder de vista a aquisição. Em sua proposta, as línguas são: (i) marcadas para número, como o inglês; (ii) classificadoras, como o mandarim; (iii) neutras para número, como o dené suliné.<sup>1</sup> Os parâmetros se explicam por “escolhas” que ocorrem bem cedo na derivação, quando ocorre a projeção de um traço nominal. Este texto investiga a distribuição e interpretação do plural no português brasileiro vernacular (PB) nesse quadro. Os dados mostram que: (i) semanticamente, o plural é inclusivo; (ii) a oposição vazio vs. plural é significativa no determinante; (iii) não há oposição no nominal nu argumental, isto é, o S<sub>Nu</sub> e o plural nu estão em variação. A última propriedade é inesperada se o PB é uma língua marcada para número, enquanto a propriedade em (ii) é inesperada se o PB é uma língua neutra para número. Este texto desenvolve a hipótese de que o PB é uma língua com marcação de plural, mas difere do inglês no momento em que essa marcação é significativa: no inglês, ela ocorre no nome, enquanto no PB, no determinante. Apresentamos formalmente essa proposta e exploramos algumas de suas consequências.

A segunda seção deste *squib* revisa o modelo clássico. Mostra que esse modelo está equivocado quanto à semântica do plural. O plural é semanticamente fraco, inclusivo (um e mais do que um). A terceira seção mostra que a oposição vazio e plural não é significativa em todos os contextos; em particular, ela desaparece em posição argumental.<sup>2</sup> A quarta desenvolve a hipótese de que o PB é uma língua marcada para número, mas difere do inglês quanto ao momento em que a atomicidade (AT) opera. A proposta é unitarista porque mantém a denotação do nome singular constante, independente de ele ocorrer como argumento ou como predicado. A atomicidade opera lexicalmente, no determinante, no PB, adicionando uma pressuposição. Em inglês, é uma operação sintática no nome.

## 2 O SIGNIFICADO DO PLURAL NO PB E O MODELO CLÁSSICO

Qualquer teoria sobre o sistema nominal do PB tem que explicar a diferença entre:

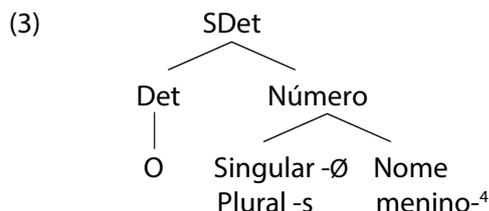
- (1) O menino saiu.
- (2) Os menino / Os meninos saíram.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Lima (2014) afirma que o yudja é uma língua neutra, e Chierchia (2015) entende que é uma língua classificadora.

<sup>2</sup> Também com alguns quantificadores como *muito*. Este *squib* não trata dessa construção.

<sup>3</sup> Não importa a variedade: se o sintagma for plural, pelo menos um elemento será marcado, de preferência a cabeça do sintagma, i.e., o determinante: *os menino(s)*.

Classicamente, em (1), a ausência da marca de número é o morfema zero,  $\emptyset$ , que significa um único. O plural, representado por [-s], significa mais do que um. A estrutura do sintagma nominal é algo como:



Em que  $[[\emptyset]]$  = um único e  $[-s]$  = mais de um. Há muitas questões encobertas nessa descrição que, formulada de modos distintos, está em vários autores.<sup>5</sup>

Um problema é que, semanticamente, o plural é fraco, significa um e mais de um; ele inclui os átomos:<sup>6</sup>

- (4) Se você reprova nas disciplinas, tem que fazer de novo.

O modelo clássico prevê, incorretamente, que quem reprovar em uma única disciplina não tem que refazê-la. Não é essa a interpretação de (4). A exclusão dos átomos é, portanto, uma implicatura.<sup>7</sup>

### 3 O NOME NU: ONDE NÃO HÁ OPOSIÇÃO

O problema mais dramático do modelo clássico é que, no PB, em alguns contextos, em particular em posição argumental, não há oposição de número:

- (5) a. Mulheres são vaidosas.  
b. Mulher é vaidosa.
- (6) a. Comprei livros (na feirinha).  
b. Comprei livro (na feirinha).

Se o DP no PB é como em (3), geramos resultados espúrios: (5b) é sobre uma única mulher; (6b) é sobre um único livro. Uma solução é manter a estrutura em (3) para o artigo definido e, para (5b) e (6b), propor outra estrutura. Por exemplo, *livro* é um predicado atômico em *o livro* e um predicado plural (inclusivo) em (6b), por exemplo.

4 Neste *squib* não discutimos o gênero, que é certamente um traço importante.

5 Ver Mattoso Câmara (1977), Paraguassu-Martins e Müller (2008), Quadros Gomes e Sanchez Mendes (2019).

6 Ver Sauerland (2003), Chierchia (2010), Pires de Oliveira e Carturani (2014) para dados experimentais.

7 Ver Spector (2007) para uma proposta de derivação dessa implicatura.

Segundo Chierchia (2010, 2015), se uma língua é marcada para número, ela tem plural nu, mas não singular nu (SNU). Em línguas neutras para número, a distinção plural e singular não é marcada no nome. Logo, (5) e (6) são indícios de uma gramática neutra para número, enquanto (1) e (2), de uma língua marcada para número. Este texto desenvolve a hipótese de que essa é uma língua marcada para número, mas há (micro)variação: o plural no inglês modifica o nome, enquanto no PB é uma pressuposição. Essa proposta e suas consequências são exploradas na próxima seção.

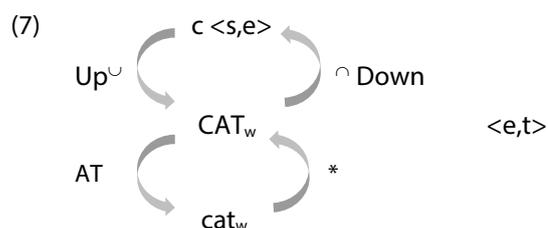
## 4 O SISTEMA NOMINAL NO PB

Em 4.1, revisamos a proposta de Chierchia (2010, 2015) para o inglês com o intuito de apresentar o quadro em que a proposta para o PB é desenvolvida. Em 4.2, estendemos a análise para o PB e propomos uma micro-variação. Ambas as línguas são marcadas para número, mas diferem quanto ao “momento” em que a operação semântica de Atomização se aplica. Isso gera consequências, entre as quais, o fato de só o PB apresentar o SNU.

### 4.1 O INGLÊS EM CHIERCHIA (2010, 2015)

Chierchia (2010, 2015) apresenta um programa de pesquisa em semântica baseado em um sistema formal bastante sofisticado. Nesta subseção, revisamos apenas sua proposta de análise para o inglês, uma língua marcada para número. Nesse tipo de língua, há diferença gramatical entre contáveis e massivos. Em inglês, nomes contáveis são contados diretamente, e nomes massivos exigem classificadores que são nomes: *3 books* ('3 livros'), *#3 mud* ('3 barro'), *3 buckets of mud* ('3 baldes de barro').

Uma língua marcada para número nasce de predicados neutros, tipo  $\langle e, t \rangle$ ,  $CAT_w$ , na tríade semântica que amplia Partee (1985). Operações semânticas transformam essa denotação:<sup>8</sup>



O operador  $Down$  se aplica ao predicado neutro para número e gera o indivíduo gato-espécie.  $Up$  transforma o gato-espécie em suas instanciações.  $AT$  se aplica ao predicado neutro e gera o predicado atômico. E o operador estrela  $*$  toma o predicado atômico e retorna a propriedade neutra para número. A questão é como essas operações são mapeadas no inglês. Embora Chierchia entenda que “Os traços de número (SG/PL) são semanticamente

<sup>8</sup> As línguas variam nos mapeamentos entre as operações e a morfologia. O mandarim inicia pelo indivíduo intensional  $\langle s, e \rangle$ .

significativos no nome, e não têm outro significado em posições funcionais mais altas ou no verbo”,<sup>9</sup> ele também afirma que o morfema de plural em inglês é identidade, ao passo que o vazio,  $\emptyset$ , é a operação AT.<sup>10</sup> O plural diz que há átomos numa quantidade (um e mais de um):

- (8) i.  $SG(P)=P$ , se para qualquer  $u$  se  $P(u)=1$ ,  $\mu_{AT}(P)(u)=1$   
 ii.  $PL(P)=P$ , se para qualquer  $u$  tal que  $P(u)=1$  há um  $n$  tal que  $\mu_{AT}(P)(u)=n$

(CHIERCHIA, 2010, p. 135)<sup>11</sup>

Sua proposta para a derivação sintático-semântica do DP contável em inglês, i.e., *the boy* ('o menino') e *the boys* ('os meninos'), é compatível com a representação em (3) para o sintagma determinante no PB.

Mais interessante para os nossos propósitos é a análise para os nomes nus em posição argumental. O operador Down converte um predicado cumulativo no indivíduo espécie. Ele não é definido para predicados atômicos, i.e., que se aplicam a um único indivíduo. Embora Chierchia não explicita, para chegar a esse resultado, é preciso que o operador Down ocorra após AtP, já que o nome raiz é cumulativo. Assim, em inglês, o SNu não ocorre porque o nome é singular:

- (10) DP [down [ SG boy]] = undefined  
 DP [down [ PL boy]] = <s, e>

O SG gera um predicado atômico, que não é definido para o operador Down, a derivação colapsa e as sentenças em (11b) e (12b) são agramaticais:

- (11) a. Women are brave.  
       'Mulheres são corajosas.'  
 b. \*Woman is brave.  
  
 (12) a. John bought books.  
       'John comprou livros.'  
 b. \* John bought book.

O SNu, em inglês, é um predicado atômico.<sup>12</sup> Essa não pode ser a história para o PB.

9 No original: "Number features (SG/PL) are semantically significant on the noun, and have no meaning on higher functional categories or on the verb" (CHIERCHIA, 2010, p.135).

10 AT é uma operação semântica que se aplica em reticulados estáveis. Intuitivamente, não se aplica a massa.

11 No original: "i.  $SG(P)=P$ , if for any  $u$  if  $P(u)=1$ ,  $\mu_{AT}(P)(u)=1$ " / "ii.  $PL(P)=P$ , if for any  $u$  such that  $P(u)=1$  there is some  $n$  such that  $\mu_{AT}(P)(u)=n$ " (CHIERCHIA, 2010, p. 135).

12 Ver Beviláqua e Pires de Oliveira (2018) para evidências experimentais.

#### 4.2 O SNU E O DEFINIDO SINGULAR: UMA PROPOSTA UNIFICADORA

A literatura já notou que o PB não se encaixa nos moldes do inglês. Para explicar os fatos do PB, boa parte das soluções propõe ambiguidade.<sup>13</sup> Nossa proposta é unitarista e se aproxima de Pires de Oliveira e Rothstein (2011), embora entenda que a denotação do nome no SNU não é massiva, mas contável, a favor de Schmitt e Munn (1999) e Müller (2002). Se o nome no SNU fosse massivo: (i) ele não deveria aceitar plural, mas aceita (*livro-s*); e (ii) não poderia se combinar com numerais sem classificadores, mas se combina (*3 livro versus #3 terra*). No entanto, como discutimos adiante, Pires de Oliveira e Rothstein (2011) têm razão de aproximar o SN do massa nu.

Nesta proposta, a diferença entre o inglês e o PB não está no N raiz, neutro para número, mas no momento em que AT ocorre. No PB, AT ocorre lexicalmente, ou seja, não há uma projeção de número entre o determinante e o nome, como em (3). O número se atarraxa ao determinante e aparece no nome como concordância apenas:

- (13) a. [DP<sub>SG</sub> [iotaSG] [LIVRO<sub>w</sub>]]  
b. [DP<sub>PL</sub> [iotaPL] [LIVRO<sub>w</sub>]]

O morfema zero no artigo introduz uma outra condição de felicidade: esse indivíduo é atômico. O plural, a indicação de que é um ou mais de um:

- (14) a.  $\text{iotaSG} = \lambda f: f(x) \ \& \ \text{AT}(x)$ . o único y tal que  $f(y)$  e  $\text{AT}(y)$ .  
b.  $\text{iotaPL} = \lambda f: f(x) \ \& \ * \text{AT}(x)$ . o único y tal que  $f(y)$  e  $* \text{AT}(y)$ .

Essa proposta gera os resultados esperados para (1) e (2). Ambos são sobre o único indivíduo saliente no contexto; (1) é sobre um único indivíduo, enquanto em (2) o plural denota um indivíduo plural (em que o átomo é a soma consigo mesmo) e dispara uma implicatura de exclusão dos átomos; logo (2) é, em geral, sobre mais de um indivíduo. Essa proposta gera também os resultados esperados para (5) e (6). Nessas sentenças, não há determinante, então não há AT. A atomicidade é uma pressuposição do determinante. O operador Down se aplica a N, um predicado de somas atômicas, e gera o indivíduo espécie:  $[\text{down} \text{ [N]}]$ . Nessa proposta, os pares em (5) e (6) são semanticamente sinônimos, denotam a espécie.

No entanto, Pires de Oliveira e Rothstein (2011) mostram que o SNU se comporta como o massa nu e não como o plural nu; em particular, só o plural nu permite leituras taxônomicas ou existenciais:

- (15) a. Baleia está extinta. (espécie)  
b. Baleias estão extintas. (espécie e subtipos)  
c. Petróleo está extinto.

<sup>13</sup> Ver Pires de Oliveira e de Swart (2015) para ambiguidade gramatical; Taveira da Cruz (2008) e Cyrino e Espinal (2011), para ambiguidade sintática; Rothstein e Pires de Oliveira (no prelo), para ambiguidade lexical.

A interpretação de alguns tipos de baleia está bloqueada para (15a), que, como (15c), só pode ser sobre o indivíduo ou intensional. Além disso, as autoras argumentam que só a sentença em (16a) pode ser verdadeira numa situação em que o falante se refere ao peso, e não ao número de livros individuais. Medir é uma propriedade de nomes de massa:

- (16) a. É muito livro para o João carregar. (medida e contagem)  
 b. São muitos livros para o João carregar. (contagem)

A pesquisa experimental confirma que apenas o SNU permite leitura de medida, mas mostra também que (16a) admite contagem, o que é inesperado se o nome for massivo. O plural nu é exclusivamente de contagem; no SNU, há uma oscilação entre contagem e volume.<sup>14</sup>

O SNU denota sempre a espécie e, em contextos episódicos, denota instâncias, sem a informação sobre atomicidade. Assim, com o SNU o falante está livre para escolher a medida de comparação. Já a presença do plural adiciona a pressuposição de pluralidade e dispara uma implicatura de exclusão dos átomos. O falante veicula, portanto, informação sobre atomicidade. É por isso que, em tarefas de julgamento de quantidade, os falantes interpretam (16b) apenas como o número de indivíduos. Sem a marca, os falantes não estão gramaticalmente guiados para a contagem e a interpretação é livre. A leitura de subespécie é gerada pela exclusão dos átomos que deixa os átomos salientes. Ao excluir os átomos da espécie, o plural mobiliza a estrutura taxonômica, em que a espécie é uma soma de subespécies. As instâncias são os átomos e estão excluídas pragmaticamente. Assim, ao usar (15b), o falante pode estar falando das subespécies. A ausência de qualquer marca de atomização no SNU, à semelhança do que ocorre com o massa nu, faz com que a única possibilidade seja denotar a espécie.

Um efeito colateral dessa proposta é que atomização está ligada ao item lexical no PB. Assim, *quanto* e *muito* exigem cumulatividade e, portanto, não aceitam AT. Se ligam diretamente a N. *Quanto-s* e *muito-s* geram leituras de contagem da mesma maneira que o plural nu, e deixam os átomos salientes.

A proposta desenvolvida parte da ideia de que o PB, como uma língua marcada para número, nasce de um predicado neutro para número. Atomização não é uma operação no predicado como é no inglês, mas uma operação que adiciona uma pressuposição ao determinante. Os nomes nus são gerados diretamente de N via o operador Down, e o plural pressupõe um e mais de um e coloca uma implicatura generalizada de exclusão dos átomos, tornando os átomos salientes. Não há qualquer informação sobre atomicidade no SNU, o que explica o comportamento dos falantes em testes de julgamento de quantidade. Explica também a leitura de subespécie apenas para o plural nu no PB. O predicado sem número aparente, seja em *o menino*, seja no SNU *menino*, denota sempre um predicado neutro para número. No inglês o predicado singular é um predicado atômico. Nesse sentido, esta é uma proposta unitarista.

<sup>14</sup> Ver Beviláqua (2019), entre outros, para revisão da literatura.

## 5 A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Este texto é, antes de mais nada, um estudo não apenas dos parâmetros semânticos, mas principalmente do arcabouço teórico proposto por Chierchia (2010, 2015) aplicado ao PB. A investigação sobre a distribuição e interpretação do plural no PB mostra que, semanticamente, o plural é inclusivo, a distinção *vazio versus plural* é significativa no determinante, mas não é no nominal *nu*. A solução parte da hipótese de que o PB é uma língua marcada para número como o inglês, mas o momento em que AT acontece produz a diferença entre essas gramáticas. No inglês, atomicidade é uma operação sobre o predicado, ao passo que no PB é uma pressuposição do determinante.

Sugerimos que a pressuposição de um e mais de um e a implicatura de exclusão dos átomos associada ao plural é responsável pelas diferenças de interpretação do SNu e do plural *nu*. O SNu não carrega nenhuma informação gramatical sobre atomicidade.

Sem a menor sombra de dúvida, há muito a ser compreendido.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. On the syntax and semantics of DP in Cape Verdean creole. *In*: BAPTISTA, M.; GUÉRON, J. (ed.). *Noun Phrases in Creole Languages: A Multifaceted Approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 61-106.

BEVILÁQUA, K. *A semântica dos sintagmas nominais através das línguas: estudos experimentais sobre a distinção contável-massivo*. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

BEVILÁQUA, K.; PIRES DE OLIVEIRA, R. What do Bare Nouns mean cross-linguistically? Preliminary results. Trabalho apresentado em: *The Count-Mass Distinction - A Linguistic Misunderstanding?* Bochum, Germany. Maio 7-9, 2018.

CHIERCHIA, G. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthèse*, n. 174, p. 99-149, 2010.

CHIERCHIA, G. How universal is the mass/count distinction? Three grammars of counting. *In*: LI, Y.; TSAI, W. (ed.). *Chinese syntax: A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 147-177.

CYRINO, S.; ESPINAL, M.T. Object BNs in Brazilian Portuguese. More on the NP/DP analysis. Paper presented at CSSP 2011, *Le neuvième Colloque de Syntaxe et Sémantique à Paris*. Paris: CNRS, 2011. Manuscrito não publicado.

LIMA, S. *The grammar of individuation and counting*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Massachusetts, Amherst MA, 2014.

MATTOSO CAMARA, J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Vozes: Rio de Janeiro, 1977.

MÜLLER, A. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 1, n. 14, p. 279-298, 2002.

PARAGUASSU-MARTINS, N.; MÜLLER, A. A distinção contável-massivo e a expressão de número no sistema nominal. *DELTA*, v. 23, p. 65-83, 2008.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; CARTURANI, T. The semantics of plural in Brazilian Portuguese. *In*: X Workshop on Formal Linguistics. Porto Alegre, RS, Brasil. 2014. Disponível em: <https://sites.google.com/site/workshopformalinguistics/wfl-ufrgs-program>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; DE SWART, H. Brazilian Portuguese Noun Phrases: an optimality theoretic perspective. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 13, p. 63-94, 2015.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; ROTHSTEIN, S. Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, p. 2153-2175, 2011.

ROTHSTEIN, S.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Comparatives in Brazilian Portuguese: Counting and measuring. *In: MOLTMAN, F. (ed.). Mass and Count in Linguistics Philosophy, and Cognitive Science*. John Benjamins: Amsterdam. No prelo.

SCHMIDT, C.; MUNN, A. Against the nominal mapping parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. *Proceedings NELS*, 29, p. 339–353, 1999.

QUADROS GOMES, A. P.; SANCHEZ MENDES, L. *Para conhecer semântica*. Contexto: São Paulo, 2019.

SAUERLAND, U. A new semantics for number. *In: YOUNG, R.; ZOU, Y. (ed.). Salt 13*, v. 13, p. 258-275, 2003.

SPECTOR, B. Aspects of the pragmatics of plural morphology. *In: SAUERLAND, U.; BUTLER, A.; STATEVA, P. (ed.). Presupposition and Implicature in compositional semantics*. Basingtoke: Palgrave Macmillan, 2007. p. 243-281.

TAVEIRA DA CRUZ, R. *O singular nu e a (pseudo) incorporação no PB*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

*Squib* convidado.

Recebido e aceito em 4 de junho de 2020.



***SQUIBS***

*SQUIBS*

*SQUIBS*





# ADVÉRBIOS DE DOMÍNIO: ESCOPO E CONSTITUÊNCIA

---

MARIA JOSÉ FOLTRAN\*  
DÉBORA GANDRA DE SOUZA\*\*

---

## RESUMO

Este *squib* encaminha algumas questões referentes à análise dos advérbios de domínio, em contextos de modificação de adjetivos, principalmente. Comparamos esses advérbios com modificadores de grau e, por meio de alguns testes, chamamos a atenção para o seu comportamento peculiar. Procuramos demonstrar que suas propriedades carecem ainda tanto de uma análise semântica que distinga a interpretação de sentenças que apresentam esses advérbios em diferentes contextos sintáticos, como também de uma análise sintática que explique, por meio de divisão dos constituintes, o seu escopo dentro da sentença.

**Palavras-chave:** modificação adverbial, advérbios de domínio, intensificadores

## ABSTRACT

This squib raises some questions concerning the analysis of domain adverbs, mostly in the context of adjective modification. We compare these adverbs with degree modifiers and, through tests, highlight their particular behavior. We aim to demonstrate that the features of domain adverbs lack both a semantic analysis that distinguishes the interpretations of sentences with distinct syntactic contexts these adverbs may appear in, and a syntactic analysis that explains, by constituent division, their scope within these sentences.

**Keywords:** adverbial modification, domain adverbs, intensifiers

---

\* Universidade Federal do Paraná, UFPR. Professora e pesquisadora do CNPq, processo 306559/2013-7, e-mail: mariajose.foltran@gmail.com.

\*\* Universidade Federal do Paraná, UFPR. Pesquisadora em nível de Iniciação Científica (PIBIC), e-mail: debgandra@hotmail.com.

Agradecemos os comentários de dois pareceristas anônimos que nos ajudaram a melhorar o texto. Os equívocos que permaneceram são de nossa inteira responsabilidade.

## 1 A MODIFICAÇÃO ADVERBIAL DE ADJETIVOS

Embora os advérbios sejam, em geral, relacionados mais fortemente com a modificação de verbos, sabemos que eles podem figurar como modificadores de outras classes de palavras. Neste trabalho, vamos focar especialmente a atuação dos advérbios em *-mente* na projeção estendida dos sintagmas adjetivais (AP), tanto quando esses sintagmas estão em função predicativa como quando estão dentro dos limites de um sintagma nominal. Nossa meta é investigar o comportamento e as propriedades dos advérbios de domínio, especificamente, pois percebemos que esses itens se apresentam com uma mobilidade singular, que não é observada, por exemplo, em advérbios intensificadores quando modificam adjetivos.

Nossa meta aqui é contrapor exemplos como os que aparecem em (1) e (2).

- (1) a. Este filme é **extremamente** interessante.  
 b. Um filme **extremamente** interessante prende a atenção da menina.
- (2) a. Esses exemplos são **linguisticamente** interessantes.  
 b. Exemplos **linguisticamente** interessantes são analisados neste livro.

Em (1), o advérbio *extremamente* está na projeção estendida de um AP, veiculando uma interpretação de intensificação, ou seja, atua de forma gradual sobre o adjetivo: o filme é avaliado num grau máximo da escala projetada por *interessante*. Assumimos aqui, seguindo Kennedy e McNally (2005), que o adjetivo teria uma projeção funcional de grau (DegP) e que itens responsáveis por essa intensificação integrariam essa projeção. Podemos afirmar, então, que, em (1a), o constituinte [*extremamente interessante*] está em posição predicativa — o advérbio, portanto, está na projeção estendida do AP. O mesmo se pode dizer de (1b), embora nesse caso o AP [*extremamente interessante*] esteja circunscrito ao sintagma nominal [*um filme extremamente interessante*].<sup>1</sup> Para comprovarmos essa constituição, vamos usar estruturas de clivagem — só é possível clivar uma expressão que forma um constituinte.<sup>2</sup>

- (1') a. **É extremamente interessante** que esse filme é.  
 b. \***É interessante** que esse filme é extremamente.  
 c. \***É extremamente** que esse filme é interessante.

1 Foltran e Souza (em submissão) denominam esses advérbios de “modificadores graduais”. Podem ser incluídos nessa classe advérbios como *notavelmente*, *altamente*, entre outros. Ver também Foltran e Nóbrega (no prelo), que optam pela terminologia “modificadores intensificadores”.

2 Vamos usar a notação \* para exemplos inaceitáveis e # para exemplos que são aceitáveis, mas não na leitura relevante.

- (1'') a. É **um filme extremamente interessante** que prende a atenção da meninada.  
 b. #É **um filme** que prende a atenção da meninada extremamente interessante.  
 c. #É **um filme interessante** que prende a atenção da meninada extremamente.<sup>34</sup>

Já em (2), temos um advérbio de domínio (ou advérbio de circunscrição), que restringe o domínio de referência, ou seja, os *exemplos interessantes* estão circunscritos ao domínio da linguística. Se estendermos a análise de constituência que propusemos para (1) aos exemplos em (2), temos, em (2a), os constituintes [*linguisticamente interessantes*] e, em (2b), [*exemplos linguisticamente interessantes*]. Parece, no entanto, que *linguisticamente* não atua exatamente sobre o adjetivo *interessantes*, mas apenas cria o domínio discursivo em que *exemplos interessantes* deve ser interpretado. Os exemplos em (3) ampliam a base empírica desse tipo de advérbio.<sup>5</sup>

- (3) a. Esses cortes no orçamento são **politicamente** prejudiciais.  
 b. Nesse ponto, a escalada fica **fisicamente** desafiadora.  
 c. Ela é uma pessoa **espiritualmente** evoluída.  
 d. As propostas do João são **financeiramente** corretas, mas **moralmente** erradas.

Ao dizermos que, em (2b), *linguisticamente* atua sobre *exemplos interessantes* e não somente sobre *interessantes* precisaríamos explicitar uma estrutura do sintagma nominal que justificasse o escopo do advérbio sobre *exemplos interessantes*. Este é o principal quebra-cabeça que este *squib* levanta.<sup>6</sup>

Vamos primeiramente expor o que entendemos por intensificação e, em seguida, apresentar com mais detalhes as propriedades dos advérbios de domínio. Numa segunda etapa, apresentamos testes que comprovam a diferente atuação desses advérbios na sentença e levantamos questões e problemas para a sua análise. Mostramos que os advérbios de domínio têm uma mobilidade que não é constatada nos advérbios intensificadores, por exemplo. Isso traz desafios para estabelecermos o seu escopo dentro dos contextos em que ocorrem.

3 Observa-se que em (1''b) *extremamente interessante* se aplica à expressão *meninada*. Em (1''c), se o exemplo for aceitável, só podemos interpretar *extremamente* como relacionado ao verbo: *prende extremamente*.

4 Um dos pareceristas levanta a hipótese de que *extremamente* poderia pertencer à projeção estendida de V, sendo adjungido ao especificador de uma projeção acima da *small clause*. Com a subida da cópula (ou sua inserção) acima do advérbio, a impressão é de que o advérbio estaria adjungido a *interessante*. Não achamos essa hipótese plausível, pois todos os testes nos levam a constatar a adjacência do advérbio ao adjetivo. Além da questão interpretativa, outra sentença sem cópula, como *Ele chegou extremamente irritado*, envolvendo agora uma predicação secundária, também nos leva a interpretar *extremamente* como modificador do adjetivo e não do verbo. De qualquer maneira, essas são questões interessantes suscitadas pelos dados em pauta. Uma análise à la Cinque (2010) poderia lançar luzes a essas questões. Este aprofundamento, entretanto, foge ao objetivo deste *squib*.

5 Por questões de espaço, usamos em (3) somente exemplos com adjetivos predicativos, conforme (2a). No entanto, é possível transpor o adjetivo e esse tipo de advérbio modificador dentro dos limites de um sintagma nominal (*Cortes de orçamento politicamente prejudiciais assustam os candidatos*).

6 Agradecemos a um dos pareceristas por mostrar que a questão não estava suficientemente explicitada.

## 2 INTENSIFICADORES E ADVÉRBIOS DE DOMÍNIO

A intensificação pode ser expressa por um grande número de palavras e estruturas. Alguns advérbios fazem parte desse grupo: *extremamente*, *imensamente*, *altamente*, *muito*, etc. Vamos aqui nos ater aos advérbios em *-mente*. O uso desses itens produz o efeito de intensificação: modificam palavras que são, de alguma forma, graduais.<sup>7</sup> Por exemplo, algo pode ser mais ou menos interessante, mais ou menos bonito ou mais ou menos difícil. Além do efeito de intensificação, o seu uso também mostra o envolvimento do falante, adicionando uma dimensão emotiva e subjetiva ao discurso (PARADIS, 2001; ATHANASIADOU, 2007). Athanasiadou (2007) aborda as marcas intensificadoras como marcas de subjetividade, fenômeno multifacetado que tem consequências importantes na descrição linguística. Para a autora, a intensificação se liga à expressão e também à ativação da subjetividade. Sintaticamente, podemos observar que, no domínio adjetival, os advérbios intensificadores aparecem antepostos.<sup>8</sup> Observe que um advérbio como *altamente* só pode ocorrer em contextos de intensificação e, portanto, anteposto ao adjetivo, como ilustra (4a). O exemplo (4b) comprova que *altamente* não modifica verbo e (4c) mostra que não pode ser usado como modificador oracional ou de ato de fala.

- (4) a. Esse experimento é **altamente** perigoso.<sup>9</sup>  
 b. \*Ela cantava **altamente**.  
 c. \***Altamente**, ele bradou sua angústia.

Alguns advérbios em *-mente*, portanto, ficam restritos a esse papel de intensificação.<sup>10</sup>

Falemos agora um pouco sobre os advérbios de domínio, chamados também de advérbios de circunscrição. Ernst (2001) define advérbios de domínio como aqueles que têm como função a restrição do conjunto de eventos descritos ao subconjunto daqueles caracterizados como pertencentes a um domínio específico. De acordo com o autor, esses advérbios representam dimensões pragmáticas sob as quais o predicado é interpretado. Por exemplo, em (2a), o advérbio *linguisticamente* restringe os exemplos interessantes àqueles que são interessantes no campo linguístico; em (3b), a escalada se torna mais desafiadora apenas no campo físico, e assim sucessivamente. Ernst (2004) trabalha com advérbios de domínio, procurando explicar a ampla distribuição desses itens por meio dos mecanismos da sua teoria de base semântica (*semantic-based theory*). Como primeiro passo, o autor distingue duas leituras possíveis dos advérbios de domínio: a leitura *pure domain* (como nos exemplos (1) e (2)); e a leitura *means-domain* (como em (5)).

7 Há uma ampla literatura a esse respeito. Sugerimos Kenedy e McNally (2005), como leitura inicial.

8 Essa parece ser uma propriedade translinguística, mas demanda ainda muita pesquisa. Certamente, isso não pode ser afirmado para o domínio verbal.

9 Um dos pareceristas objetou nossa afirmação sobre a questão da ordem dos intensificadores com o seguinte exemplo: (i) *Essas medidas foram criticadas altamente pelos especialistas*. Pelas consultas que fizemos, é uma sentença de baixa aceitabilidade. De qualquer forma, criticadas é um deverbial e talvez isso intervenha na aceitabilidade da expressão. Por sua vez, *\*Esse experimento é perigoso altamente* seria inquestionavelmente inaceitável.

10 Mais a esse respeito, ver Foltran e Souza (em submissão).

- (5) a. O joelho dele será removido **cirurgicamente**.  
 b. Ela sempre reage **dramaticamente**.  
 c. Ele reagiu **teatralmente**.

Os exemplos em (5) apresentam advérbios de domínio na leitura *means-domain*, em que o advérbio designa o meio pelo qual se dá a ação e assume, portanto, uma função de modo. Em (5a), *cirurgicamente* não especifica um campo ou domínio em que será feita a cirurgia, mas antes o modo; em (5b) e (5c) (em sua leitura mais imediata) a reação não se dá no campo dramático ou teatral, mas antes de modo dramático ou teatral.

Nosso interesse aqui se volta para os contextos em que esses advérbios apresentam a leitura *pure domain*. Ernst (2004) apresenta a fórmula IN-X-DOMAIN, sob a qual esses advérbios seriam interpretados, e que permite que o advérbio modifique qualquer item que esteja sob o seu escopo (que seja c-comandado por ele), de forma a se explicar a sua ampla distribuição. O "X" na fórmula se refere ao adjetivo que compõe a raiz do advérbio (e.g. *linguisticamente* seria interpretado como IN-LINGUISTIC-DOMAIN).

Por fim, o autor apresenta na escolha do elemento "IN" uma explicação para o caráter extremamente pragmático dos advérbios de domínio, que possuem uma semântica mais aberta, podendo modificar qualquer entidade contextualmente saliente associada ao evento modificado na sentença. A única restrição apresentada é que a entidade descrita como "X" deve poder caracterizar naquele evento específico (vide (6)).

- (6) a. **Politicamente**, eles evoluíram.  
 b. \***Politicamente**, eles são trabalhadores.  
 c. \***Politicamente**, eles votaram.

Considerando essa contribuição de Ernst, este trabalho investiga como se dá a interação entre os advérbios de domínios e seu efeito de modificação.

### 3 QUESTÕES E PROBLEMAS

Nesta seção, vamos apresentar alguns testes que comprovam que advérbios de domínio têm comportamento diferente dos advérbios intensificadores. Vamos abordar, especificamente, três pontos: a interpretação, a ordem em relação ao elemento modificado e a modificação de grau e sentencial.

Como já dissemos, os advérbios de domínio, diferentemente dos intensificadores, mostram certa mobilidade que não é possível constatar entre os advérbios intensificadores.

- (7) a. Ele estava <sup>ok</sup>**extremamente/politicamente** irritado.  
 b. Ele estava irritado <sup>ok</sup>**\*extremamente/politicamente**.  
 c. <sup>ok</sup>**\*Extremamente/politicamente**, ele estava irritado.

Percebe-se em (7a) que o advérbio *extremamente* intensifica o adjetivo *irritado* e, dada a inaceitabilidade de *extremamente* em (7b), precisa estar anteposto a ele.<sup>11</sup> *Extremamente* é um advérbio tipicamente intensificador e não se habilita a fazer uma modificação sentencial, como se pretende em (7c). Façamos um contraponto de (7) com (8) e (9).

- (8) a. Ele não tinha a aparência de ser uma pessoa **mentalmente** desajustada.  
 b. Ele não tinha a aparência de ser uma pessoa desajustada **mentalmente**.  
 c. **Mentalmente**, ele não tinha a aparência de ser uma pessoa desajustada.
- (9) a. A equipe é **politicamente** difícil de ser administrada.  
 b. A equipe é difícil **politicamente** de ser administrada.  
 c. **Politicamente**, a equipe é difícil de ser administrada.

Enquanto a interpretação de *extremamente* está sem sombra de dúvidas relacionada à intensificação, *mentalmente* e *politicamente* marcam o domínio em que a sentença deve ser interpretada, ou seja, circunscrevem o desajuste ao domínio mental da pessoa e a possibilidade de ser administrada ao domínio político da equipe. O que chama a atenção, no entanto, é a dificuldade de descrevermos uma diferença semântica entre advérbios do tipo *extremamente* e advérbios do tipo *politicamente*. Pode-se afirmar que, enquanto os advérbios intensificadores carregam a subjetividade do falante, advérbios de domínio não apresentam essa relação (CASTROVIEJO, 2008). Poderíamos propor, inclusive, que os advérbios de domínio não podem ser modificados por expressões de grau.

- (10) A equipe é **muito** politicamente difícil de ser administrada.

O advérbio *muito*, um intensificador típico, modifica o adjetivo *difícil* em (10) e não o advérbio de domínio. A inaceitabilidade dos exemplos em (11) comprova isso, ou seja, advérbios de domínio não são graduais.<sup>12</sup>

- (11) a. \*A equipe é difícil **muito** politicamente de ser administrada.  
 b. \***Muito** politicamente, a equipe é difícil de ser administrada.

O que instiga o debate que estamos propondo aqui é saber se o advérbio de domínio, quando usado em diferentes contextos sintáticos, realmente integra constituintes diferentes. Tomando os exemplos (9) como base, seríamos levados a propor que, em (9a), *politicamente* integra o constituinte predicativo [*politicamente difícil de ser administrada*] ou [*difícil politicamente de ser administrada*], em (9b). Já em (9c), *politicamente* modifica a sentença como um todo. No entanto, se nossas intuições estão no caminho certo,

11 Esse exemplo pode ser aceitável se fizermos uma pausa antes de *extremamente*. Nesse caso, estaremos isolando o advérbio do adjetivo.

12 Um parecerista sugeriu os exemplos a seguir como um teste que vai ao encontro do que estamos afirmando:

- (i) A equipe é **muito** politicamente difícil de ser administrada, não pouco difícil. (escopo sobre *difícil*)  
 (ii) \*/?A equipe é **muito** politicamente difícil de ser administrada, não pouco politicamente. (escopo sobre *politicamente*).

não há evidências interpretativas que fundamentem os constituintes propostos. Nos três exemplos, o advérbio circunscreve um domínio de interpretação: a equipe é difícil de ser administrada no âmbito político. Nesse caso, os advérbios de domínio não modificam os adjetivos em si, mas constituem pano de fundo para a sentença como um todo. Isso não seria uma exclusividade desses advérbios. Há advérbios que são inequivocamente de modo ou maneira e que, independentemente da posição que ocupam, veiculam sempre a mesma leitura. Vejamos alguns exemplos com *vagarosamente*.

- (12) a. **Vagarosamente**, ela andava pelo parque todas as manhãs.  
 b. Ela andava **vagarosamente** pelo parque todas as manhãs.  
 c. Ela anda pelo parque todas as manhãs **vagarosamente**.

No entanto, a nossa proposta de considerar os advérbios de domínio sempre como advérbios sentenciais encontra problemas quando esses advérbios estão inseridos dentro de um sintagma nominal.

- (13) [Uma equipe **politicamente** difícil de ser administrada] não contribui em nada.

Em relação a (13), a questão crucial é a seguinte: se *politicamente* circunscreve o domínio para *equipe difícil de ser administrada*, como podemos, na formação do constituinte isolado em (13), recuperar a estrutura em que *equipe* figure sob o escopo de *politicamente*? Uma análise mais apurada da estrutura do sintagma nominal precisaria ser explorada.

Dadas as questões apontadas nos exemplos anteriores, levantamos dois problemas para a análise dos advérbios de domínio. O primeiro é encontrar uma descrição semântica que diferencie a interpretação dos exemplos em (7), (8) e (9). O segundo é propor uma estrutura sintática que explique o escopo desses advérbios na interpretação ou nas interpretações assumidas, principalmente quando esses advérbios figuram dentro de um sintagma nominal. Entendemos que esses fatos podem suscitar novas e interessantes pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ATHANASIADOU, A. On the subjectivity of intensifiers. *Language Sciences*, v. 29, Elsevier, p. 554-565, 2007.
- CASTROVIEJO, E. Adverbs in restricted configurations. In: BONAMI, O.; HOFHERR, P. C. (ed.). *Empirical Issues in Syntax and Semantics 7*, 2008. p. 53-76.
- CINQUE G. *The syntax of adjectives: a comparative study*. Cambridge, Mass.: MIT PRESS, 2010.
- ERNST, T. Domain adverbs and the syntax of adjuncts. In: AUSTIN, J.; ENGELBERG, S.; RAUH, G. (ed.). *Adverbials: the interplay between meaning, context, and syntactic structure*. John Benjamins, 2004. p. 103-129.
- ERNST, T. *The syntax of adjuncts*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.
- FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. A. Por uma taxonomia dos modificadores do português brasileiro. In: TESCARI NETO, A.; GOMES, A. (ed.). *Sintaxe e Semântica dos adjetivos e advérbios*. Campinas, Pontes. No prelo.
- FOLTRAN, M. J.; SOUZA, L. M. Advérbios em *-mente* modificando adjetivos em português brasileiro: modificação gradual e conteúdo expressivo. Em submissão.
- ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (org.). *Gramática do português falado: a ordem*. v. 1. Campinas: Edunucamp, 1990. p. 63-141.
- KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.
- PARADIS, C. Adjectives and boundedness. *Cognitive Linguistics*, v. 12, p. 47-65, 2001.

*Squib* recebido em 30 de março de 2020.

*Squib* aceito em 29 de abril de 2020.



# PROSÓDIA E SINTAXE/SEMÂNTICA

---

JOSÉ BORGES NETO\*

---

## RESUMO

Aparentemente, os enunciados escritos são mais ambíguos do que os enunciados orais e, segundo opinião corrente, a prosódia seria um importante elemento desambiguador. Nossa questão se prende à falta de indicações claras sobre o modo como a prosódia se relaciona com as estruturas sintáticas e semânticas de forma a eliminar — ao menos parcialmente — as ambiguidades estruturais. Tomamos como exemplo uma sentença escrita que pode ter cinco leituras, na medida em que pode se estruturar sintaticamente de cinco formas distintas, e buscamos problematizar a opinião de que a prosódia poderia reduzir a ambiguidade da sentença pela associação de perfis melódicos específicos para cada leitura identificada.

**Palavras-chave:** ambiguidades, prosódia, desambiguação, sentenças faladas e escritas

## ABSTRACT

Apparently, the written statements are more ambiguous than the oral statements and, according to current opinion, prosody would be an important disambiguating element. Our question is related to the lack of clear indications on how the prosody relates to syntactic and semantic structures in order to eliminate — at least partially — structural ambiguities. We take as an example a written sentence that can have five readings, in that it can be structured syntactically in five different ways, and we seek to problematize the opinion that the prosody could reduce the ambiguity of the sentence by the association of specific prosodic structures for each reading identified.

**Keywords:** ambiguities, prosody, disambiguation, oral and written sentences

---

\* Universidade Federal do Paraná, UFPR, e Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Professor titular sênior, e-mail: borgesnetojose@gmail.com.

Em 1999, publiquei um pequeno texto que, entre outras coisas, abordava as ambiguidades apresentadas pela sentença *O ladrão tirou a chave da porta da frente*, apresentada na forma escrita.<sup>1</sup> O texto retomava uma comunicação que fiz no I Simpósio Nacional de Estudos Linguísticos (SNEL), realizado em João Pessoa, na UFPB, em 1997.

A escolha da sentença analisada se deveu a dois eventos, distintos e relacionados: (i) escolhido por acaso para um exercício de reconhecimento de ambiguidades estruturais numa aula de semântica na graduação em Letras da UFPR, o exemplo teve três leituras distintas identificadas; (ii) curioso com o resultado, resolvi processar o exemplo num analisador sintático, escrito em PROLOG por meus alunos de linguística computacional<sup>2</sup>, que tinha por finalidade justamente reconhecer ambiguidades estruturais.

Para minha surpresa, o programa propôs cinco possibilidades de organização sintática (e semântica) para a sentença. As estruturas eram as seguintes:

- (1) O ladrão TIROU (a chave) (da porta da frente)
- (2) O ladrão TIROU (a chave da porta da frente)
- (3) O ladrão TIROU (a chave da porta) (da frente)
- (4) O ladrão TIROU {a [(chave da porta) (da frente)]}
- (5) O ladrão TIROU (a chave) (da porta) (da frente)

Em todos os casos afirma-se que há um ladrão e que ele tirou algo. O que muda é o objeto que foi tirado e o lugar de onde foi tirado.

Em (1), o ladrão tira a chave que estava na porta da frente (*paráfrase*: havia uma chave na porta da frente e o ladrão a tirou). O objeto tirado é a chave e o lugar de onde foi tirado é a porta da frente.

Em (2), o ladrão tira, de algum lugar não explicitado, a chave da porta da frente (*paráfrase*: havia uma chave da porta da frente e o ladrão a tirou de algum lugar). O objeto tirado é a chave da porta da frente e o lugar de onde ele é tirado está omitido. O ladrão poderia ter tirado a chave do bolso, por exemplo.<sup>3</sup>

1 Ver Borges Neto (1999).

2 Entre os anos 1989 e 2000, lecionei uma disciplina de linguística computacional, obrigatória, no Bacharelado em Computação da UFPR.

3 Um dos avaliadores comentou que essa estrutura fere a subcategorização do verbo *tirar*, que seria “tirar (algo) (de algum lugar)”. Suponho que sim. Mas me parece muito frequente que as subcategorizações sejam desobedecidas sempre que algum elemento seja saliente no contexto. Suponhamos um filme em que aparecem em cena um ladrão e seu cúmplice; o ladrão remexe no bolso, tira uma cópia da chave da porta da frente e a mostra ao cúmplice. Um narrador poderia perfeitamente dizer: “o ladrão tirou a chave da porta da frente e a mostrou ao cúmplice”, ou seja, o lugar de onde a chave foi tirada é dado pelo contexto.

Em (3), há uma chave da porta e o ladrão a tira da frente (*paráfrase*: o ladrão tira da frente — passa para trás ou para o lado — a chave da porta). O objeto tirado é a chave da porta e o lugar de onde é tirado tem a ver com a localização espacial da chave com relação ao ladrão: a chave é retirada da frente do ladrão e colocada em alguma outra posição.

Em (4), há mais de uma chave da porta e o ladrão tira a que está na frente (*paráfrase*: dentre as várias chaves da porta, o ladrão tira a que está na frente). O objeto tirado é a chave da porta que está na frente (é a primeira numa série de pelo menos duas chaves da porta) e o lugar de onde é tirado está omitido.

A diferença entre (3) e (4) é o escopo do predicado *da frente*: em (3) é um adverbial locativo e predica o evento (o ladrão tira; tira a chave da porta; tira da frente); em (4) é um qualificador e predica *chave da porta* (a chave da porta que o ladrão tira é a chave da porta que está na frente). Essa interpretação (4) não se confunde com (1), já que em (1), mesmo sendo um qualificativo, a expressão *da frente* predica *porta* e não *chave da porta*.

O caso de (5) merece alguns comentários. Em primeiro lugar, não foi possível encontrar uma leitura adequada para ele. O problema está no lugar de onde a chave — que é o objeto — foi tirada. Tanto a porta quanto a posição espacial da chave relativamente ao ladrão são possibilidades, mas o lugar de onde a chave foi tirada não pode ser, ao mesmo tempo, a porta e a frente do ladrão. Mas se tivéssemos algum outro tipo de adverbial no lugar de *da frente* (por exemplo, um adverbial de modo ou de tempo), a coexistência de duas posições adverbiais seria plenamente possível:

(6) O ladrão TIROU (a chave) (da porta) (discretamente).

(7) O ladrão TIROU (a chave) (da porta) (de manhã).

Ou seja, a estrutura localizada pelo programa, com dois adverbiais, é possível, embora não com dois indicadores de lugar.<sup>4</sup>

Essa é basicamente a análise da sentença que está no texto de 1999, embora eu a tenha ampliado e detalhado melhor aqui.

Na sequência, não quero refletir sobre relações entre sintaxe e semântica, como fiz em 1997 (e em 1999), mas sobre relações entre a fonologia (particularmente, a prosódia) e a sintaxe/semântica.<sup>5</sup>

4 Talvez o impedimento, mas isso é apenas uma impressão, seja quanto à coexistência de dois adverbiais de mesmo tipo. Por exemplo, ?O ladrão TIROU (a chave) (de manhã) (à noite).

5 Deixo claro, desde já, que não sou fonólogo nem foneticista e que, desde há muito tempo, estou distante das questões de fonética e de fonologia (em particular das questões relativas à prosódia). Aproveito para agradecer aos dois avaliadores que emitiram pareceres favoráveis à publicação deste texto, não só pelos comentários sempre pertinentes, mas também por algumas sugestões de leituras que, certamente, me serão úteis.

Muita gente tem me advertido que essas ambiguidades estruturais só existem na escrita e que, se a sentença for falada, a prosódia fatalmente vai decidir o significado pretendido pelo falante. Entendo e concordo (em parte) com a advertência.<sup>6</sup> Mas isso coloca uma série de outras questões e é com essas questões que quero me ocupar no restante do texto.

Em primeiro lugar, quero problematizar a afirmação de que nosso exemplo é uma *sentença*. Na verdade, parece tratar-se, de início, apenas de uma *cadeia de símbolos*. Essa cadeia de símbolos só passa a ser uma sentença ao receber uma estrutura de constituintes, o que me permite dizer que estamos diante de uma cadeia de símbolos que pode se tornar quatro sentenças diferentes.<sup>7</sup> Como cada uma das quatro sentenças parece ter um significado próprio, diferente dos significados das outras três, posso dizer que cada sentença representa um evento distinto em que o objeto do verbo (o objeto tirado pelo ladrão) e/ou a ação praticada pelo ladrão (o “de onde” tira e o que faz com o objeto) não são idênticos.

Se for possível dizer, então, que cada uma das quatro sentenças pode ser identificada por meio de um conjunto particular de marcas prosódicas que a singularizam quando pronunciada, posso pensar numa relação mais forte entre a prosódia e a sintaxe/semântica.<sup>8</sup>

Meu raciocínio é o seguinte:

- 1 Quando o falante pronuncia ou escreve a expressão *o ladrão tirou a chave da porta da frente*, ele faz duas coisas: produz uma cadeia de símbolos e pretende relatar um dentre quatro eventos possíveis. Ou seja, o falante tem alguma intenção comunicativa — clara para ele, mas não necessariamente para os ouvintes — associada com a produção da cadeia.
- 2 O falante pretende, também, que o ouvinte chegue à interpretação “correta” de sua intenção. Isso é, ele pretende que o ouvinte identifique adequadamente o evento que está sendo relatado.
- 3 Se a gramática internalizada do falante e do ouvinte é a mesma, ambos serão capazes, idealmente, de identificar as quatro sentenças que podem resultar da cadeia de símbolos produzida.

---

6 Obviamente, como sugere um dos avaliadores, haverá sentenças ambíguas na escrita que continuarão ambíguas na fala. Minha questão central é quanto dessas ambiguidades presentes na escrita podem ser resolvidas na fala, pela prosódia, e como isso seria feito.

7 Estou ignorando a estrutura (5), já que aparentemente ela só pode ser aplicada a cadeias de símbolos parcialmente diferentes do nosso exemplo inicial.

8 Parece claro para mim que um leitor não conseguirá entender adequadamente um texto escrito sem projetar nele uma estrutura prosódica. Talvez o único jeito de sabermos se alguém consegue ler e interpretar um texto seja o de pedirmos que ele leia o texto em voz alta, quando necessariamente terá que escolher uma estrutura prosódica e transformar em sentenças o que inicialmente são apenas cadeias de símbolos. Em Cagliari (1996, p. 47), encontramos afirmação no mesmo sentido.

- 4 Então, ao pronunciar a cadeia de símbolos, o falante busca indicar — também idealmente — qual das possíveis sentenças está sendo realizada. Como não é possível pensar que o falante indique *diretamente* a estrutura de constituintes que tornará a cadeia uma sentença, ele só pode fazê-lo, *indiretamente*, por meio de recursos suprasegmentais.<sup>9</sup>
- 5 Logo, deve haver algum conjunto de regras prosódicas que marquem a estrutura de constituintes de uma sentença pronunciada. Por outro lado, a ideia de que não existiriam marcas prosódicas claras que determinem a estrutura de constituintes tem como consequência a conclusão de que a ambiguidade na fala é tão grande quanto a ambiguidade na escrita — e que a advertência de que a pronúncia resolve a ambiguidade não faz sentido.

Os trabalhos que conheço<sup>10</sup> que tratam da prosódia fazem basicamente uma das seguintes coisas: (i) abordam fenômenos suprasegmentais relacionados a palavras (acentos, tons etc.); (ii) estudam o papel da prosódia relacionada aos “tipos” de enunciados (afirmações, perguntas abertas, perguntas sim-ou-não etc.); (iii) estudam alguns poucos processos sintáticos que exigem prosódias específicas (topicalização, focalização etc.); ou (iv) estudam a presença da prosódia como um elemento discursivo, textual (Luiz Carlos Cagliari, por exemplo, faz a seguinte afirmação: “Sua [da prosódia] função precípua está no nível do texto, do discurso” (CAGLIARI, 1996, p. 50)).<sup>11</sup>

Invariavelmente, quando tratam de sentenças, esses trabalhos partem de estruturas sintáticas já descritas. Por exemplo, diante de sentenças como *o ladrão tirou a chave da porta da frente*, o primeiro passo é o de estabelecer as árvores sintagmáticas relacionadas às diversas leituras. Vou exemplificar só com os casos (1) e (2), que poderiam apresentar as seguintes estruturas de constituintes:

(1') {{[O ladrão] [TIROU (a chave) (da porta da frente)]]}

(2') {{[O ladrão] [TIROU (a chave da porta da frente)]]}

As parentetizações de (1') e (2') indicam as fronteiras de constituintes e as distintas prosódias que poderiam distinguir as duas leituras seriam associadas às fronteiras demarcadas. Assim, em (1'), temos a possibilidade de um evento prosódico (uma marca prosódica, como uma pausa, por exemplo) entre *ladrão* e *tirou* ou entre *chave* e *da porta*, já que nesses lugares há

9 Certamente, se consciente da ambiguidade da sentença, o falante poderá enunciar — em substituição ou como correção adicional — outra sentença que esclareça o sentido pretendido.

10 Os poucos que conheço.

11 Não posso deixar de registrar que Cagliari (1996) não ignora a possibilidade de que marcas prosódicas estabeleçam distinções sintáticas frásticas. Ele analisa rapidamente casos de predicados secundários (caso 1, p. 51) ou casos de tópicos (caso 2, p. 52). Embora Cagliari não avance muito na questão, a seguinte afirmação mostra que ele já prevê algo como o que estamos propondo aqui: “[U]ma das funções dos elementos prosódicos é unir ou romper a ligação que uma palavra tem com outra, ou que grupos de palavras têm entre si” (CAGLIARI, 1996, p. 62).

uma fronteira de constituintes. Já em (2'), uma pausa (ou algo semelhante) entre *chave* e *da porta* ficaria, pelo menos, estranha: a ausência de uma fronteira de constituintes levaria a supor que nada há a ser marcado aqui.

Enfim, as marcações prosódicas correspondem a fronteiras entre constituintes sintáticos preestabelecidos. Essa posição assume a proposta chomskiana de que a sintaxe é o componente central, e a reforça, ligando a sintaxe à semântica, de um lado, e à fonologia pelo outro lado.<sup>12</sup>

Nada contra essa posição, se estivermos pensando em competência. Mas, no processo comunicativo, certamente incremental, a interpretação dada ao enunciado pelo ouvinte não pode esperar que o enunciado se complete e que a estrutura sintática fique disponível, e deve, portanto, levar em consideração algum outro tipo de recurso interpretativo, entre os quais as eventuais marcas prosódicas que evidenciem a intenção do falante.

Minha proposta (minha provocação, na verdade) é que se inverta a direção. Como hipótese, estou propondo que é a prosódia que dá estrutura de constituintes às cadeias de símbolos. Que é a prosódia que *determina* a estrutura de constituintes.<sup>13</sup> E que, portanto, em alguns casos ao menos, a prosódia não se guia por estruturas sintáticas preexistentes, mas é a estrutura sintática que se guia pelas marcas prosódicas.

Diante dessa hipótese, as questões a serem abordadas pelos estudos da prosódia da sentença poderiam (deveriam?) ser outras:

- 1 Em que consistiria a eventual estrutura prosódica que, aplicada a uma cadeia de símbolos, resultaria numa sentença? Como um foneticista descreveria a pronúncia particular de cada uma de nossas sentenças, por exemplo?
- 2 Qual a natureza "física" das marcas prosódicas que determinam a estrutura de constituintes? Seriam pausas? Seriam variações de frequência que marcariam fronteiras de grupos tonais? Seriam diferentes intensidades? O que seriam? Adianto minha impressão (não mais do que isso) de que, em casos como o de (4), parece haver algum tipo de focalização na expressão *da frente*, que a destaca do restante.

<sup>12</sup> Certamente, há exceções. Mark Steedman (2000), por exemplo, propõe que é a prosódia que seleciona uma leitura semântica dentre todas as derivações permitidas pelas regras sintáticas numa gramática categorial combinatória (GCC) e que, portanto, a prosódia é responsável pela estrutura em constituintes.

<sup>13</sup> Ao menos parcialmente. Não posso afastar a possibilidade de que outros fatores podem estar envolvidos na estruturação das sentenças. Dou apenas dois exemplos do que mais poderia acontecer: (1) A menina os meninos beijou e (2) O oceano singra o navio. No primeiro caso, a concordância determina o que é sujeito e o que é objeto; no segundo caso, a semântica dos itens lexicais mostra que o elemento posposto ao verbo é o sujeito. Não se pode desprezar, também, a hipótese de que fatores de ordem pragmática atuem fortemente nas interpretações dadas pelos ouvintes aos enunciados dos falantes.

- 3 É possível estabelecer, numa cadeia de símbolos arbitrária (importante: não em sentenças estruturadas), pontos em que é possível inserir marcas prosódicas? Há pontos privilegiados por determinados tipos de itens lexicais? Por quê? O que estou querendo dizer é que, aparentemente, pontos da cadeia de símbolos — por exemplo, a “fronteira” entre o artigo e o nome que o segue — não permitem eventos prosódicos definidores de estruturas, que podem aparecer em outros pontos. Talvez — imagino — eventos prosódicos estruturantes liguem-se a “unidades de sentido” e, portanto, só possam aparecer como marcações dessas unidades. Se for assim, só serão “constituintes” as porções da cadeia de símbolos que assumirem essa condição de “unidade de sentido” potencial, e os eventos prosódicos terão a função de demarcá-las.<sup>14</sup>

Enfim, o que esta provocação pretende é o encaminhamento da solução de um problema que me preocupa há alguns anos e para o qual não consegui obter resposta até hoje: *como é que a prosódia pode ajudar na compreensão de enunciados potencialmente ambíguos?*

---

14 Nesse caso, a ordem “sintaxe-semântica” teria que ser invertida e o postulado da centralidade da sintaxe estaria, pelo menos, sob suspeita.

## REFERÊNCIAS

BORGES NETO, J. Semântica e sintaxe das línguas naturais. *In*: HORA, D. da; CHRISTIANO, E. (org.). *Estudos Lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 169-177.

CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. *In*: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. v. II – Níveis de análise linguística, p. 39-64.

STEEDMAN, M. Information structure and the Syntax-Phonology Interface. *Linguistic Inquiry*, v. 31, n. 4, p. 649-689, 2000.

*Squib* recebido em 8 de maio de 2020.

*Squib* aceito em 6 de junho de 2020.



# ORDEM VS NO PB EM CONSTRUÇÕES PASSIVAS ANALÍTICAS COM CONCORDÂNCIA *DEFAULT*

---

LUCAS TOMAZ DE JESUS DOS SANTOS\*

---

## RESUMO

Este *squib* propõe uma discussão acerca do fenômeno da concordância em sentenças com sujeito posposto ao verbo, especialmente nos casos de construções passivas do português brasileiro (PB), no tipo de concordância *default* (SIMIONI, 2011). Para isso, é feita uma análise da construção passiva com concordância *default*, partindo do pressuposto de que há um expletivo com traços- $\phi$  na posição de sujeito, uma vez que esse tipo de construção não é licenciado com o DP/NP argumental aparecendo em posição pré-verbal. Em seguida, analisamos se as construções passivas com concordância *default* podem ser consideradas construções com inversão locativa (IL), com base nos estudos de Bresnan e Kanerva (1989). Diante disso, o objetivo desse trabalho é ampliar e fornecer considerações acerca do licenciamento de construções passivas no PB.

**Palavras-chave:** concordância *default*, VS, construções passivas, inversão locativa

## ABSTRACT

This squib proposes a discussion about the phenomenon of agreement in sentences with post-verbal subjects, especially in passive constructions of Brazilian Portuguese (PB), using default agreement (SIMIONI, 2011). In order to do that, we analyze the sentential structure of the passive construction with default agreement, assuming that there is an expletive with  $\phi$ -features in the subject position, since this type of construction is not licensed with DP / NP in pre-verbal positions. We then verify whether passive constructions with default agreement involve locative inversion (IL), based on the studies by Bresnan e Kanerva (1989). Given this, the aim of this work is to expand and provide considerations on the licensing of passive sentences in PB.

**Keywords:** default agreement, VS, passive constructions, locative inversion

---

\* Universidade de Brasília, UnB. Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB, e-mail: lucautomazdf@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

No português brasileiro (PB), a possibilidade de posposição do sujeito ao verbo e as diferentes estruturas sintáticas envolvidas nesse processo têm ganhado destaque na literatura gerativa (cf. NASCIMENTO, 1984; PINTO, 1997; VIOTTI, 2002; KATO, 2005; PILATI, 2006; NAGASE, 2007; LOBATO, 2015; entre outros). Apesar disso, a possibilidade de inversão em sentenças passivas e as diferentes formas de concordância entre auxiliar e particípio, na voz analítica, não foram completamente analisadas no que tange aos fatores que licenciam a ordem VS. Retomando a discussão desenvolvida por dos Santos (2020) e considerando a operação *Agree* proposta por Chomsky (2000), a qual relaciona elementos de longa distância para dar conta do fenômeno da concordância, é possível verificar como esse fenômeno se estabelece entre DP/NP argumento, auxiliar e particípio. Chomsky (2000) propõe que a operação *Agree* é feita pela computação sintática para eliminar os traços não interpretáveis que não podem ser lidos pelas interfaces da gramática. Diante disso, postula-se que o item sintático que possui um traço não interpretável tem um papel de Sonda (*Probe*) e busca um Alvo (*Goal*) na estrutura a fim de que, a partir da relação estabelecida entre esses dois elementos, os traços não interpretáveis possam ser valorados e eliminados, com o objetivo de que a operação sintática convirja. O Alvo, para que esse fato aconteça, deve ser c-comandado pela Sonda. Neste *squib*, iremos considerar que os constituintes da passiva se articulam em termos de Sonda e Alvo para gerarem concordância, mesmo havendo outras propostas, no contexto das passivas, para a concordância nesse tipo de sentenças, as quais não serão exploradas aqui por conta da extensão e finalidade deste trabalho (cf. LUNGUINHO, 2011). A concordância nesse tipo de construção, conforme destaca Simioni (2011), pode ocorrer de várias formas. O mais comum é a construção de sentenças na ordem canônica do PB, a saber: S–V–(PP) (cf. COELHO, 2000). Nos seguintes exemplos, há sentenças com construções passivas:<sup>1</sup>

(1) **Passivas com concordância parcial de gênero**

- a. Ontem à noite as prova foi colocada em cima da sua mesa.
- b. Ontem à noite foi colocada as prova em cima da sua mesa.

(2) **Passivas com concordância *default***

- a. \*Ontem à noite as prova foi colocado em cima da sua mesa.
- b. Ontem à noite foi colocado as prova em cima da sua mesa.

(3) **Passivas com concordância plena**

- a. Ontem à noite as provas foram colocadas em cima da sua mesa.
- b. Ontem à noite foram colocadas as provas em cima da sua mesa.

Nos exemplos (1a) e (1b), conforme destaca Simioni (2011), há um caso de concordância parcial da passiva, em que o DP “as prova” concorda apenas em gênero com o particípio,

<sup>1</sup> Exemplos nossos.

ao passo que não concorda em número com o auxiliar. Nos exemplos (2a) e (2b), há casos de concordância *default*, em que o auxiliar e o particípio não concordam em gênero nem em número com o DP "as prova". Por outro lado, nos exemplos (3a) e (3b), há casos de concordância plena, em que o DP "as provas" concorda em gênero e número com o particípio, além de concordar em número com o auxiliar.<sup>2</sup> Vale ressaltar ainda que a retirada dos constituintes adverbiais que aparecem no início das sentenças em (1), (2) e (3) não altera, nesses padrões, o julgamento de gramaticalidade das mesmas sentenças. Diante dos exemplos anteriores, somos levados a formular os seguintes questionamentos:

- (i) Por que as sentenças passivas com concordância *default* não admitem a ordem canônica do PB, diante de exemplos como (2a)?
- (ii) Há algum elemento licenciando a concordância nessa estrutura?
- (iii) Essas construções podem ser consideradas, com base na definição de Bresnan e Kanerva (1989), inversões locativas?

Para responder à primeira pergunta, vamos considerar, na próxima seção, a explicação oferecida por Simioni (2011), a qual propõe que as diferenças observadas no licenciamento das construções passivas no PB estão relacionadas a uma reanálise do particípio causada pelo enfraquecimento de concordância de número no PB. Para responder à segunda pergunta, postularemos a hipótese, também na próxima seção, de que há um expletivo com traços- $\varphi$  na posição de Spec-TP licenciando essa construção. Para responder à terceira pergunta, analisaremos, na seção 3, um caso em que a presença de um PP LOC deslocado para o início da sentença não é licenciado no português.

## 2 RESTRIÇÃO À CONSTRUÇÃO SV EM CONCORDÂNCIA *DEFAULT*

Simioni (2011) demonstra que, nos casos de concordância *default* na voz passiva, há uma restrição em licenciar DPs argumentos em posição pré-verbais:<sup>3</sup>

- (4) \*Umas prova foi deixado em sala de aula.
- (5) \*Uma prova foi deixado em sala de aula.
- (6) \*Uns documentos foi deixado em sala de aula.

(SIMIONI, 2011, p. 30)

<sup>2</sup> Simioni (2011) diz que nesses casos a concordância de número do NP com o auxiliar é facultativa.

<sup>3</sup> Exemplos retirados de Simioni (2011, p. 30).

Em todas as construções anteriores, caso o DP argumento esteja em posição pós-verbal, as sentenças são previstas pela gramática do português, como em (7):

(7) Foi deixado uns documentos em sala de aula.

Tal fato nos faz questionar as estruturas dessas construções. Há três possibilidades:

(a) **Estrutura 1**

Ø – verbo – DP/NP-ARGUMENTO

Nessa estrutura, não há categoria em Spec-TP e a concordância se dá entre o verbo e o DP argumento em posição pós-verbal (VIOTTI, 2002). Considerando (7), a concordância se daria entre o verbo *foi* e o DP *uns documentos*.

(b) **Estrutura 2**

EXPLETIVO com traços- $\phi$  – verbo – DP/NP-ARGUMENTO

Nessa estrutura, há um expletivo com traços de número e pessoa em Spec-TP e a concordância se dá entre o verbo e o expletivo. Considerando (7), a concordância se daria entre o expletivo com traços- $\phi$  ([+masculino] e [+singular]) e o verbo *foi*.

(c) **Estrutura 3**

EXPLETIVO sem traços- $\phi$  – verbo – DP/NP-ARGUMENTO

Nessa estrutura, há um expletivo preenchendo a posição de Spec-TP e a concordância se dá entre o verbo e DP posposto, assemelhando-se ao tipo de construção do inglês com o expletivo *there*. Considerando (7), a concordância se daria entre o expletivo sem traços- $\phi$  e o verbo *foi*.

Os dados em (4), (5) e (6) parecem mostrar que não é possível, nas construções passivas com concordância *default*, que o Spec-TP seja preenchido pelo DP/NP argumento. Nesse sentido, é plausível assumir a hipótese de que os DPs argumentos são gerados no interior de VP e lá permanecem, não sendo alçados à posição de Spec-TP. Ou seja, permanecem *in situ*. Não havendo movimento do DP argumento para Spec-TP, pode-se admitir que existe um expletivo ocupando a posição de sujeito, para satisfazer o EPP, princípio segundo o qual em todas as línguas há uma posição de sujeito que pode ou não ser preenchida. É importante destacar que a impossibilidade de movimento de DP para Spec-TP se dá porque, na numeração, houve seleção de um expletivo, e este ocupa a posição de sujeito. Diante disso, particípio e auxiliar concordam com o expletivo, que possui traços- $\phi$  [+singular, + masculino]. Tal pressuposto nos leva a conceber que as construções *default* são licenciadas através da estrutura (b), a qual admite a presença de um expletivo com traços- $\phi$  que dispara concordância de singular e masculino com o auxiliar e o particípio. Diante desse pressuposto, conseguimos explicar o motivo dessas construções não poderem ter o sujeito preenchido pelo DP/NP argumento em posição pré-verbal, já que nessa posição de Spec-TP deve estar o expletivo com traços- $\phi$ . Outra conclusão a que podemos chegar é que, nos padrões de concordância parcial e plena, não há seleção de expletivo na numeração, pelo menos não o expletivo do tipo *there*.

Após considerar a estrutura das sentenças passivas com concordância *default*, é necessário saber se esse tipo de construção pode ser considerada um tipo de inversão locativa, estudada por Bresnan e Kanerva (1989).

### 3 UMA ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA *DEFAULT* SOB O PONTO DE VISTA DA INVERSÃO LOCATIVA

Pilati (2006), seguindo Bresnan e Kanerva (1989), propõe o seguinte:

Em relação à ordem VS do PB, esta tese defende que as orações com ordem VS que ocorrem em orações declarativas, sem pausas entre os constituintes e com verbos inacusativos, inergativos e transitivos, devem ser analisadas como orações com Inversões Locativas. (PILATI, 2006, p. 171).

As construções com inversão locativa caracterizam-se por terem a seguinte estrutura: PP LOC – V – S – (PP). Em (8) e (9), temos exemplos de sentenças com constituintes locativos aplicados ao tipo de concordância *default*:

- (8) Em cima da sua mesa foi colocado as provas.
- (9) \*Em cima da sua mesa as provas foi colocado.

O exemplo (8) mostra que também ocorre inversão locativa no contexto das passivas com concordância *default*, ao passo que (9) revela que o elemento locativo deslocado para a esquerda, na ordem SV, não muda a agramaticalidade da sentença, uma vez que vimos, na seção anterior, que a ordem SV não é licenciada por haver a presença do expletivo na numeração. Na proposta de Pilati (2002, 2006), não são consideradas sentenças que são respostas a perguntas QU-, uma vez que estas também ocorrem em contextos sintáticos específicos, e não são consideradas sentenças que possuem uma pausa entre os seus constituintes, tendo em vista que a focalização, segundo a autora, deve ser interpretada com outra função comunicativa e, portanto, deve possuir uma estrutura distinta. Os exemplos (8) e (9) revelam que o licenciamento de IL segue a restrição da concordância *default* em ser licenciada apenas quando o argumento DP é pós-verbal. Ao contrário do modelo *default*, construções de concordância plena e parcial admitem a presença do elemento locativo, em qualquer ordem de constituintes, como se vê a seguir:<sup>4</sup>

- (10) Em cima da sua mesa foram colocadas as provas.
- (11) Em cima da sua mesa as provas foram colocadas.
- (12) Em cima da sua mesa as prova foi colocada.
- (13) Em cima da sua mesa foi colocada as prova.

Os exemplos (10) e (11) representam construções de concordância plena que são licenciadas pela língua tanto em ordem VS quanto em ordem SV. Os exemplos (12) e (13), por sua vez, são construções de concordância parcial que também são licenciadas pelas duas ordens. Diante disso, os dados parecem favorecer uma análise na qual as construções apassivadas

<sup>4</sup> Exemplos nossos.

com concordância *default* possuem restrição a elementos locativos (desde que estejam na posição de Spec-TP) deslocados para o início da sentença, fato que pode ser explicado pela necessidade de haver um expletivo na posição de sujeito, como visto na primeira seção, uma vez que o expletivo é o elemento que dispara concordância com o auxiliar. Esse fato também revela, conforme destacado por Pilati (2006), a necessidade de o sujeito aparecer em posição pós-verbal nas construções com inversão locativa. No caso de haver a presença de um PP LOC ou DP LOC na posição de Spec-TP, o expletivo não é selecionado na numeração e não pode, portanto, estabelecer a concordância na derivação das passivas com padrão *default* de concordância. Bresnan e Kanerva (1989) demonstraram que, em algumas construções de inversão locativa no Chichewa<sup>5</sup>, o elemento locativo deslocado à periferia esquerda da sentença é interpretado como sujeito, satisfazendo o EPP. Em algumas construções do PB, o elemento locativo também pode ser interpretado como sujeito, tal como no exemplo que se segue:

(14) Esta casa entrou ladrão.

Esse tipo de construção em que o sujeito é reanalisado pelo falante em uma sentença já foi estudado por muitos linguistas (cf. PONTES 1987, GALVES 2001, REIS, 2017). Galves (2001), por exemplo, explica que nessas construções há uma reanálise do tópico como sujeito e da frase como SVO.

Esses dados revelam que, apesar de haver uma tendência para a interpretação do elemento locativo como o sujeito sentencial em algumas línguas, as construções passivas podem representar um problema para o entendimento de orações declarativas com ordem VS como um tipo de inversão locativa, já que, nas construções *default*, o elemento locativo não interfere na gramaticalidade da sentença.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado anteriormente, nota-se que o padrão de concordância *default* nas construções passivas não licencia a ordem SV, tendo em vista que, em sua estrutura, há a presença de um expletivo com traços de masculino e singular na posição de Spec-TP, o qual é responsável pela concordância na sentença. Vimos também que nem todas as passivas licenciam categorias adverbiais locativas em sua estrutura, com base na hipótese defendida por Pilati (2002, 2006), uma vez que a presença de um DP pré-verbal inibe a presença do elemento locativo deslocado à periferia esquerda da sentença passiva *default*. É necessário que estudos sejam feitos para verificar se existem contextos em que uma análise com inversão locativa possa ser aplicada ao contexto das sentenças passivas com concordância *default*, uma vez que isso pode representar uma mudança no paradigma de concordância do PB e uma mudança na satisfação do EPP no PB. Também em uma perspectiva futura, serão importantes estudos que procurem analisar se a definitude do DP/argumento pode estar relacionada à restrição da ordem SV, no caso das passivas com concordância *default*.

<sup>5</sup> Língua Bantu falada no Malawi.

## REFERÊNCIAS

BRESNAN, J.; KANERVA, J. Locative inversion in Chichewa. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 1, p. 1-50, 1989.

CHOMSKY, A. N. Minimalist inquires: The framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA J. (ed.). *Step by step: essays in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. p. 89-155.

COELHO, I. L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

DOS SANTOS, L. T. J. *Concordância verbal com sujeito posposto em sentenças apassivadas no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

GALVES, C. Tópicos, sujeito, pronomes e concordância no português brasileiro. In: GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 337-365.

KATO, M. A. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Linguístico*, v. 2, n. 1, p. 92-127, 2000.

LOBATO, L. O que o professor da Educação Básica deve saber de linguística. In: PILATI, E.; NAVES, R.; GUERRA VICENTE, H.; SALLES, H. (org.). *Linguística e ensino de línguas*. Brasília: Ed. da UnB, 2015. p. 14-30.

LUNGUINHO, M. V. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NAGASE, E. I. *A Inversão Locativa no Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, FFLCH, São Paulo, 2007.

NASCIMENTO, M. *Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. Tese (Doutorado) – Universidade de Paris VIII, 1984.

PILATI, E. *Sobre a ordem verbo-sujeito no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

PILATI, E. *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo-sujeito no português*. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PINTO, M. *Licensing and Interpretation of Inverted Subjects in Italian*. Tese (Doutorado) – Universidade de Utrecht, Utrecht, 1997.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes Editora, 1987.

REIS, L. de M. *A sintaxe dos sujeitos locativos no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SIMIONI, L. *Concordância em construções passivas com argumentos pré e pós verbais, e incorporação de nomes nus no PB*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VIOTTI, E. *Revisitando a ordem VS do português brasileiro: questionando a existência de expletivos nulos*. Ms. 2002.

*Squib* recebido em 28 de outubro de 2019.

*Squib* aceito em 21 de abril de 2020.



# A CONCORDÂNCIA NOMINAL EM COMPOSTOS FORMADOS POR ADJETIVOS E NOMES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

---

CRISTINA DE SOUZA PRIM\*

---

## RESUMO

O objetivo deste *squib* é discutir como ocorre a flexão de número em compostos formados por adjetivos e nomes, partindo da hipótese de que as variações observadas no modo como os falantes pluralizam os compostos se devem a análises concorrentes, feitas pela gramática interna do falante, coexistindo na língua. Ao pôr em paralelo a flexão de número em sintagmas e em compostos formados pelas mesmas categorias, vemos que há análise ora morfológica do composto, que aponta para uma flexão no núcleo semântico do composto, ora sintática, que indica que a ordem também é chave para compreender as possibilidades flexionais atestadas. Essas diferentes análises ocorrem tanto formalmente quanto informalmente em português brasileiro. A conclusão deste trabalho é de que a flexão dos compostos está relacionada ao grau de transparência de um composto, e não apenas aos componentes internos (classes de palavras) de um composto.

**Palavras-chave:** flexão de número, palavra composta, Morfologia Distribuída

## ABSTRACT

The goal of this *squib* is to discuss how number inflection occurs in compounds formed by adjectives and names, based on the hypothesis that the inflectional variations observed in the way speakers pluralize compounds are due to concurrent analyzes, made by the speaker's internal grammar, coexisting in the language. Comparing the number inflection in phrases and compounds formed by the same categories, we see that there is a morphological analysis of the compound, which points to a number inflection in the semantic head of the compound, but also a syntactic one, which indicates that order is also a key to understand the attested inflectional possibilities. These different analyzes take place both formally and informally in Brazilian Portuguese. This *squib* concludes that the inflection in the compounds is associated with the degree of transparency of a compound, and not only with the internal components (word classes) of a compound.

**Keywords:** number inflection, compound word, Distributed Morphology

---

\* Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR. Professora do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, e-mail: cristinaprim@utfpr.edu.br.

Este *squib* tem como objetivo discutir a concordância nominal de número em compostos formados por adjetivos e nomes do português brasileiro. Partimos dos pressupostos da Morfologia Distribuída<sup>1</sup>, que considera que as relações internas à composição são estabelecidas no componente sintático assim como os constituintes sentenciais (cf. GUEVARA; SCALISE, 2009, p. 104), para avaliarmos argumentos mencionados na literatura (MORENO, 1997, 2002; LEE, 1997) para as variações na flexão de plural dos compostos atestadas no português. Vamos focar em compostos formados apenas por [palavra+palavra] para que a comparação com estruturas contendo sintagmas fique mais clara. A seguir, um exemplo de composto N+A (exemplo (1)) e de composto A+N (exemplo (2)), com suas formas plurais possíveis no português brasileiro.<sup>2</sup>

- (1) a. carne-seca  
b. carnes-seca  
c. carne-secas  
d. carnes-secas
- (2) a. extrema-unção  
b. extremas-unção  
c. extrema-unções  
d. extremas-unções

Defender que os compostos são gerados na sintaxe não implica defender que estes tenham o significado composicional, mas que as operações sintáticas são igualmente motivadas, com a diferença de que compostos formam, após as relações sintáticas de *merge* (concatenar) e *move* (mover), um domínio categorial N, A ou V (Nome, Adjetivo ou Verbo), para que haja a interpretação de que há um único nó resultante dessa junção (cf. NOBREGA, 2014). A definição de compostos assumida por Nobrega (2014, p. 217) é exatamente esta: “um composto é formado quando dois ou mais núcleos complexos, em determinada relação sintática, são recategorizados por um núcleo definidor de categoria — *n*, *v* ou *a*”. A composição, assim, é um processo sistemático de expansão lexical que consiste na combinação de palavras/núcleos.

Como ponto de partida, trazemos duas diferenças básicas entre os compostos A+N e N+A: a posição do núcleo semântico e as possibilidades tipológicas dos adjetivos. Nos compostos N+A, temos ocorrência tanto de adjetivos relacionais quanto de qualificativos<sup>3</sup>;

1 Não apresentarei neste trabalho uma justificativa para a escolha desta teoria em detrimento de outras, por se tratar de um *squib*, mas remeto o leitor a discussões já feitas, por exemplo, no capítulo 2 de Medeiros (2008).

2 Chamarei de compostos N+A os que são formados por nomes+adjetivos, nesta ordem; e de compostos A+N os que são formados por adjetivo+nome, necessariamente nesta ordem.

3 Seguindo a classificação de Bosque e Picallo (1996). Os autores atribuem o nome *relacionais* aos adjetivos que sempre ocorrem pospostos ao nome, e não denotam propriedades, mas entidades. Acrescentam ainda que estes adjetivos são por vezes chamados de pseudo-adjetivos, mas também vemos em outros trabalhos que são chamados de *referenciais* ou de *não predicativos*. Em Prim (2015), discuti algumas de suas propriedades: são adjetivos que não se modificam por advérbios de grau e não aceitam a posição predicativa. Alguns exemplos: *físico nuclear*, *relógio digital*, *parque jurássico*. Os adjetivos qualificativos, por sua vez, possuem uma ou mais

em A+N, temos apenas adjetivos qualificativos, exatamente como ocorre nos sintagmas formados por nomes e adjetivos, *grosso modo*.<sup>4</sup> Em relação ao núcleo, os compostos podem ser, segundo classificação de Sandmann (1990), endocêntricos ou exocêntricos. São endocêntricos aqueles que têm o significado relacionado aos significados dos seus próprios constituintes — nesse caso, há um núcleo interno ao composto que determina a sua referência. Os compostos exocêntricos, por sua vez, têm significado determinado por metáfora ou metonímia (cf. SANDMANN, 1990), o que significa que nenhuma das partes do composto é seu núcleo semântico. Os exemplos (1) e (2), apresentados anteriormente, são endocêntricos, e os compostos dos exemplos (3) e (4) são exocêntricos. Esse processo não é exclusivo da formação das palavras compostas: mesmo na formação de constituintes (exemplo (5)), nem sempre a soma dos significados das partes é o que forma o todo.

(3) amor-perfeito

(4) pão-duro

(5) a céu aberto

Ainda que assumamos que o processo de formação de palavras compostas seja sintático, precisamos reconhecer diferenças desse processo para a formação de sintagmas. Se olharmos para o que ocorre com a criação lexical, vemos que não há posicionamento variável na formação de palavras: cada componente possui lugar fixo na estrutura de formação (como atesta a agramaticalidade dos exemplos (6b) e (7b); já a sintaxe dos sintagmas possibilita alguma variação (exemplo (8)).<sup>5</sup> Mencionamos que os adjetivos qualificativos ocorrem tanto em compostos A+N quanto em N+A, mas isso não indica posicionamento variável desses adjetivos, visto que ao se formar o composto só há uma posição aceitável para aqueles adjetivos: em (3), a inversão *perfeito amor* gera um sintagma, não mais uma palavra composta, assim como em (2) *unção extrema* não seria mais um composto. Uma exceção é o exemplo (9), um dos poucos casos em que encontramos um composto com posicionamento variável dentre os formados por adjetivos e nomes.

---

destas características: ocorrem tanto antepostos quanto pospostos ao nome, podem ser nominalizados, aceitam modificação por advérbio de grau e ocorrem na posição predicativa. Exemplos: *um administrador inteligente, um livro maravilhoso*.

4 Não há, curiosamente, compostos formados por adjetivos exclusivamente pré-nominais (como é o caso de adjetivos como *mero, pretenso, suposto*), mas essa classe é bastante restrita mesmo sintaticamente.

5 De modo geral, assume-se que, quando o adjetivo está anteposto ao nome, a leitura do adjetivo é mais específica; ou seja, quando se diz *um belíssimo trabalho*, diz-se sobre um trabalho em específico. Já em *um trabalho belíssimo* não necessariamente temos tal especificidade — pode ser um trabalho qualquer, contanto que seja belíssimo. Em minha tese (PRIM, 2015), trabalhei com as diferenças de leitura que o posicionamento do adjetivo causa em casos como este.

- (6) a. imprevisível  
b. \*velimprevisi
  
- (7) a. livre-arbítrio  
b. \*arbitrio-livre
  
- (8) a. um belíssimo trabalho  
b. um trabalho belíssimo
  
- (9) a. livre-docência  
b. docência-livre

Podemos considerar esse comportamento dos compostos esperado, dado o que ocorre com qualquer outra palavra: não há liberdade alguma de posicionamento de radicais e morfemas no interior da palavra, e o mesmo ocorre com palavras compostas. Assim, a composição se aproxima tanto da formação de palavras quanto da formação de sentenças. Até este ponto, podemos pensar que as limitações impostas aos compostos estão relacionadas à própria natureza da palavra.

Como dito, o pressuposto da Morfologia Distribuída é que os mesmos mecanismos existentes na formação de sentenças devem estar disponíveis na formação de palavras. Assim, as operações sintáticas de *merge*, *move* e *agree* (operações consideradas cruciais pela sintaxe minimalista) são as mesmas nas relações internas às palavras compostas e nos constituintes sentenciais (cf. GUEVARA; SCALISE, 2009). Em uma visão sintaticocêntrica, como é a da Morfologia Distribuída, o que resta à fonologia e à morfologia são apenas “ajustes estruturais referentes à distribuição superficial e fonológica das unidades morfossintáticas (i.e., os nós terminais)” (NOBREGA, 2014, p. 107). A Morfologia Distribuída considera a concordância como uma operação pós-sintática (cf. EMBICK; NOYER, 2004), mas, para os compostos em discussão neste trabalho (N+A e A+N), a literatura (cf., por exemplo, NOBREGA, 2014) a descreve como regras conectadas à relação gramatical presente entre os membros do composto, ou seja, à estrutura morfológica do composto (informação das classes de palavras que formam o composto). Vejamos em que termos isso difere dos sintagmas.

Lee (1997), partindo de uma teoria lexicalista, propõe que compostos podem ser lexicais ou pós-lexicais.<sup>6</sup> Os compostos lexicais são sintaticamente opacos, o que explicaria a ausência de flexão no interior de certos compostos, formados por N+N, como em *rádio-relógio* e *espaçonaves*; A+A, como em *italo-brasileiro* e *socioeconômico*; ou V+N, como em *toca-discos* e *porta-voz*. Esses seriam, segundo Lee, os compostos verdadeiros. Já os compostos pós-lexicais, por sua vez, por serem formados no componente pós-lexical, são sintaticamente

<sup>6</sup> Lee esclarece que a dicotomia clássica entre compostos endocêntricos e exocêntricos não tem relação com a divisão dos compostos em compostos lexicais e pós-lexicais que ele está assumindo.

transparentes, exibindo flexão, derivação, concordância interna à palavra e mesmo algumas possibilidades restritas de formação de diminutivo. Lee caracteriza os compostos pós-lexicais como “pseudo-compostos”, “palavras sintáticas reanalisadas que, conforme Di Sciullo e Williams (1987), permitem os processos morfológicos entre seus constituintes” (LEE, 1997, p. 2). Esse é o caso de todos os compostos formados por nomes e adjetivos, seja A+N, seja N+A (exemplos de (1-4), (7), (9), para retomar apenas os já citados).

Assim, para Lee, os compostos lexicais, além da opacidade, diferem dos compostos pós-lexicais por não permitirem flexão, derivação e concordância interna, pois se comportam, como dito, como uma unidade, e por isso têm morfema de plural e de diminutivo apenas na borda. Já nos pós-lexicais, por serem sintaticamente transparentes, o morfema de plural e de diminutivo ocorre no primeiro elemento do composto ou em ambos os elementos.

Lee (1997), contudo, reconhece que a distinção não é tão categórica como pode parecer, e postula que alguns compostos possuem características dos lexicais e dos pós-lexicais ao mesmo tempo. Retomando o exemplo (4) anterior, podemos dizer que *pão-duro* forma *pães-duros* (como os pós-lexicais) e deriva *pão-durinho* (como os lexicais), com derivação na borda. Lee os chama de compostos lexicalizados.

Tanto Lee (1997) quanto Nobrega (2014), portanto, mesmo sendo de linhas teóricas bastante diferentes, assumem que na formação de compostos A+N ou N+A ocorrem processos sintáticos similares ao dos sintagmas, mas isso para citar apenas dentre os trabalhos já comentados, pois há trabalhos bem anteriores, como o de Selkirk (1982), que já defendiam que (algumas) palavras compostas eram geradas na sintaxe. Vamos analisar então se os compostos de fato se comportam do mesmo modo que sintagmas no que se refere à concordância nominal.

- (10) a. cachorros-quentes  
b. cachorrinhos-quentes

- (11) a. mesas-redondas  
b. mesinhas-redondas

- (12) carnes-secas

Como descrito por Lee, a flexão de número ocorre tanto internamente quanto ao final da palavra composta formada por nomes e adjetivos (exemplos (10) a (12)), diferentemente do que é esperado em uma unidade morfológica, mas igualmente ao que se espera de sintagmas formados pelas mesmas unidades. Com a flexão de gênero, também temos concordância entre nomes e adjetivos (de modo mais evidente, nos exemplos (11) e (12)). E sobre a formação do diminutivo, este ocorre no interior do composto, no núcleo nominal. Nesses casos, vemos um comportamento consistente com o que foi descrito por Lee. Mas isso é a concordância padrão.

Assim como sintagmas podem não manifestar explicitamente a concordância nominal, a depender da variedade do português a que estamos nos referindo, os compostos N+A também podem. No que se refere a *sintagmas* com tais características, Costa e Figueiredo Silva (2006, p. 98) apontam que “ou o determinante ou todos os elementos pré-nominais devem exibir a morfologia de plural em português brasileiro”. Segundo Menuzzi (1994), o PB falado tem o mesmo sistema de traços (de gênero e número) do português padrão, mas a concordância de número é não uniforme em PB. O sistema não uniforme é sensível às diferentes posições dos adjetivos. Nos sintagmas, caso o determinante não esteja presente, o nome pode não se flexionar na presença de um adjetivo pré-nominal, como mostra o exemplo (13). No caso dos adjetivos pós-nominais, a preferência é pela marcação de plural nos nomes (exemplo (14)). Em outras palavras, nos sintagmas, a concordância deve se manifestar dos elementos mais altos para os mais baixos, independentemente de ser nome ou adjetivo.

- (13) a. maus aluno  
b. \*mau alunos

- (14) a. alunos inteligente  
b. \*aluno inteligentes

No caso dos compostos formados por N+A, as opções de concordância são as mesmas dos sintagmas, como mostra o exemplo (15): ou apenas o primeiro elemento se flexiona em número, ou ambos se flexionam. No entanto, nos compostos A+N, a possibilidade de não concordância marcada faz com que o adjetivo não apresente flexão -s de plural, mas o nome sim. As opções exibidas em (16) são, inclusive, atestadas pelo dicionário Houaiss como corretas.<sup>7</sup> As opções em (17) diferem em termos de formalidade, sendo apenas a primeira opção a aceita pelos dicionários; por fim, a opção em (18) com flexão de número no adjetivo é menos aceitável, e a diferença desse exemplo para os demais é a derivação com o sufixo *-ista*.<sup>8</sup>

- (15) a. mesas-redondas  
b. mesas-redonda  
c. \*mesa-redondas

- (16) a. livres-docentes  
b. livre-docentes

7 O dicionário Houaiss eletrônico indica que a dupla marcação (*livres-docentes*) ocorre quando o composto é categorizado como nome e apenas uma marcação de plural (*livre-docentes*) quando é categorizado como adjetivo.

8 Há um peixe chamado *bandeira-paulista*, ou *paulistinha*, que se flexiona como *bandeiras-paulistas*, o que indica que o problema não é apenas o sufixo.

- (17) a. primeiros-ministros  
b. primeiro-ministros
- (18) a. curta-metragistas  
b. ?curtas-metragistas

O que os exemplos em (16) e (17) mostram é que há um processo reconhecidamente distinto empregado pelos falantes na concordância interna de compostos A+N e de sintagmas. A fronteira entre palavra composta e sintagma nem sempre é clara, mas há uma intuição do falante de uma possível fronteira nos casos dos compostos A+N. E o que o exemplo (18) mostra é que a discussão sobre a pluralização dos compostos não pode se reduzir apenas às classes de cada palavra do composto.

Moreno (1997) atribui a variedade das formas flexionais dos compostos a um processo de reanálise geracional, e aponta que a diversidade está relacionada aos estágios de lexicalização em que o composto se encontra. O autor não explora esse ponto, mas vale a pena pensarmos sobre isso. Vejamos a seguir apenas uma parte dessa ideia.

Para discutirmos essa hipótese de Moreno e vermos se é a informação das classes de palavras que formam o composto que determina como se flexionam as palavras compostas, observemos por um momento os compostos N+N. O segundo N pode ter um comportamento adjetival (em uma relação mais atributiva do segundo núcleo com o primeiro) ou um comportamento nominal (em uma relação que se assemelha à coordenação entre dois núcleos). No caso de *democrata-cristão*, se estivermos considerando a relação atributiva, dizemos que funcionalmente *cristão* deveria ter um comportamento de A, o que gera por essa análise a forma *democratas-cristãos*, que é considerada informal na língua. Temos análises concorrentes: *cristão* é N como classe, mas A como função. Em cada caso, a relação de núcleo do composto se modifica, como aponta Luft (1967 apud MORENO, 1997), pois podemos analisá-lo como um composto com dois núcleos coordenados ou como um composto com um núcleo e um modificador. A concordância padrão nos casos de N+N é de que apenas o primeiro elemento flexiona; no caso dos compostos N+A o padrão é de que ambos os itens apresentam flexão. Por conta da concorrência de análises, vemos flexão em ambos os elementos de N+N (como em (19)) assim como vemos também flexão apenas no primeiro elemento de N+A (como em (20)).

- (19) a. palavras-chave  
b. palavras-chaves
- (20) a. dedos-duro  
b. dedos-duros

No caso dos compostos N+N, como em (19), a gramática normativa, que aceita apenas a forma *palavras-chave*, analisa as classes das unidades que formam o composto, e não a unidade formada sintaticamente. No caso de N+A, a análise é da classe e também da sintaxe, visto que a ordem A+N altera a concordância. São análises concorrentes mesmo dentro do padrão culto.

No dicionário Houaiss, o critério para flexão de número está relacionado à classe de palavra do nó que o composto marcará, e não às classes das unidades que formam o composto: compostos A+N que formam adjetivo<sup>9</sup> só flexionam na borda, mas compostos A+N que formam substantivos flexionam ambos os elementos. Assim, o dicionário Houaiss eletrônico atesta tanto *alemão-orientais*, se o nó formado for adjetivo, quanto *alemães-orientais*, se o nó for de um substantivo; assim como atesta tanto *alto-astrais* (adjetivo) quanto *altos-astrais* (substantivo).

No caso dos compostos A+N que formam nomes, há concordância de gênero interna, e há possibilidade de flexão de número nos dois elementos ou, informalmente, apenas no nome, mas, em alguns casos, também há a possibilidade de marcar apenas em A, ou seja, fora do núcleo semântico.

- (21) a. primeiras-dama  
b. primeiras-damas  
c. primeira-damas

- (22) a. extremas-unção  
b. extremas-unções  
c. extrema-unções

- (23) a. más-criações  
b. má-criações  
c. \*más-criação

Ainda que a flexão de gênero seja sempre similar ao que ocorre na sintaxe, a concordância de número não é sempre coincidente: enquanto os sintagmas preferem a marcação da concordância nos primeiros elementos sempre (independentemente de ser A ou N), os compostos A+N e N+A preferem a marcação de concordância obrigatoriamente no núcleo e opcionalmente em A, e raramente aceitam apenas em A, como exibem os exemplos (21-23). E os compostos N+A aceitam melhor a concordância apenas em A do que os compostos A+N.

- (24) batalha-navais

- (25) algodão doces

- (26) escada rolantes

A concordância de gênero interna ao composto é a mesma dos sintagmas, mas, fora dele, há possibilidade de uma marcação não coincidente com o gênero do núcleo. Segundo Nobrega (2014, p. 133), os traços morfossintáticos do composto devem se diferenciar dos traços sintáticos de seus membros, nos casos de exocentricidade morfológica. É o caso de *os cascas-grossas*. Mas quando olhamos dessa forma, já estamos fora dos limites da palavra,

9 Segundo Lemle (1984, p. 105), esse mecanismo de criar nomes a partir de adjetivos só existe “porque é possível haver adjetivos ligados a nós nominais vazios sujeitos a interpretação”.

olhando para sua função como unidade sintática. Dentro do composto, há concordância de gênero e de número de *grossas* com *cascas*, e por isso não exploraremos esse ponto aqui.

Como dito, há um certo consenso de que estes compostos A+N e N+A são formados sintaticamente, mas as possibilidades de concordância ora apontam para uma análise ainda sintática, ora para uma análise morfológica. Essa variação na concordância existe mesmo dentro de uma mesma variedade do português brasileiro culto, com duas formas plurais dicionarizadas em diversos casos: *má-criações* e *más-criações*, sem diferença de função sintática; *extrema-unções*, *extremas-unções*, também sem diferentes funções sintáticas; *livre-docentes*, quando tem função de adjetivo, e *livres-docentes*, com função de substantivo. E isso nada tem a ver com o tipo dos adjetivos, visto que *maus-olhados*, *extremas-direitas* e *livres-arbítrios* só são aceitos pela norma culta com essas possibilidades de marcação da flexão de número. Mas no caso dos sintagmas, não se atesta essa variação no português culto. A flexão de gênero e de número é sempre marcada tanto no nome quanto no adjetivo, indiscutivelmente.

Retomemos a discussão feita em Moreno (1997). O autor tece uma crítica a Lee mostrando por que a concordância de plural não é um bom parâmetro para a separação dos compostos lexicais e dos pós-lexicais. Moreno (1997, 2002) argumenta que a marca de plural ocorre no núcleo semântico do composto, e desencadeia concordância interna em determinados contextos. Assim, se nos compostos A+N, o núcleo está à direita, e nos compostos N+A o núcleo está à esquerda, a concordância dos compostos se explica para os casos (10-12, 15-20) mencionados anteriormente, mas não para os casos de (21-26). Para Moreno, a hesitação dos falantes a respeito do plural dos compostos marca o caráter sintático desses compostos, e a convivência entre as diferentes formas de plural pode estar relacionada a reanálises ocorridas de uma geração para outra, como mencionado. Moreno sugere que esses compostos se formam na sintaxe, mas que regressam ao léxico como uma entrada lexical independente, num mecanismo de *loop*. O mesmo raciocínio Moreno aplica à derivação dos diminutivos: para ele, é o núcleo que carrega o sufixo de diminutivo. As variações na forma são atribuídas ao grau de lexicalização que a palavra já atingiu. Se, em relação ao diminutivo, essa descrição de comportamento dos compostos se aplica, isso não significa que é o núcleo que carrega sempre os demais sufixos. No caso de *-ista* nos exemplos (27-29) a seguir, o sufixo estabelece uma relação de escopo com o composto inteiro, e não com parte do composto.

(27) água-fortistas

(28) asa-sulistas

(29) curta-metragistas

O que os exemplos precedentes nos mostram é que *-ista* se concatena na borda tanto de compostos A+N quanto de N+A. A flexão de plural, concatenada após essa sufixação, ocorre apenas na borda da palavra resultante, independentemente de *asa-sulista* ser composto N+A e de *curta-metragista* um composto A+N. O composto então não é mais transparente? No caso dos compostos *livre-docente*, *alto-astral* e *alemão-orientais* mencionados, quando

têm função de adjetivo, não manifestam flexão de número interna, mas apenas na borda. Podemos pensar que nesse caso forma-se primeiro um composto com um nó nominal, que se junta a um adjetivo sem conteúdo morfológico e fonológico, e forma-se um adjetivo. Mas, se for assim, a concordância também não considera mais a transparência sintática desse composto. A transparência só vê uma camada da composição.

Esses exemplos nos fazem defender que é mesmo a transparência sintática o elemento determinante da flexão, pois é ela que pressupõe análise dos componentes internos, mas talvez essa transparência não explique totalmente o processo de formação da palavra composta. No exemplo (28) recém mencionado, se o falante não produz plural nos dois elementos (*\*asas-sulistas*), mesmo sendo um composto N+A, é porque entende-se que esse sufixo *-ista* tem escopo sobre todo o composto, e que o plural é sobre o nome nó resultante, e não sobre os elementos que formam o composto. Já em um exemplo como *cuscuz-paulista*, o sufixo tem escopo apenas sobre um dos elementos do composto, que já está afixado e categorizado no momento do *merge* de *cuscuz* com *paulista*, por isso o plural *cuscuzes-paulistas*. Mas no caso da recategorização do composto, não vemos algo tão simples assim. Ou seja, a discussão da opacidade não parece ter relação com o fato de o composto ser lexical ou pós-lexical. E, por fim, no caso do diminutivo, se este não é concatenado após a formação da palavra composta, e sim durante o processo de formação da palavra composta, e por isso consegue se unir a palavra interna, simplesmente não há razão para essa discussão aparecer quando se discute a flexão de número.

## RETOMANDO...

O objetivo deste *squib* foi trazer uma discussão sobre a flexão de número em compostos formados por adjetivos e nomes. Ao compará-los a sintagmas, observamos que a concordância de gênero dos compostos é igual à dos sintagmas, mas a concordância de número não, em especial em A+N. A transparência de um composto não tem a ver só com a informação da classe das palavras que o compõem, pois a hesitação dos falantes sobre a flexão de plural mostra que a função sintática das palavras também atua na marca flexional. Assim, a flexão do sintagma se explica pela ordem, mas a do composto se explica tanto pela classe quanto pela função sintática das palavras que formam o composto. As variações de flexão nos compostos estão também relacionadas a registros de (in)formalidade, mas não apenas. Em diversos exemplos, parece haver concorrência de análises: ora a diferença de concordância é justificada pelas diferentes classes do nó (se forma adjetivo ou substantivo, como em *livre-docência*), ora não (como em *má-criação*, com dois plurais diferentes aceitos pelo dicionário Houaiss formando substantivos *má-criações*, *más-criações*). Todos esses fatores parecem indicar 1) que a hipótese de que há diversas análises concorrentes na gramática do português brasileiro para as palavras compostas é plausível, e 2) que a transparência sintática não está relacionada à discussão de o composto ser lexicalizado ou não, endocêntrico ou exocêntrico, mas ao número de camadas de composição que o falante precisa acessar. Assim, a análise das etapas de formação da palavra composta é imprescindível para entender como ocorre a flexão de número nesses casos, pois é a ela que se relaciona o grau de transparência de um composto.

## REFERÊNCIAS

BORER, H. Morphology and Syntax. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. F. (ed.). *The handbook of Morphology*. Oxford/Malden, MA: Blackwell, 1998.

BOSQUE, I.; PICALLO, C. Postnominal adjectives in Spanish DPs. *Linguistics*, v. 32, p. 349-385, 1996.

COSTA, J; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos*, v. 35, p.95-109, 2006.

DI SCIULLO, A. M.; WILLIAMS, E. *On Definition of Word*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS C. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford University Press, 2004.

GUEVARA, E.; SCALISE, S. Searching for universals in compounding. In: SCALISE, S.; BISETTO, A.; MAGNI, E. *Universals of Language Today*. Amsterdam: Springer, 2009. p. 101-128.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LEE, S-H. Sobre os compostos do PB. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-33, fev. 1997.

LEMLE, M. *Análise Sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984.

MEDEIROS, A. B. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MENUZZI, S. Adjectival positions inside DP. In: CREMMERS, C.; BOKBENEMA, R. (ed.). *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 127-138.

MORENO, C. A formação dos compostos no português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 99-129, mar. 2002.

MORENO, C. *Morfologia Nominal do Português: um estudo de fonologia lexical*. 1997. Tese (Doutorado) – PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 1997.

NOBREGA, V. A. *Tópicos em Composição: Estrutura, formação e acento*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PRIM, C.de S. *A sintaxe dos adjetivos em Português Brasileiro*. 2015. 175 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2015.

SANDMANN, A. J. O Que é um Composto? *Delta*, v. 6, p. 1-18, 1990.

SELKIRK, E. *The syntax of word*. Cambridge, MA: MIT Press, 1982.

*Squib* recebido em 31 de março de 2020.

*Squib* aceito em 26 de maio de 2020.



# A'-EXTRACTION FROM VERB-STRANDING VERB PHRASE ELLIPSIS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

---

EZEKIEL PANITZ\*

---

## ABSTRACT

This squib examines A'-extraction from verb-stranding VP-ellipsis (VVPE) in Brazilian Portuguese (BP). The two key observations around which the present article centers are as follows: (i) VVPE in BP is semi-transparent to A'-extraction, allowing A'-extraction in some configurations but not others; (ii) in sentences involving VVPE, BP permits movement of a VP-internal constituent to a low position in the clause, just outside the elliptical VP. Crucially, such movement is possible in precisely the same environments as is A'-extraction from VVPE. The pattern of A'-extraction permitted by BP VVPE is of broader theoretical interest in that it appears to undermine a core prediction of the leading account of semi-transparency. It is here that the second observation, above, proves illuminating; for in establishing that BP permits movement to a position just outside the elliptical VP — and that the distribution of such movement mirrors the distribution of A'-extraction from VVPE — it will be possible to reconcile the A'-extraction data with the leading account of semi-transparency.

**Keywords:** ellipsis, verb-stranding verb phrase ellipsis, extraction from ellipsis sites, Brazilian Portuguese

## RESUMO

Este squib examina a extração-A' a partir da elipse de VP com enclaxe do verbo (doravante, VVPE) no português brasileiro (PB). As duas observações cruciais são: (i) no PB, VVPE é semitransparente à extração-A', sendo esta permitida em algumas configurações, mas não em outras; (ii) em sentenças envolvendo VVPE, o PB permite movimento de um constituinte interno ao VP para uma posição mais baixa na oração, fora do VP elíptico. Crucialmente, tal movimento é possível precisamente nos mesmos ambientes em que há possibilidade de extração-A' a partir de VVPE. O padrão de extração-A' exibido pelo PB é de amplo interesse teórico pelo fato de parecer enfraquecer uma previsão central da análise tradicionalmente mais aceita da semitransparência. É aqui que a segunda observação se mostra esclarecedora, já que, ao estabelecer que o PB permite movimento para uma posição fora do VP elíptico — e que a distribuição de tal movimento espelha a distribuição da extração-A' a partir de VVPE — é possível conciliar os dados com extração-A' com a descrição tradicionalmente mais aceita para a semitransparência.

**Palavras-chave:** elipse, elipse de VP com enclaxe do verbo, extração a partir do constituinte elíptico, português brasileiro

---

\* Universidade de São Paulo, USP. *E-mail:* ezeziel.panitz@usp.br. I would like to thank the two anonymous reviewers of the present article for their detailed commentary and valuable suggestions. I would also like to thank Cristiany Fernandes, Elaine Grolla, Paulo Medeiros Junior, Caio Labate, Marcello Modesto, Jairo Nunes, Cilene Rodrigues, and Helena Vicente for their judgements. I gratefully acknowledge the financial assistance of FAPESP (grant #2018/03217-4, São Paulo Research Foundation (FAPESP)).

## 1 INTRODUCTION

Brazilian Portuguese (BP) has a variant of verb phrase ellipsis known as verb-stranding VP-ellipsis (VVPE). VVPE differs from “standard” VP-ellipsis in that in VVPE, unlike in standard VP-ellipsis, the main verb moves out of the VP, thereby stranding the ellipsis site (e-site).

- (1) Quando a Ana pôs os óculos na mesa, a Maria também  
 When the A. put the glasses on.the table, the M. also  
 pôs+T [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> os óculos na mesa]  
 put  
 ‘When Ana put her glasses on the table, Maria did too.’

(CYRINO; MATOS, 2002, p. 182)

The present article examines A'-extraction from VVPE in BP. The two key observations around which the present article centers are as follows: (i) VVPE is semi-transparent to A'-extraction, allowing A'-extraction in some configurations but not others; (ii) in sentences involving VVPE, BP permits movement of a VP-internal constituent to a low position in the clause, just outside the e-site. Crucially, the latter type of movement is possible in precisely the same environments as is A'-extraction from VVPE.

The pattern of A'-extraction permitted by BP VVPE is of broader theoretical interest in that it appears to undermine a core prediction of the leading account of semi-transparency. It is here that the second observation, above, proves illuminating; for in establishing that BP permits movement to a position just outside the elliptical VP — and that the distribution of such movement mirrors the distribution of A'-extraction from VVPE — it will be possible to reconcile the A'-extraction data with the leading account of semi-transparency.

## 2 TIMING-BASED ACCOUNTS OF ELLIPSIS

In recent years, it has been observed that various elliptical constructions are semi-transparent to extraction, in the sense that they permit some types of extraction from the e-site, but not others. For example, Dutch VPE permits A-extraction but not A'-extraction.<sup>1</sup>

- (2) a. Die broek MOET nog niet gewassen worden, maar hij<sub>i</sub> MAG al wel  
 those pants must still not washed become but he may already PRT  
 [<sub>i</sub> gewassen worden]  
 ‘Those pants don’t have to be washed yet, but they can be.’

<sup>1</sup> AFF = ‘affirmative particle’, PRT = ‘particle’.

- b. ?\* Ik weet niet wie Kaat wou uitnodigen, maar ik weet wel wie<sub>i</sub> ze MOEST  
 I know not who K. wanted invite but I know AFF who she must.PST  
 [t<sub>i</sub> uitnodigen]  
 'I don't know who Kaat wanted to invite, but I do know who she had to.'

(AELBRECHT, 2010, p. 60, 63)

Immediately, the question arises as to why ellipsis should selectively block extraction. In response to this question, a number of authors have proposed “timing-based” accounts of ellipsis (AELBRECHT, 2010; BALTIN, 2012; PARK, 2017). The central ingredients of these accounts are as follows: (i) ellipsis involves deletion, rather than LF-copying; (ii) deletion takes place in the course of the narrow syntactic derivation, rather than at PF; (iii) deletion opacifies the ellipsis site, blocking all subsequent extraction from the e-site.

Given (iii), the relative timing of the deletion and the extraction operations is central. If extraction precedes deletion, extraction succeeds. If deletion precedes, extraction fails.

As a demonstration, consider the Dutch pattern in (2) once again. According to Aelbrecht (2010), Dutch VPE involves deletion of VoiceP, with deletion taking place immediately upon the insertion of the modal verb. Crucially, the modal verb sits above TP, but below CP.

- (3) [<sub>CP</sub> [<sub>ModalP</sub> *verb*<sub>modal</sub> [<sub>TP</sub> [<sub>VoiceP</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>VP</sub> ...

Since Dutch A-movement initially targets SpecTP on its way up to SpecModalP, A-extraction from the e-site (i.e. from VoiceP) takes place before the modal is inserted — hence, before VoiceP is deleted and thereby opacified. A-extraction is thus successful. A'-movement from the e-site, by contrast, targets SpecCP and will not take place until C is inserted. By this point, the ellipsis site will have already been deleted, thus blocking extraction.

### 3 THE SEMI-TRANSPARENCY OF BP VVPE

VVPE in BP is semi-transparent to A'-extraction. A'-extraction from VVPE is possible when A'-movement takes place within the confines of a single clause (see (4a,b)). By contrast, it is impossible when A'-movement spans a finite clause boundary, with VVPE targeting the upstairs vP (see (5a,b)).<sup>2,3</sup>

2 Note that the non-elliptical version of (5a) and the non-elliptical version of (5b) are grammatical, albeit somewhat heavy. The same holds for all of the ungrammatical elliptical sentences that follow. Note, also, that all example sentences that are *not* accompanied by a citation are original data, coming from personal fieldwork.

3 One might wonder whether it is possible to generate (4a) and (4b) as in (i) and (ii) respectively, with PP-ellipsis in (i) and adjunct ellipsis in (ii). If such were possible, the examples in (4) would not support the conclusion that A'-extraction from VVPE is possible. However, BP does not permit PP-ellipsis or adjunct ellipsis. That this is so is demonstrated by the ungrammaticality of (iii) and the interpretation of (iv).

- (4) a. Eu sei qual desses meninos a Amanda pôs de castigo  
 I know which of.these kids the A. put of punishment  
 e qual ela não pôs+T [<sub>VP</sub> t<sub>V</sub> t<sub>wh</sub> de castigo]  
 and which she NEG put  
 'I know which of these kids Amanda punished and which of them she didn't punish.'
- b. Eu sei quais dos meninos o Lucas acorda cedo  
 I know which of.the kids the L. wakes.up early  
 e quais ele não acorda +T [<sub>VP</sub> t<sub>V</sub> t<sub>wh</sub> cedo]  
 and which he NEG wakes.up  
 'I know which of the kids Lucas wakes up early and which of them he doesn't wake up early.'
- (5) a. \* Eu sei qual desses meninos a Amanda disse que ela pôs de castigo  
 I know which of.these kids the A. said that she put of punishment  
 e qual ela não disse+T [<sub>VP</sub> t<sub>V</sub> [<sub>CP</sub> que ela pôs t<sub>wh</sub> de castigo]]  
 and which she NEG said  
 'I know which of these kids Amanda said that she punished and which of them she didn't say that she punished.'
- b. \* Eu sei em qual desses bolos o João disse que ele pôs um quilo de açúcar  
 I know in which of.these cakes the J. said that he put a kilo of sugar  
 e em qual ele não disse+T [<sub>VP</sub> t<sub>V</sub> [<sub>CP</sub> que ele pôs um quilo de açúcar t<sub>wh</sub>]]  
 and in which he NEG say  
 'I know in which of these cakes João said he put a kilo of sugar and in which of them he didn't say he put a kilo of sugar.'

Before inquiring whether the pattern of extraction exhibited above poses a problem for timing-based accounts of semi-transparency, two independent observations are in order. First, VVPE targets vP, not VP. The evidence for this conclusion comes from two sources: (i) the e-site contains manner adverbs, which are generally assumed to adjoin to vP; (ii) furthermore, the e-site contains secondary predicates that are predicated of an external argument. Given the strict locality of predication (see, e.g., WILLIAMS, 1980), it follows that

- (i) ... e qual ela não pôs+T [<sub>VP</sub> t<sub>V</sub> t<sub>wh</sub> [<sub>PP</sub> de castigo]]  
 (ii) ... e quais ele não acorda+T [<sub>VP</sub> t<sub>V</sub> t<sub>wh</sub> cedo]  
 (iii) \* A Amanda pôs o João de castigo e a Clara também pôs ele.  
 the A. put the J. of punishment and the C. also put him  
 (iv) A Maria acorda o João cedo, mas a Clara não acorda ele.  
 the M. wakes.up the J. early, but the C. NEG wakes.up him  
 = 'Maria wakes João up early, but Clara doesn't wake him up.'  
 ≠ 'Maria wakes João up early, but Clara doesn't wake him up early.'

such secondary predicates are merged at the vP-level, and not internal to the VP — and hence that VVPE targets vP, not VP.<sup>4</sup>

- (6) a. O Mané limpou o banheiro cuidadosamente e a Mara<sub>i</sub>  
 the M. cleaned the bathroom carefully and the M.  
 também limpou+T [<sub>VP</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> o banheiro]] cuidadosamente]  
 also cleaned  
 'Mané cleaned the bathroom carefully and Mara also cleaned the bathroom carefully.'

(TESCARI-NETO, 2012, p. 154)

- b. *Esse* roqueiro não canta bêbado, mas *aquele<sub>i</sub>* canta+T [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> bêbado]]  
 this rocker NEG sings drunk, but that sings  
 'This rocker doesn't sing drunk, but that one sings drunk.'

Second, A-extraction from VVPE is possible. That this is so has in fact already been demonstrated by the preceding examples, which involve A-extraction of the external argument from the e-site. Further evidence in support of this conclusion comes from the following sentences, which likewise involve A-extraction from the e-site.

- (7) a. Os alunos não chegam na escola cansados, mas os professores<sub>i</sub> chegam+T  
 the students NEG arrive in.the school tired but the teachers arrive  
 [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> na escola cansados]]  
 'The students don't arrive at school tired, but the teachers do.'
- b. O João parece cansado e o Pedro<sub>i</sub> também parece+T [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> cansado]]]  
 the J. seems tired and the P. also seems  
 'João seems tired and Pedro does too.'

Consider, now, whether a timing-based account of ellipsis successfully accounts for the semi-transparency of BP VVPE. Given the logic of timing-based accounts, according to which deletion of a constituent renders that constituent opaque to extraction, it must be the case that A-extraction from vP takes place prior to the deletion of vP. Suppose, then, that the vP is deleted immediately after A-extraction, upon the completion of the TP. Under this assumption, A'-extraction in the clause-crossing cases (i.e. (5a,b)) is correctly ruled out. Schematically, the derivation proceeds as follows.

- (8) a. [<sub>TP</sub> DP V+T [<sub>VP</sub> wh [<sub>VP</sub> t<sub>DP</sub> ... [<sub>CP</sub> t<sub>wh</sub> ... [<sub>VP</sub> t<sub>wh</sub> [<sub>VP</sub> ... t<sub>wh</sub> ... ]]]]]]]]  
 b. [<sub>TP</sub> DP V+T [<sub>VP</sub> wh [<sub>VP</sub> t<sub>DP</sub> ... [<sub>CP</sub> t<sub>wh</sub> ... [<sub>VP</sub> t<sub>wh</sub> [<sub>VP</sub> ... t<sub>wh</sub> ... ]]]]]]]]  
 c. \* [<sub>CP</sub> wh C [<sub>TP</sub> DP V+T [<sub>VP</sub> t<sub>wh</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>DP</sub> ... [<sub>CP</sub> t<sub>wh</sub> ... [<sub>VP</sub> t<sub>wh</sub> [<sub>VP</sub> ... t<sub>wh</sub> ... ]]]]]]]]]]

The diagram in (8a) represents the point in the derivation at which the subject has just raised to SpecTP. The vP is now deleted and thereby opacified. The wh-phrase, which is currently situated in the outer specifier of the matrix vP, will therefore be unable to move to

<sup>4</sup> Italicization is used to indicate contrastive stress.

SpecCP, and the derivation will crash, as desired. Unfortunately, A'-extraction in the single-clausal cases (i.e. (4a,b)) will likewise be excluded if deletion of vP takes place upon the completion of TP. In order to permit A'-extraction in the single-clausal cases, it must be the case that deletion of vP takes place only after the interrogative C has merged and attracted the wh-phrase to its specifier. Schematically:

- (9) a.  $[_{TP} DP V+T [_{VP} wh [_{VP} t_{DP} \dots [_{VP} \dots t_{wh} \dots ]]]]$   
 b.  $[_{CP} wh C [_{TP} DP V+T [_{VP} t_{wh} [_{VP} t_{DP} \dots [_{VP} \dots t_{wh} \dots ]]]]]]$   
 c.  $[_{CP} wh C [_{TP} DP V+T [_{VP} t_{wh} [_{VP} t_{DP} \dots [_{VP} \dots t_{wh} \dots ]]]]]]$

However, if deletion of vP takes place only after the wh-phrase has raised to SpecCP, the illicit clause-crossing cases are now ruled in, incorrectly.

Timing-based accounts thus seem ill-equipped to handle the pattern of semi-transparency exhibited by BP VVPE. The core of the dilemma lies in the fact that in both the single-clausal cases (4a,b) and the clause-crossing cases (5a,b), wh-extraction from the to-be-elided vP (specifically, from the outer specifier of the vP) takes place at precisely the same point in the derivation: namely, upon the merger of the interrogative C. Hence, timing-based accounts of ellipsis predict that both cases of extraction will pattern together with respect to their (in)ability to extract. In the remainder of this article, I argue that, contrary to initial appearances, a successful timing-based solution to the semi-transparency of BP VVPE is indeed possible, once a wider array of data is taken into consideration.

## 4 LOW MOVEMENT FROM VVPE

In this section, I argue that in sentences involving VVPE, BP permits movement of a vP-internal constituent to a position external to the e-site but lower than the verb's surface position. I will refer to such movement as "low movement".

- (10) ... V+T  $[_{XP} YP [_{VP} t_V \dots t_{YP} \dots ]]$

Upon initial consideration, the following example appears to indicate that BP permits low movement from VVPE.

- (11) a. A Ana compra revistinha pro Tiago mais frequentemente do que ela  
 the A. buys comic.books for.the T. more often of.the what she  
 compra \_\_\_ pra Clara.  
 buys \_\_\_ for.the C.  
 'Ana buys comic books for Tiago more often than she does for Clara.'

- b. ... ela compra+T  $[_{XP} [pra Clara]_i [_{VP} t_V revistinha t_i]]]$

- c. ... ela compra+T  $[_{VP} t_V [revistinha]] pra Clara]$

However, given that BP permits argument ellipsis of direct objects (CYRINO; LOPES, 2016, *inter alia*), (11a) can simply be generated as in (11c). Hence, (11a) does not provide evidence for low movement from VVPE.

The following pair of examples furnishes a more convincing argument in favor of low movement from VVPE.

- (12) (Context: Tiago is Clara's and Ana's father.)
- a. O Tiago dá água nesse copo pra Clara mais frequentemente do que  
 the T. gives water in.this cup to.the C. more often of.the what  
 ele dá pra Ana.  
 he gives to.the A.  
 'Tiago gives water to Clara in this cup more often than he gives water to Ana in this cup.'
- b. O Tiago dá água nesse copo pra Clara mais frequentemente do que ele dá água pra Ana.  
 'Tiago gives water to Clara in this cup more often than he gives water to Ana.'

Notice that the two examples differ from one another internal to the *than*-clause: (12b) contains an overt occurrence of *água* ('water'), whereas (12a) does not. Note, also, that the two examples are not synonymous. In (12a), but not (12b), the second clause can be understood as containing an implicit occurrence of the adjunct *nesse copo* ('in this cup'). Let us call this reading, "the adjunct reading". On the basis of this contrast, the following sequence of conclusions can be drawn. First, on the basis of the impossibility of the adjunct reading in (12b), we can conclude that BP does not have adjunct ellipsis — that is, an elliptical process that specifically targets adjuncts (see, also, fn. 3). After all, if BP had such a process, it would be possible to generate (12b) as in (13), which would yield the adjunct reading.

- (13) ... mais frequentemente do que ele dá água [~~nesse copo~~] pra Ana

Now, given that BP does not allow adjunct ellipsis, we can conclude that the adjunct reading in (12a) is *not* generated via adjunct ellipsis:<sup>5</sup>

- (14) ... do que ele dá [água] [~~nesse copo~~] pra Ana

Rather, (12a) is generated via ellipsis of some constituent that properly contains the adjunct. The natural candidate is *vP*, with the verb and the PP having raised out of the *vP*. In other words, (12a) is generated via low movement from VVPE:<sup>6</sup>

- (15) ... dá+T [<sub>XP</sub> [<sub>PP</sub> pra Ana] [<sub>vP</sub> t<sub>v</sub> água nesse copo t<sub>PP</sub>]]

5 In addition to adjunct ellipsis, (14) involves argument ellipsis of the direct object *água*.

6 Below, it will be argued that deletion of *vP* in BP takes place upon the completion of the TP. Hence, at the point in the derivation in which low movement extracts from *vP*, the *vP* has not yet been deleted, meaning that the *vP* is still transparent to extraction.

Interestingly, low movement exhibits the same distribution as A'-extraction from VVPE. Low movement can take place within a single clause, but it cannot take place across a finite clause boundary:

- (16) a. \* A Natália diz que ela compra revistinha pro Bruno mais frequentemente  
 the N. says that she buys comic.books for.the B. more often  
 do que ela diz \_\_\_ pra Clara.  
 of.the.what she says \_\_\_ for.the C.  
 'Natália says that she buys comic books for Bruno more often than she says that she buys comic books for Clara.'

b. \* ... ela diz+T [<sub>XP</sub> [pra Clara]<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> [<sub>CP</sub> que ela compra revistinha t<sub>i</sub> ]]]]

With regard to why low movement is unable to cross a finite clause boundary, there are two derivations to consider. In one derivation, movement from the base position to SpecXP takes place in one fell swoop, as in (16b). Such movement is ruled out by the Phase Impenetrability Condition (hereafter, PIC; CHOMSKY, 2001). Alternatively, movement to the outer specifier of the upstairs vP proceeds successive-cyclically, with the moved expression then raising to SpecXP.

- (17) a. [<sub>VP</sub> [pra Clara]<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> ... [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> ... [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> ... t<sub>i</sub> ]]]]]]  
 b. [<sub>XP</sub> [pra Clara]<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> ... [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> ... [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> ... t<sub>i</sub> ]]]]]]]]

Assume that SpecXP is an A-position. Under this assumption, the derivation depicted in (17) is successfully ruled out, as it involves a movement chain in which A'-movement feeds A-movement.<sup>7,8</sup>

7 The assumption that SpecXP is an A-position accounts for the distribution of low movement. (See section 6 for further evidence.) It will also play a pivotal role in accounting for the distribution of A'-extraction from VVPE, as will be discussed below. Ultimately, it will be desirable to gather independent evidence for the A-status of SpecXP. Such an undertaking, however, lies beyond the scope of this short article.

8 Having assumed that SpecXP is an A-position, the derivation of sentences involving single-clausal low movement (e.g. (12a)) appears to involve two violations of minimality: first low movement skips over the subject in Spec<sub>vP</sub>, and then the subject skips over the low-moved expression in SpecXP.

- (i) a. [<sub>XP</sub> YP [<sub>VP</sub> DP [<sub>VP</sub> t<sub>YP</sub> ]]]  
 b. [<sub>TP</sub> DP [<sub>XP</sub> YP [<sub>VP</sub> t<sub>DP</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>YP</sub> ]]]]

As a placeholder for a more thorough examination of this dilemma, I will assume, with Chomsky (1993) and, more recently, den Dikken (2007), that head movement extends minimal domains. Movement of the V+v complex to X will thus place SpecXP and Spec<sub>vP</sub> within the same minimal domain, rendering the two positions equidistant from YP's base position. Similarly, movement of the V+v+X complex to T will render SpecTP and SpecXP equidistant from Spec<sub>vP</sub>.

- (ii) a. [<sub>XP</sub> YP [<sub>X'</sub> [<sub>X</sub> [<sub>V</sub> V+v]+X] [<sub>VP</sub> DP [<sub>V'</sub> t<sub>V+v</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>VP</sub> ]]]]]]  
 b. [<sub>TP</sub> DP [<sub>T'</sub> [<sub>T</sub> [<sub>X</sub> V+v]+X]+T] [<sub>XP</sub> YP [<sub>X'</sub> t<sub>[V+v]+X</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>DP</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>V+v</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>VP</sub> ]]]]]]]]

Notice, also, that single-clausal low movement does not violate the PIC (specifically, the version of the PIC proposed in Chomsky (2001)). According to this version of the PIC, the domain of the vP phase (i.e. VP) will not be spelled out until C is merged. Hence, low movement can move directly to SpecXP without having to stop over in the outer specifier of vP, an A'-position. This is an important detail, as an intermediate stop over in the outer specifier of vP would result in a movement chain in which A'-movement feeds A-movement, rendering low movement illicit.

## 5 ANALYSIS

We are now in a position to return to the semi-transparency of BP VVPE. The two central components of the analysis to be developed here are as follows. First, deletion of vP takes place immediately after the completion of the TP, with deletion of the vP rendering it opaque to all subsequent extraction from it. Second, movement to SpecXP is A-movement.

Consider clause-crossing A'-extraction from VVPE (see (5a,b)). (18) represents the point in the derivation at which the matrix vP has just been completed.

$$(18) \quad [{}_{vP} \text{ wh } [{}_{vP} \text{ DP } \dots [{}_{CP} \text{ t}_{wh} \dots [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]]]]$$

At this point, there are two possible continuations, both ultimately leading to crash. The first continuation runs as follows.

$$(19) \quad \begin{array}{l} \text{a. } [{}_{TP} \text{ DP V+T } [{}_{vP} \text{ wh } [{}_{vP} \text{ t}_{DP} \dots [{}_{CP} \text{ t}_{wh} \dots [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]]]] \\ \text{b. } * [{}_{CP} \text{ wh C } [{}_{TP} \text{ DP V+T } [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \text{ t}_{DP} \dots [{}_{CP} \text{ t}_{wh} \dots [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]]]]]] \end{array}$$

In (19a), construction of the TP is completed, at which point the vP is deleted. The wh-phrase is thus trapped inside of the vP, and the derivation fails.

The second continuation of (18) is as follows, with low movement of the wh-phrase from the outer specifier of the matrix vP to SpecXP, construction of the TP, deletion of the vP, and wh-movement to SpecCP. The illicit step in this derivation is (20a), as it involves a movement chain in which A'-movement has fed A-movement.

$$(20) \quad \begin{array}{l} \text{a. } * [{}_{XP} \text{ wh } [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \text{ DP } \dots [{}_{CP} \text{ t}_{wh} \dots [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]]]] \\ \text{b. } [{}_{TP} \text{ DP V+T } [{}_{XP} \text{ wh } [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \text{ t}_{DP} \dots [{}_{CP} \text{ t}_{wh} \dots [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]]]]]] \\ \text{c. } [{}_{TP} \text{ DP V+T } [{}_{XP} \text{ wh } [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \text{ t}_{DP} \dots [{}_{CP} \text{ t}_{wh} \dots [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]]]]]] \\ \text{d. } [{}_{CP} \text{ wh C } [{}_{TP} \text{ DP V+T } [{}_{XP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \text{ t}_{DP} \dots [{}_{CP} \text{ t}_{wh} \dots [{}_{vP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]]]]]]]] \end{array}$$

Clause-crossing A'-extraction from VVPE is thus ruled out, as desired. As to clause-internal A'-extraction from VVPE (see (4a,b)), such extraction is correctly predicted to be possible, due to the availability of low movement. At the point in the derivation at which the vP is deleted, the wh-phrase will already be positioned outside of the vP, in SpecXP, and will therefore be free to raise to SpecCP.

$$(21) \quad \begin{array}{l} \text{a. } [{}_{TP} \text{ DP } [{}_{XP} \text{ wh } [{}_{vP} \text{ t}_{DP} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]] \\ \text{b. } [{}_{TP} \text{ DP } [{}_{XP} \text{ wh } [{}_{vP} \text{ t}_{DP} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]] \\ \text{c. } [{}_{CP} \text{ wh C } [{}_{TP} \text{ DP } [{}_{XP} \text{ t}_{wh} [{}_{vP} \text{ t}_{DP} [{}_{vP} \dots \text{ t}_{wh} \dots ]]]]] \end{array}$$

## 6 INFINITIVAL COMPLEMENTS AND EXTRACTION FROM VVPE

In the present section, I provide additional evidence in support of the analysis developed above, through an examination of sentences involving infinitival complements to control verbs.

There is considerable evidence within the literature on infinitival complementation that infinitival clauses come in more than one size (WURMBRAND, 2003; GRANO, 2015; among many others). When the upstairs verb is a non-restructuring control verb, the infinitival clause is a full CP. When the upstairs verb is a restructuring control verb, the infinitival clause is smaller than a full CP. I will follow Cinque (2004) and Grano (2015) in assuming that restructured infinitival clauses are vPs. I will also follow Cinque and Grano in assuming that restructuring control verbs are functional verbs, merged outside of the vP. The two structures are thus as follows.<sup>9</sup>

- (22) a. [<sub>TP</sub> The student<sub>i</sub> [<sub>vP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>vP</sub> decided [<sub>CP</sub> PRO<sub>i</sub> to read the book]]]]  
 b. [<sub>TP</sub> The student<sub>i</sub> [<sub>FP</sub> tried [<sub>vP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>vP</sub> to read the book]]]]

The analysis developed above generates the following predictions. When the upstairs verb is non-restructuring (and hence takes a CP complement), material embedded within the complement clause will be unable to undergo low movement into the matrix clause. Such movement will be impossible for the same reason that low movement out of a finite CP is impossible: the movement either violates the PIC or it involves movement from an A'-position to an A-position (see the discussion surrounding example (16a)). Moreover, when the upstairs verb is non-restructuring, A'-extraction from VVPE of material in the complement clause will be impossible — again, for the same reason that A'-extraction from VVPE of material embedded within a finite CP is impossible. With restructuring verbs, by contrast, low movement is predicted to be possible, as such movement will violate neither the PIC nor the ban on movement from an A'-position to an A-position (see fn. 11, diagram (i)). And since low movement is allowed, A'-extraction from VVPE will likewise succeed, given that the extractee will be outside of the vP (namely, in SpecXP) prior to the deletion of vP.

The following examples demonstrate that the above predictions are borne out. When the verb is restructuring (*tentar* ('to try'), *conseguir* ('to manage')), low movement and A'-extraction from VVPE are allowed. When the verb is non-restructuring (*decidir* ('to decide')),

<sup>9</sup> Following Grano (2015), control into restructured infinitival clauses is generated under movement, whereas control into non-restructured infinitival clauses involves PRO.

*convencer* ('to convince'), *obrigar* ('to require')), low movement and A'-extraction from VVPE are not possible.<sup>10,11</sup>

(23) A Ana tenta/consegue comprar revistinha pra Maria mais frequentemente  
the A. tries/manages to.buy comic.books for.the M. more often  
do que ela tenta/consegue\_\_ pra Clara.  
of.the what she tries/manages \_\_ for.the C.  
'Ana tries/manages to buy comic books for Maria more often than she tries/manages to buy comic books for Clara.'

(24) Eu sei em qual desses bolos o João tentou/conseguiu pôr um quilo de  
I know in which of.these cakes the J. tried/managed to.put a kilo of  
açúcar e em qual ele não tentou+T/conseguiu+T  
sugar and in which he NEG tried/managed  
'I know in which of these cake João tried/managed to put a kilo of sugar and in which of them he didn't try/manage to put a kilo of sugar.'

10 For reasons of space, I cannot present arguments for the (non)-restructuring status of the verbs in (23)-(28). For *tentar*, *conseguir*, *decidir*, I instead refer the reader to Modesto (2016). As to *convencer* and *obrigar*, note the contrast between (i) and (ii), which demonstrates the non-restructuring status of *convencer* and *obrigar* (see Modesto (2016, p. 167-169) for a discussion of the NPI *nunca* ('never') and an explanation of why the ungrammaticality of sentences such as (i) indicates that *convencer* and *obrigar* are non-restructuring.

(i) \* A Maria não convence/obriga o João a ajudar nunca ao Pedro.  
the M. NEG convince/require the J. to help never to.the P.  
'Maria doesn't convince/require João to ever help Pedro.'

(ii) A Lina não tenta ajudar nunca à sua mãe.  
the L. NEG try to.help never to.the her mother  
'Lina doesn't try to ever help her mother.'

(MODESTO, 2016, p. 168)

11 The structure of (23) is as follows. (For reasons of legibility, I omit the strikethrough on vP.)

(i) ... [TP<sub>v</sub> ela [<sub>T</sub> [<sub>F</sub> [<sub>X</sub> [<sub>V</sub> V+v]+X]+F]+T] [<sub>FP</sub> [<sub>F</sub> [<sub>XP</sub> [pra Clara] [<sub>X'</sub> [<sub>vP</sub> t<sub>ela</sub> [<sub>v'</sub> t<sub>v</sub> [<sub>vP</sub> t<sub>pp</sub>]]]]]]]]]

Note that movement of the V+v complex to X<sup>0</sup> places SpecXP and Spec<sub>v</sub>P within the same minimal domain. The two positions are thus equidistant from the base position of *pra Clara*, thus allowing the latter to skip over the DP in Spec<sub>v</sub>P without violating minimality. Similarly, the two positions are equidistant to SpecTP, which allows the subject in Spec<sub>v</sub>P to licitly raise to SpecTP past *pra Clara* in SpecXP.

Note, also, that low movement of *pra Clara* does not violate the PIC; see fn. 8 for discussion.

Finally, note that the structure of (24) is identical to (i), modulo movement of the low-moved wh-phrase from SpecXP onward to SpecCP.

- (25) ?\* A Clara decide comprar revistinha pro Paulo mais frequentemente do que ela decide \_\_\_ pra Ana.  
 the C. decides to.buy comic.books for.the P. more frequently than.the  
 what she decides \_\_\_ for.the A.  
 'Clara decides to buy comic books for Paulo more frequently than she decides to buy comic books for Ana.'
- (26) ?\* Eu sei em qual desses bolos o João decidiu pôr um quilo de açúcar e em qual ele não decidiu+T  
 I know in which of.these cakes the J. decided to.put a kilo of sugar  
 and in which he NEG decided  
 'I know in which of these cakes João decided to put a kilo of sugar and in which of them he didn't decide to put a kilo of sugar.'
- (27) ?\* A Júlia convence/obriga a Paula a comprar revistinha pra Maria mais frequentemente do que ela convence/obriga \_\_\_ pra Clara.  
 the J. convinces/requires the P. to buy comic.books for.the M. more frequently than.the what she convinces/requires \_\_\_ for.the C.  
 'Julia convinces/requires Paula to buy comic books for Maria more often than she convinces/requires Paula to buy comic books for Clara.'
- (28) ?\* Eu sei em qual dessas gavetas a Júlia convenceu/obrigou o Pedro a guardar as camisas e em qual ela não convenceu+T/obrigou+T  
 I know in which of.these drawers the J. convinced/required the P. to put the shirts and in which she NEG convinced/required  
 'I know in which of these drawers Julia convinced/required Pedro to put his shirts and in which of them she didn't convince/require him to put his shirts.'

## 7 CLOSING REMARKS

The present article advanced three empirical claims. First, BP VVPE is semi-transparent to A'-extraction. Specifically, A'-extraction is possible when A'-movement takes place within a single clause, but impossible when A'-movement crosses a CP-boundary on its way out of the e-site. Second, in sentences involving VVPE, BP permits movement of a vP-internal constituent to a position just outside of the vP. Third, such movement (which was called "low movement") is possible in the same contexts as is A'-extraction from VVPE. It was argued that the pattern of semi-transparency exhibited by BP VVPE can be accounted for by means of a timing-based account. Crucial to the success of this account was the observation that low movement functions as an escape hatch for A'-extraction from VVPE.

## REFERENCES

- AELBRECHT, L. *The Syntactic Licensing of Ellipsis*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.
- BALTIN, M. Deletion versus pro-forms: An overly simple dichotomy?. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 30, p. 381-443, 2012.
- CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (ed.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 1-52.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A life in language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- CINQUE, G. *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*. v. 4. Oxford University Press, 2006.
- CYRINO, S.; LOPES, R. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese. *The Linguistic Review*, v. 33, p. 483-502, 2016.
- CYRINO, S. M. L.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese: A comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 1, p. 177-195, 2002.
- DEN DIKKEN, M. Phase extension: Contours of a theory of the role of head movement in phrasal extraction. *Theoretical Linguistics*, v. 33, p. 1-41, 2007.
- GRANO, T. *Control and Restructuring*. Oxford University Press, 2015.
- MODESTO, M. Inflected infinitives and restructuring in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; ORDOÑEZ, F. (ed.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford University Press, 2016. p. 157-176.
- PARK, D. *When does ellipsis occur, and what is elided?* Doctoral dissertation – University of Maryland, College Park, 2017.
- TESCARI-NETO, A. *On verb movement in Brazilian Portuguese: A cartographic study*. Doctoral dissertation – Università Ca' Foscari di Venezia, 2012.
- WILLIAMS, E. Predication. *Linguistic Inquiry*, v. 11, p. 203-238, 1980.
- WURMBRAND, S. *Infinitives: Restructuring and Clause Structure*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

Squib received on April 7, 2020.  
Squib accepted on May 29, 2020.



# UMA NOTA SOBRE O TRAÇO DE GRADATIVIDADE: DOIS TIPOS DE GRAU EM EXCLAMATIVAS-WH DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

---

BRUNO FERREIRA DE LIMA\*

---

## RESUMO

Este *squib* apresenta um esboço de análise a respeito de um traço conceitual de um tipo específico de sentença exclamativa, a saber, o traço de gradatividade das exclamativas-wh iniciadas por *que* e por *quanto*. Partindo de uma perspectiva cartográfica da Teoria de Princípios e Parâmetros (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999), argumento que é necessária mais de uma categoria funcional para lexicalizar o conteúdo desse subtipo de exclamativa. A assunção dessas duas categorias vai ao encontro da proposta de Delfitto e Fiorin (2014), que postulam dois tipos de traço de gradatividade, a depender da exclamativa-wh: exclamativas-que contam com o traço *E-deg quali*, enquanto exclamativas-quanto contam com o traço *E-deg quanti*. Para justificar nossas análises, trazemos alguns dados do italiano *standard* (DELFITTO; FIORIN, 2014) e os contrastamos com dados do português brasileiro.

**Palavras-chave:** exclamativas, gradatividade, sintaxe gerativa

## ABSTRACT

This squib presents an analysis for a conceptual feature of a specific type of exclamative sentence, namely, the *gradability* feature, typical of wh-exclamatives starting with *que* ('what') and *quanto* ('how much'). By basing my analysis on the cartographic version of the Principles and Parameters Theory (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999), I argue that more than one functional category is necessary to lexicalize the content of this subtype of exclamative. Besides that, I assume, in the vein of Delfitto and Fiorin (2014), two types of *gradability features*, each one associated with a specific type of wh-exclamatives involved. Thus, *que*-exclamatives have the *E-deg quali* feature, while *quanto*-exclamatives have the *E-deg quanti* one. In order to give support to the analysis, I bring some data from standard Italian (DELFITTO; FIORIN, 2014) which are contrasted with their correspondents in Brazilian Portuguese.

**Keywords:** exclamatives, gradability, generative syntax

---

\* Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Doutorando em Linguística, *e-mail*: bruno\_skiba@hotmail.com. Esta pesquisa é financiada pelo CNPq, processo 142143/2020-0.

## 1 INTRODUÇÃO

As sentenças exclamativas tais como as em (1-3) são denominadas na literatura de exclamativas-wh:

- (1) Que estúpido esse ministro!
- (2) Quanta irresponsabilidade nesse país!
- (3) Como é catastrófica nossa situação!

Apesar de construções desse tipo já contarem com descrições importantes na literatura (ZANUTTINI; PORTNER, 2003; RETT, 2011; DELFITTO; FIORIN, 2014; etc.), principalmente no português do Brasil (PB) (SIBALDO, 2016; ZENDRON DA CUNHA, 2016; MEDEIROS JÚNIOR; SIEIRO, 2018; PINHEIRO, 2019; etc.), a natureza das exclamativas, enquanto modalidade sentencial, ainda não está bem definida, uma vez que não há uma teoria unificadora para elas (ODA, 2008).

A definição para essas sentenças envolve uma série de propriedades, de forma que se pode entender que as exclamativas-wh não correspondem a uma categoria “primitiva” da gramática, no sentido de que mais de uma categoria funcional é necessária para lexicalizar seu conteúdo.

Diversos autores argumentam que a exclamatividade das exclamativas-wh é satisfeita a partir de posições específicas na zona expandida do CP. Em vista dessa conjectura, discuto o processo derivacional das exclamativas que são as principais candidatas a ocuparem posições dedicadas na denominada periferia esquerda da sentença: as exclamativas-que e as exclamativas-quanto.<sup>1</sup>

Para atestar essa diferença sintático-semântica nas exclamativas-wh do PB, darei ênfase na distinção quanto ao traço de gradatividade (*E-deg*). Argumento que essa distinção depende da semântica do núcleo envolvido no sintagma-wh: *quanto* transforma graus quantitativos em *graus quantitativos excepcionais* (traço *E-deg quanti*), enquanto *que* transforma graus qualitativos em *graus qualitativos excepcionais* (traço *E-deg quali*) (DELFITTO; FIORIN, 2014).<sup>2</sup>

---

1 Deixamos as exclamativas-wh iniciadas por *como* de fora da discussão por defendermos que as exclamativas-*como* seriam distintas das exclamativas-*que* e das exclamativas-*quanto* em termos de propriedades sintático-semânticas. Segundo Ambar (2003), exclamativas-wh se comportariam tal como quantificadores avaliativos e subiriam para uma posição alta do CP. Contudo, embora tal observação seja o caso para exclamativas-*que* e para exclamativas-*quanto*, não parece ser para exclamativas-*como*:

- (i) Que/quantos livros o Pedro lhe ofereceu!
- (ii) \*Como livros o Pedro lhe ofereceu!

Dados como (i) e (ii) dão suporte para a hipótese de que apenas exclamativas-*que* e exclamativas-*quanto* vão, de fato, para a periferia esquerda da sentença para satisfazer seu traço de gradatividade.

2 Seguimos o argumento de que a exclamativa-wh sempre tem leitura gradativa, dada a sua propriedade semântica de “restrição de grau” (RETT, 2011). A hipótese é a de que as exclamativas-wh necessariamente

## 2 AS PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS DAS EXCLAMATIVAS-WH

Apesar de as sentenças exclamativas contarem com análises em diferentes abordagens teóricas, há propriedades desse tipo sentencial que são comumente descritas em todas as abordagens (ZEVAKHINA, 2014).

Em uma perspectiva sintática, o entendimento é o de que o movimento do elemento-wh seja obrigatório nas exclamativas, mas não nas interrogativas (ZANUTTINI; PORTNER, 2003; VILLALBA, 2016; ZENDRON DA CUNHA, 2016). Todavia, não há consenso na literatura sobre como ocorre esse movimento, embora haja o consenso de que a posição de pouso (*landing site*) das exclamativas-wh seja uma posição mais alta em CP do que a posição (final) para onde se movem as interrogativas-wh (ZANUTTINI; PORTNER, 2003; AMBAR, 2003; ZENDRON DA CUNHA, 2016). Também é bastante consensual a conjectura de que as exclamativas-wh compartilhem certas propriedades exibidas por categorias nucleares do sistema CP (AMBAR, 2003; LIPTÁK, 2006; CASTROVIEJO, 2006; entre outros).

Em uma perspectiva semântico-pragmática, em geral, assume-se que essas exclamativas podem ser definidas a partir das seguintes propriedades: (i) a veiculação de uma atitude do falante perante o predicado; (ii) o fato de a vericondicionalidade<sup>3</sup> de seu predicado ser dependente de perspectiva (em geral, do falante); (iii) a sensibilidade à experiência (visual, auditiva, etc.); (iv) a factividade;<sup>4</sup> e (v) a gradatividade/escalaridade (ZANUTTINI; PORTNER, 2003; CASTROVIEJO, 2006; RETT, 2011).

---

envolvem propriedades gradativas e esses graus podem ser quantitativos (quando envolvem uma escala extensional e/ou quantificacional, tal como na sentença *Quanto brinquedo na sala!*) ou qualitativos (quando envolvem uma escala intensional e/ou subjetiva, tal como na sentença *Que brinquedo na sala!*).

3 Como bem nos apontou um parecerista anônimo, apesar de ser postulada na literatura, essa propriedade é questionável. As exclamativas-wh não seriam passíveis de valor de verdade por estarem intimamente relacionadas à perspectiva do falante e não a condições de verdade no mundo.

4 Embora não se vá entrar nessa seara neste *squib*, é importante destacar que é questionável que o traço de factividade realmente esteja envolvido. Para mostrar a pertinência dessa propriedade, Zanuttini e Portner (2003) propõem um teste para verificar esse traço: o teste do encaixamento. Segundo esse expediente diagnóstico, sentenças exclamativas, em tese, podem ser encaixadas em predicados factivos. Assim, considerando-se uma sentença como *Como é linda aquela mulher!* ou *Quanta mulher linda!*, é de se esperar que essas ocorrências possam ser encaixadas, mas não é o que percebemos no PB:

- (i) João sabe como é linda aquela mulher!
- (ii) \*João sabe que linda aquela mulher!
- (iii) \*João sabe quanta mulher linda!

Admitimos, contudo, que há controvérsia na literatura. Enquanto alguns autores argumentam que essa propriedade não existe nas exclamativas (CASTROVIEJO, 2006; MAYOL, 2008), outros defendem que existe. Em uma investigação sobre as exclamativas do PB, Zendron da Cunha (2016), por exemplo, a partir de alguns testes semânticos, concluiu que as exclamativas apresentam essa propriedade. Ademais, como nos apontou um parecerista anônimo, se acrescentarmos a cópula em (ii), teremos a sentença *João sabe que linda (que) é aquela mulher*, que é aceita no PB.

Como dito anteriormente, o *squib* aborda apenas o traço de gradatividade e suas distinções quanto ao significado escalar das exclamativas. A hipótese que aqui se persegue é a de que as exclamativas-wh necessariamente envolvam propriedades gradativas e, portanto, constituam uma espécie de construção de grau.

Como podemos atestar na literatura, alguns autores entendem que as estratégias de derivação podem variar de acordo com o tipo de exclamativa-wh (GUTIÉRREZ-REXACH, 2001); outros, que a extensão do movimento é distinta, a depender do elemento-wh (LIPTÁK, 2006). Essas conjecturas encontrariam respaldo em argumentação semântica.

Segundo Nouwen e Chernilovskaya (2015), em termos de significado, existem dois tipos de exclamativas-wh e esses tipos se distinguem quanto ao significado escalar que cada construção veicula: um tipo expressa uma atitude exclamativa perante o referente wh (*e-level*) e o outro, uma atitude perante o evento veiculado pela expressão-wh (*i-level*). Essa distinção entre as exclamativas se dá a partir do elemento-wh. Nesse sentido, as línguas se distinguiram no que diz respeito a quais expressões-wh estão envolvidas em cada tipo de exclamativa. Dessa forma, se as expressões-wh podem alterar a referencialidade (*e-level* x *i-level*), é plausível que diferentes elementos-wh estejam associados a histórias derivacionais distintas, como veremos a seguir.

### 3 ANÁLISE PRELIMINAR

A hipótese mencionada anteriormente — i.e., de que diferentes exclamativas-wh podem ter estratégias derivacionais distintas — encontra respaldo nas análises sintáticas do italiano *standard* (DELFITTO; FIORIN, 2014). Segundo esses dois autores, as exclamativas-wh dão origem a pelo menos duas configurações distintas, cada uma envolvendo uma forma distinta de quantificação sobre graus. Tal observação foi feita com base no italiano — cf. a exclamativa-wh em (4) e a exclamação em (5) —, mas também é o caso para o PB, como podemos ver em (6) e (7):

- (4) Quante persone che hai incontrato!  
quantas pessoas que (você)-encontrou  
'Quanta gente que você encontrou!'

(DELFITTO; FIORIN, 2014, p. 5)

- (5) \*Molte/alcune/tante persone che hai incontrato!  
muitas/algumas/tantas pessoas que (você)-encontrou  
'Tantas pessoas você encontrou!'

(DELFITTO; FIORIN, 2014, p. 5)

- (6) Quantas pessoas que você conheceu!

- (7) \*Muitas/tantas pessoas que você conheceu!

Tanto em italiano quanto no PB, sentenças como (4) e (6) geralmente são realizadas com um complementizador *que* preenchido, apesar de a ausência desse item não prejudicar a gramaticalidade da sentença. Por outro lado, sentenças como (5) e (7) são agramaticais com o complementizador realizado, embora sejam gramaticais se esse elemento for retirado da estrutura, tal como em (9):

(8) Quantas pessoas você encontrou!

(9) Muitas pessoas (\*que) você encontrou!<sup>5</sup>

Considerando a diferença de interpretação entre (8) e (9), podemos perceber que tal distinção se assemelha àquela introduzida por Rett (2011) entre exclamações e exclamativas:<sup>6</sup> uma vez que (8) expressa a surpresa por parte do falante sobre o fato de o número de pessoas encontradas pelo interlocutor ser maior que o esperado, tal sentença se qualifica como uma exclamativa escalar, uma vez que existe um grau contextualmente relevante, que o falante compreende como *excepcional*; por outro lado, em (9), o significado expressivo recai sobre o fato de o falante ter conhecido um grande número de pessoas, mas não há a indicação de uma noção de gradabilidade (no sentido de extrapolação de alguma escala). Em outras palavras, em (8), o falante expressa surpresa sobre graus, enquanto em (9) a surpresa recai sobre proposições. Assim, como podemos notar, a propriedade de referencialidade repousa na diferença de gradabilidade veiculada pelo elemento-wh.

Para explicitar a natureza gradativa das exclamativas-wh e suas distinções em termos de escala, Delfitto e Fiorin (2014, p. 5) propõem a seguinte reflexão: suponha que o falante queira expressar surpresa não sobre o fato de o interlocutor ter conhecido um número excepcional de pessoas, mas sobre o fato de as pessoas serem excepcionais, no sentido de terem alguma propriedade contextualmente relevante. No exemplo dos autores, essa propriedade poderia ser o fato de as pessoas serem ganhadoras do prêmio Nobel. Para isso, o falante pode proferir (11) para expressar sua surpresa perante o fato de o interlocutor conhecer pessoas excepcionalmente inteligentes, mas não (10), de modo que é envolvida uma noção de escala qualitativa, em vez de quantitativa.

(10) #Quanta pessoa que você conheceu!<sup>7</sup>

(11) Que pessoas que você conheceu!

5 Conforme apontado pelos pareceristas anônimos, com o quantificador *tantas*, tanto (7) quanto (9) parecem ser aceitáveis. Uma explicação possível para isso seria o fato de esse quantificador indicar uma escala de quantidade mais especificada (tal como *quantas*). Trata-se, portanto, de um tópico que deve ser melhor investigado no futuro.

6 Segundo Rett (2008, p. 1), as “exclamações” (i.e., sentenças exclamadas expressas com sentenças declarativas) são distintas das denominadas “exclamativas” (exclamações expressas com elementos-wh, DPs definidos e construções de inversão): para que a expressão de uma exclamação seja expressivamente correta, seu conteúdo deve ser saliente e o falante deve considerar surpreendente esse conteúdo; já para as exclamativas, além do “fator surpresa”, seu conteúdo deve veicular alguma “escalaridade” — por vezes compreendida pela ação de um operador lógico alocado em CP, que extrapola o limite máximo de uma escala (ZANUTTINI; PORTNER, 2003), ou, por vezes, compreendida como um grau que deve exceder um padrão contextualmente relevante (RETT, 2008).

7 Embora a sentença (10) seja gramatical em PB, não é adequada nesse contexto (em que o falante está surpreso em conhecer pessoas excepcionalmente inteligentes), de modo que sinalizamos a sentença com “#” para indicar sua infelicidade (em termos griceanos).

Analisando-se esses fatos a partir de uma perspectiva sintática, é plausível supor que haja uma posição dedicada na periferia esquerda, acessível a sintagmas de grau como *quanto*-N e *que*-N, mas não a *muito/tanto*-N, o que explicaria a agramaticalidade de (5) e (7). Assim, podemos postular que essa posição dedicada seria ocupada apenas por sintagmas-wh, que preencheriam uma das projeções de tópico entre ForceP e FinP, em uma estrutura à la Rizzi (1997):

(12) [ForceP...(Topic\*)...Focus...(Topic\*) Fin [IP

Ademais, em exclamativas do PB, o movimento para essa posição-wh seria incompatível com a realização do complementizador *que*, quando o elemento-wh em questão não é gradativo, como podemos ver em (13) a seguir:

(13) \*Quais pessoas que você conheceu!

Dada a sentença em (13), é plausível argumentar que a ocorrência de sintagmas de grau à esquerda de complementizadores morfofonologicamente realizados, como *que*, indica que sintagmas de grau são deslocados para uma posição mais alta que ForceP, selecionando toda a estrutura do CP. Para Delfitto e Fiorin (2014, p. 6), essa posição mais alta seria uma projeção de grau e seria intrínseca a estruturas exclamativas escalares. Assim, exclamativas-*que* e exclamativas-*quanto* teriam a seguinte configuração:

(14) [**Deg** [Force...(Topic\*)...Focus...(Topic\*) Fin [IP

Isso posto, minha hipótese para o PB é a de que tanto exclamativas-*quanto* quanto exclamativas-*que* sejam dotadas de uma propriedade formal que indica grau excepcional (em um sentido escalar).<sup>8</sup> Delfitto e Fiorin (2014) denominam essa propriedade de *E-deg* e propõem que *que*-N e *quanto*-N são marcados sintaticamente como *E-deg*, diferentemente de sintagmas como *muito*-N, que não veiculariam uma noção de grau.

Apesar dessa similaridade de traço gradativo envolvido em suas estruturas, exclamativas-*que* e exclamativas-*quanto* se distinguem sintaticamente em alguns aspectos. Por exemplo, tanto em italiano (15) quanto em PB (16), não é possível que *quanto* ocorra à esquerda do complementizador *que* em exclamativas-wh:

(15) \*Quanto che È intelligente Gianni!  
Quanto que É inteligente Gianni  
'Quanto que é inteligente Gianni!'

(DELFITTO; FIORIN, 2014, p. 7)

(16) \*Quanto que é inteligente o João!<sup>9</sup>

8 Uma hipótese similar é encontrada em Villalba (2003), para quem as exclamativas-*que* do catalão sempre envolvem uma modificação de grau, em que o modificador é um operador de grau nulo (DegOP).

9 Tal julgamento de gramaticalidade, todavia, não é consensual: alguns falantes de PB aceitam essa sentença, enquanto outros a consideram agramatical.

Contudo, tal configuração sintática é totalmente gramatical com *che/que*, como vemos em (17) e (18):

- (17) Che intelligente che è Gianni!  
 Que intelligente que é Gianni  
 'Que intelligente que é Gianni'

(DELFITTO; FIORIN, 2014, p. 7)

- (18) Que intelligente que é João!

O motivo para esse contraste, a agramaticalidade de (15) e (16) e a gramaticalidade de (17) e (18), seria a natureza da propriedade *E-deg* envolvida, que impactará a seleção envolvida no elemento-wh. Nesse aspecto, Delfitto e Fiorin (2014) observam que, em italiano, o elemento-wh *que* pode selecionar tanto adjetivos como nomes. Tal possibilidade também existe no PB:

- (19) Che persone che hai incontrato!  
 que pessoas que (você) encontrou  
 'Que pessoas que você encontrou!'

(DELFITTO; FIORIN, 2014, p. 6)

- (20) Que pessoas que você encontrou!

Nesses casos em (19) e (20), o sintagma *que-N* seria sensível ao contexto. O falante expressa surpresa sobre alguma característica da pessoa conhecida/encontrada, de modo que o contexto alterará a interpretação: se a pessoa encontrada/conhecida for um político poderoso, o falante estará expressando uma atitude sobre os valores de *x* serem extraídos de um conjunto de *pessoas excepcionalmente importantes*; por outro lado, se a pessoa encontrada for um traficante, o valor de *x* se altera e a surpresa do falante recai sobre o fato de a pessoa ser *excepcionalmente perigosa*, e assim por diante. Em outras palavras, o conteúdo da avaliação em estruturas como *que-N* é derivado a partir de um parâmetro de contexto.

Nessas estruturas, assume-se a existência de algum "operador de medida", de modo que nomes possam ser selecionados por funções que mapeiam entidades em graus ao longo de uma escala contextualmente determinada (RETT, 2011).<sup>10</sup> Assim, em sentenças como (19) e (20), *que* seria núcleo de um sintagma-wh dotado do traço *E-deg*, que induz uma leitura gradativa sobre o sintagma nominal selecionado. Nesse sentido, o traço *E-deg* transforma os graus sobre os quais quantifica em *graus excepcionais*, permitindo a veiculação em exclamativas (DELFITTO; FIORIN, 2014).

Apesar de o traço *E-deg* estar presente em exclamativas-que e em exclamativas-quanto, a natureza do grau envolvido é diferente. Dito isso, é possível formalizar a distinção entre

<sup>10</sup> O conteúdo das sentenças exclamativas é uma propriedade de graus  $\Sigma$  do tipo  $\langle d, \langle s, t \rangle \rangle$ , sobre o qual o falante tem evidência direta de que algum grau  $d$  está em  $\Sigma$ , esse grau excede o padrão de  $\Sigma$  e o falante acredita que  $\Sigma(d)$  é verdadeiro (RETT, 2011).

*que* e *quanto* em exclamativas-wh da seguinte forma: o traço *E-deg* realizado em sintagmas como *quanto*-N seleciona graus em uma escala quantitativa, enquanto o traço *E-deg* realizado em sintagmas como *que*-N seleciona graus em uma escala qualitativa, que é contextualmente valorada.

Dito de outra forma, a escala na qual os graus são introduzidos pode ser de natureza quantitativa ou qualitativa, de modo que as duas opções dependerão da semântica do núcleo envolvido no sintagma-wh: *quanto* transforma graus quantitativos em *graus quantitativos excepcionais*, enquanto *que* transforma graus qualitativos em *graus qualitativos excepcionais* (RETT, 2011; DELFITTO; FIORIN, 2014).

Tal ideia nos parece intuitiva, dado que *quanto* é um sintagma-wh de quantidade, diferentemente do elemento-wh *que*. Talvez essa intuição nos dê alguma pista sobre a possibilidade de inversão entre o sintagma nominal e APs em estruturas com *que*, mas não em estruturas com *quanto*:

- (21) a. Que filme interessante que assisti!  
b. Que interessante filme que assisti!  
c. Que sapato belo que eu comprei!  
d. Que belo sapato eu comprei!
- (22) a. Quanto filme interessante que assisti!  
b. \*Quanto interessante filme que assisti!  
c. Quanto sapato belo que eu comprei!  
d. \*Quanto belo sapato que eu comprei!

A possibilidade de inversão nas sentenças com *que* (21) e a impossibilidade de inversão nas sentenças com *quanto* (22) podem ser explicadas com base, entre outros fatores, numa distinção de operador de grau, como vimos anteriormente, tal como numa diferença estrutural na posição dos diferentes elementos-wh envolvidos.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste *squib*, apresentei indícios de que há uma diferença estrutural entre exclamativas-*que* e exclamativas-*quanto*, com base em uma distinção conceitual entre dois tipos de traço de grau. Com base em uma análise contrastiva com o italiano *standard*, argumentei que as exclamativas-*que* envolveriam o traço *E-deg quali* e que as exclamativas-*quanto* envolveriam o traço *E-deg quanti*.

Disso se segue ser plausível propor que — uma vez que as exclamativas-wh do PB contam com três entonações distintas, a depender do elemento-wh envolvido (ZENDRON DA CUNHA, 2016) — poderia haver três diferentes formas de manipulação de uma mesma estrutura, uma forma para cada tipo de exclamativa.

Resta, para investigações futuras, averiguar se, com base nessa distinção de traço envolvido, há diferença estrutural quanto à *posição* última *de pouso* desses elementos-wh nessas estruturas.

## REFERÊNCIAS

AMBAR, M. Wh-asymmetries. In: DI SCIULLO, A. M. (ed.). *Asymmetry in grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 209-249.

CASTROVIEJO, E. *Wh-Exclamatives in Catalan*. Tese (Doutorado) – Universitat de Barcelona, 2006.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

DELFITTO, D.; FIORIN, G. Exclamatives: Issues of syntax logical form and interpretation. *Lingua*, v. 152, p. 1-20, 2014.

GUTIÉRREZ-REXACH, J. Spanish Exclamatives and the Interpretation of the Left Periphery. In: *Romance Languages and Linguistic Theory 1999: Selected Papers from "Going Romance"*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 167-194.

LIPTÁK, A. Word Order in Hungarian Exclamatives. In: *Acta Linguistica Hungarica*, v. 53, n. 4, p. 343-391, 2006.

MAYOL, L. Catalan 'Déu n'hi do' and Levels of Meaning in Exclamatives. In: CHANG, C. B.; HAYNIE, H. J. (ed.). *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*, p. 375-383, 2008.

MEDEIROS JÚNIOR, P.; SIEIRO, P. L. M. 'Que lindo o que vocês organizaram!' Brazilian Portuguese Wh-Exclamatives and the Evidence for a Split Force. In: 3º ENCONTRO INTERNACIONAL DE SINTAXE, SEMÂNTICA E INTERFACES, 2018, Florianópolis. *Resumos [...]*. Florianópolis: [s. n.], 2018. p. 64-65.

NOUWEN, R.; CHERNILOVSKAYA, A. Two types of exclamatives. *Linguistic Variation*, v. 15, n. 2, p. 201-224, 2015.

ODA, T. *Degree constructions in Japanese*. Tese (Doutorado) – University of Connecticut, 2008.

PINHEIRO, C. S. *Small Clauses Livres: bem diferentes, essas sentenças!* Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

RETT, J. A degree account of exclamatives. In: *Proceedings of SALT XVII*. Ithaca: CLC Publications, 2008.

RETT, J. Exclamatives, degrees and speech acts. *Linguistics & Philosophy*, v. 34, n. 5, p. 411-442, 2011.

RIZZI, L. The fine structure of left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997. p. 282-337.

SIBALDO, M. A. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. *Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 113-132, 2016.

VILLALBA, X. An exceptional exclamative sentence type in Romance. *Lingua*, v. 113, p.713-745, 2003.

VILLALBA, X. L'evolució de les oracions exclamatives-qu de grau en català. *Caplletra. Revista Internacional de Filologia*, v. 60, p. 211-226, 2016.

ZANUTTINI, R.; PORTNER, P. Exclamative clauses: At the syntax-semantics interface. *Language*, v. 79, p. 39-81, 2003.

ZENDRON DA CUNHA, K. *Sentenças exclamativas em Português Brasileiro: um estudo experimental de interface*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ZEVAKHINA, N. Syntactic strategies of exclamatives. *The journal of Estonian and Finno-Ugric linguistics*, v. 4: 2, p. 157-178, 2014.

*Squib* recebido em 15 de maio de 2020.

*Squib* aceito em 29 de maio de 2020.



# A REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DO ASPECTO *PERFECT*: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ADVÉRBIOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

AMANDA ALEVATO DE SANT'ANNA\* | ADRIANA LEITÃO MARTINS\*\* | JEAN CARLOS DA SILVA GOMES\*\*\*

---

## RESUMO

O aspecto *perfect* refere-se a um intervalo de tempo que relaciona dois pontos na linha temporal, podendo ser dividido em universal (PU) e existencial (PE). Segundo Nespoli (2018), esses estão dissociados na representação sintática, correspondendo a sintagmas distintos. O objetivo deste trabalho é investigar a hierarquia dos sintagmas de PU e de PE a partir do ordenamento de verbos em relação aos advérbios *ainda*, que veicula PU, e *já*, que veicula PE, no português brasileiro. A hipótese é a de que o sintagma de PU domina o de PE na representação sintática. Foram analisados dados de fala espontânea e aplicado um teste de ordenamento de sentenças. Os resultados indicaram que, na veiculação de PU e de PE, a maioria das ocorrências contém o verbo à direita do advérbio. Assim, a hipótese não foi refutada. Apesar disso, argumentamos que os resultados não fornecem evidências em favor da dominância do sintagma de PU sobre o de PE. Discutimos ainda que a metodologia empregada se mostra adequada para o entendimento do fenômeno investigado.

**Palavras-chave:** *perfect*, representação sintática, ordenamento verbo/advérbio, cartografia

## ABSTRACT

The perfect aspect refers to a time interval which relates two points in the timeline, and can be divided in universal (UP) and existential (EP). According to Nespoli (2018), they are dissociated in the syntactic representation, corresponding to different phrases. This work aims to investigate the hierarchy of the UP and EP phrases through the ordering of verbs in relation to the adverbs *ainda* ('still'), which conveys UP, and *já* ('already'), which conveys EP, in Brazilian Portuguese. The hypothesis is that the UP phrase dominates the EP phrase in the syntactic representation. Spontaneous speech data were analyzed and an ordering of sentences test was applied. The results indicated that, both in the conveying of UP and EP, most of the occurrences contains the verb to the right of the adverb. Thus, the hypothesis was not refuted. Still, we argued that the results do not provide evidence in favor of the dominance of the UP phrase in relation to the EP phrase. Besides, we discussed that the methodology employed proves to be adequate to the understanding of the investigated phenomenon.

**Keywords:** perfect, syntactic representation, verb/adverb order, cartography

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Graduanda no curso de Letras: Português — Latim, e-mail: a.santanna@letras.ufrj.br.

\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Doutora em Linguística e Professora Associada do Departamento de Linguística e Filologia, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras, e-mail: adrianaleitao@letras.ufrj.br.

\*\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Doutorando em Linguística, Professor Substituto do Departamento de Linguística e Filologia e do Departamento de Letras Neolatinas e Bolsista do CNPq, e-mail: gomes.jean@letras.ufrj.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Aspecto, segundo Comrie (1976), diz respeito às diferentes formas de se visualizar a composição temporal interna de uma situação. O *perfect*, foco deste trabalho, é um aspecto gramatical que relaciona dois pontos no tempo, podendo ser dividido, de acordo com autores como McCawley (1981), em *perfect* universal (PU) e *perfect* existencial (PE).<sup>1</sup> Enquanto o primeiro pode estar relacionado à expressão de situações iniciadas no passado que persistem até o presente, o segundo, à expressão de situações finalizadas no passado com efeitos no presente.

Com base na teoria gerativa, o aspecto gramatical pode ser estudado à luz de sua representação sintática na sentença, sendo considerado uma categoria funcional que possui traços capazes de projetar nódulos na chamada árvore sintática, mais especificamente, na camada flexional. Levando em consideração os pressupostos da cartografia sintática, entendemos que esses traços sejam universais, logo, estão presentes em todas as línguas.

No que diz respeito à representação sintática do aspecto *perfect*, autores como Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) propõem que há apenas um sintagma, o PerfP, que abarca o traço referente a esse aspecto independentemente de suas possíveis subdivisões. Por outro lado, Nespoli (2018) argumenta a favor de uma cisão desse sintagma na representação estrutural, havendo sintagmas distintos para abarcar os traços referentes ao PU e ao PE, sendo o UPerfP relacionado ao primeiro e o EPerfP, ao segundo.

A autora também formula uma lista de advérbios e expressões adverbiais veiculadores de PU e PE em línguas neolatinas, entre os quais destacamos *ainda*, para PU, e *já*, para PE. Levando em consideração que o ordenamento de verbos em relação aos advérbios nas sentenças seja uma ferramenta produtiva para o entendimento da representação sintática de categorias funcionais (CINQUE, 1999; TESCARI NETO, 2019), neste trabalho, utilizamos tais advérbios para a investigação da representação sintática do *perfect*.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é contribuir para a representação sintática do aspecto *perfect*. Mais especificamente, pretende-se investigar a hierarquia dos sintagmas de PU e PE na representação da camada flexional, utilizando-se, como instrumento, o ordenamento, no português brasileiro (PB), verbos em relação aos advérbios *ainda* e *já*. A hipótese deste trabalho, em consonância com Nespoli (2018), é a de que o sintagma de PU domina o sintagma de PE na representação da camada flexional.

Este *squib* está organizado da seguinte maneira: na segunda seção, apresentamos uma descrição do aspecto *perfect* e suas propostas de representação sintática; na terceira, discorremos sobre a metodologia elaborada para esta pesquisa; na quarta, apresentamos e discutimos os resultados obtidos; e, por fim, na última, dissertamos sobre as considerações finais deste estudo.

---

<sup>1</sup> Optou-se por não traduzir o termo *perfect* neste *squib* com o objetivo de evitar que sejam feitas interpretações equivocadas do termo “perfeito”. Este, nas gramáticas da língua portuguesa, é comumente utilizado para fazer alusão ao valor aspectual de perfectivo, que se distingue do valor aspectual de *perfect* tal como entendido neste estudo.

## 2 A REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DO ASPECTO *PERFECT*

O aspecto *perfect*, segundo Pancheva (2003), refere-se a um intervalo de tempo que relaciona o momento do evento ao momento de referência. Dessa forma, esse aspecto relaciona dois pontos na linha do tempo, podendo ser associado ao passado, ao futuro e ao presente, sendo a combinação com este tempo a que interessa a este trabalho.

McCawley (1981) propõe a existência de dois tipos de *perfect*: PU e PE. Quando associados ao presente, o PU refere-se a um evento que começa no passado e continua até o presente, como apresentado no exemplo em (1), enquanto o PE refere-se a um evento que começa e termina no passado, mas que ainda possui efeitos salientes no presente, ou seja, a situação passada tem uma relação estreita com o presente, como apresentado no exemplo em (2).

- (1) Andressa mora no Rio de Janeiro desde 1999.
- (2) Márcio e Glaucia já viajaram para Brasília.

No PB, o PU, quando associado ao presente, segundo Novaes e Nespoli (2014) e Jesus *et al.* (2017), pode ser realizado pelas seguintes morfologias: passado composto, formado por *ter* no presente + verbo principal no particípio, perífrases progressivas, formadas por um verbo auxiliar no presente + verbo principal no gerúndio, e presente do indicativo, como se pode ver, respectivamente, no exemplo em (3).

- (3) Eu **tenho morado** / **estou morando** / **moro** aqui há 5 anos.

(Adaptado de Jesus *et al.* (2017, p. 518))

O PE, quando associado ao tempo presente, de acordo com Novaes e Nespoli (2014), Matos (2017) e Jesus *et al.* (2017), pode ser realizado morfologicamente por meio do pretérito perfeito acompanhado de uma informação adicional que contribua para a veiculação desse aspecto, como, por exemplo, o advérbio *já* na sentença em (4)<sup>2</sup>, por meio de uma perífrase formada por *acabar* conjugado no pretérito perfeito + *de* + verbo principal no infinitivo, como verificado em (5), e por meio do presente do indicativo + adjetivo, como visto no exemplo em (6).

2 Por um lado, em línguas como o inglês, para a realização de PE associado ao presente, é possível utilizar a morfologia de passado composto, que contém um verbo auxiliar no presente (*Mary has been to Paris* ('Maria foi a Paris')). Por outro lado, em línguas como o PB, tal noção aspectual é prototipicamente realizada pela morfologia de pretérito perfeito associada a advérbios / expressões adverbiais que atuam no estabelecimento da relação entre passado e presente (*Maria já foi a Paris*).

- (4) Eu **já perdi** bebê.
- (5) **Acabei de sair** de um casamento de dez anos, então eu posso falar.
- (6) Você **tá** com o cabelo muito bem **cortado**.

(Exemplos (4) a (6) extraídos de Matos (2017, p. 25))

Ao tratarmos da representação sintática do aspecto *perfect*, é importante destacar que, nos estudos de Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003) e de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), considera-se que há apenas um sintagma na camada flexional para esse aspecto, o PerfP. Neste sintagma, estaria alocado o traço referente ao *perfect*, não havendo distinção sintática entre o PU e o PE.

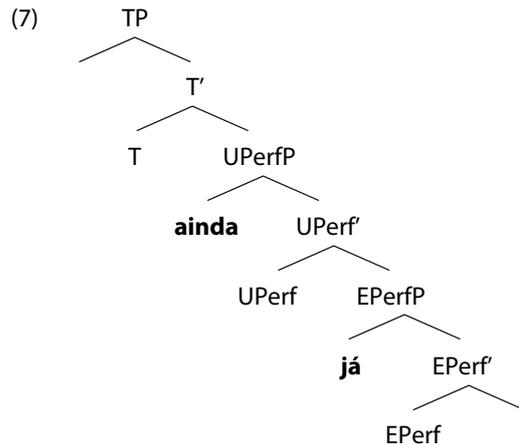
Nespoli (2018), por sua vez, argumenta a favor da dissociação entre PU e PE na representação sintática, havendo sintagmas distintos para cada um deles: o UPerfP, para o primeiro, e o EPerfP, para o segundo. A autora fundamenta sua tese a partir da análise de línguas neolatinas, tais como o português europeu e o brasileiro, o francês, o espanhol e o italiano, nas quais identifica realizações morfossintáticas — ou seja, morfológicas e adverbiais — distintas para a realização de PU, de um lado, e de PE, de outro. Além disso, a autora propõe que os traços que estão no núcleo desses sintagmas são diferentes, a saber: o traço [continuativo], como aquele que projeta UPerfP, e o traço [resultativo], como aquele que projeta EPerfP. Tais evidências são tomadas pela autora como argumentos contundentes para a proposição de sintagmas dissociados para cada tipo de *perfect*.

Ainda, em sua proposta, a hierarquia estabelecida entre os sintagmas de *perfect* seria a de que UPerfP domina EPerfP na representação da camada flexional, e a autora explica que a valoração do traço do núcleo do sintagma EPerfP deve ser feita para a expressão de ambos os tipos de *perfect*, uma vez que o [resultativo] é característico tanto de PU quanto de PE. Assim, uma vez valorado o traço do sintagma mais abaixo (EPerfP) para a expressão de ambos os tipos de *perfect*, há ainda a valoração do traço do sintagma mais acima (UPerfP) para a expressão de PU. A autora propõe, ainda, que o TP, sintagma responsável pelos traços de tempo, domina os sintagmas de *perfect*.

Uma das formas de investigar a hierarquia entre sintagmas funcionais na representação sintática, como os de PU e de PE neste trabalho, é por meio da análise do posicionamento de verbos em relação aos advérbios presentes nas sentenças, uma vez que alguns deles podem ocupar a posição de especificador em núdulos funcionais (CINQUE, 1999; TESCARI NETO, 2019).<sup>3</sup> Com relação ao *perfect*, Jesus *et al.* (2017) e Nespoli (2018) postulam que alguns

3 De acordo com Tescari Neto (2019) não são todos os advérbios que podem colaborar na investigação acerca da hierarquia entre núdulos funcionais. Para o autor, somente advérbios adjuntos de VP, considerados AdvPs baixos, servem a tal verificação, como em *O João mente ainda*. Por outro lado, advérbios sentenciais, considerados AdvPs altos, não colaboram para tal estudo, como em *\*O João mente provavelmente* (TESCARI NETO, 2019).

advérbios e expressões adverbiais podem veicular PU e PE nas línguas. Para este trabalho, foram selecionados os advérbios *ainda*, que ocuparia o especificador de UPerfP, e *já*, que ocuparia o especificador de EPerfP. Tais advérbios, em uma representação sintática como a defendida por Nespoli (2018), são ilustrados em (7), que apresenta apenas os sintagmas relevantes para este estudo.<sup>4</sup>



A escolha desses advérbios baseia-se também nos achados de Tescari Neto (2019). O autor desenvolve um trabalho com o objetivo de verificar quais advérbios poderiam servir como melhor evidência para a investigação da hierarquia de sintagmas funcionais na representação sintática. Em sua pesquisa, discute que *ainda* e *já*, selecionados para esta investigação, parecem adequados para o uso na metodologia adotada em estudos de sintaxe cartográfica, como a empreendida neste trabalho.

Neste estudo, utiliza-se o ordenamento de verbos que veiculem PU e PE com relação aos advérbios listados a fim de verificar a hipótese de que UPerfP domina EPerfP na representação da camada flexional. Assume-se que, para a veiculação de PE, o verbo deve mover-se para EPerfP, para checagem do traço [resultativo] e, depois, para TP, para a checagem de traços de tempo. Para a veiculação de PU, assume-se que o verbo deve mover-se para EPerfP, depois para UPerfP, para a checagem do traço [continuativo], e, finalmente, para TP, para a checagem de traços de tempo. Assim, a refutação dessa hipótese poderá ocorrer se o verbo que veicula PU encontrar-se consistentemente à esquerda de *ainda*, e se o verbo que veicula PE encontrar-se consistentemente à direita de *já* no PB. Exemplos de sentenças que revelam tal ordenamento, possibilitando a refutação da hipótese, podem ser verificados em *Maria pratica ainda natação* e *Maria já praticou natação*.

Em outras palavras, o ordenamento proposto no parágrafo anterior sugeriria a dominância de EPerfP sobre UPerfP porque revelaria que, no PB, o verbo que veicula PU seria capaz de

4 O exemplo (7) apresenta uma representação sintática, baseada em Nespoli (2018, p. 153), de parte da camada flexional.

subir, antes de *spell-out*<sup>5</sup>, para além do advérbio *ainda*, que estaria alocado em um sintagma mais abaixo na hierarquia, ficando, assim, à sua esquerda.<sup>6</sup> Por outro lado, o verbo que veicula PE não seria capaz de subir, antes de *spell-out*, para além do advérbio *já*, que estaria alocado em um sintagma mais acima na hierarquia, ficando, assim, à sua direita.

Em contrapartida, um ordenamento como o ilustrado por sentenças como em *Maria ainda pratica natação* e *Maria praticou já natação* não possibilitaria a refutação da hipótese. Em outras palavras, esse ordenamento seria compatível com a dominância de UPerfP sobre EPerfP porque indicaria que, no PB, o verbo que veicula PU não seria capaz de subir, antes de *spell-out*, para além do advérbio *ainda*, que estaria alocado em um sintagma mais acima na hierarquia, ficando, assim, à sua direita; por outro lado, o verbo que veicula PE seria capaz de subir, antes de *spell-out*, para além do advérbio *já*, que estaria alocado em um sintagma mais abaixo na hierarquia, ficando, assim, à sua esquerda.

### 3 METODOLOGIA

A fim de atingir o objetivo deste estudo, foram realizadas duas etapas metodológicas. A primeira delas consistiu em uma análise de fala espontânea, e a segunda, no desenvolvimento e na aplicação de um teste de ordenamento de sentenças.

Com relação à análise de fala espontânea, foram analisados dados do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso e Gramática.<sup>7</sup> O material divide-se em entrevistas feitas pelo pesquisador ao informante em que este realizava cinco tipos de relatos orais e escritos, a saber: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Foram analisados todos os relatos orais feitos pelos informantes, homens e mulheres, que fossem falantes do Rio de Janeiro, com idade entre 18 e 26 anos, estudantes do terceiro ano do ensino médio ou do último ano do ensino superior.

Nesse material, buscamos verificar as ocorrências de realização do *perfect* associado ao presente em que houvesse a realização fonética na sentença dos advérbios *ainda* e *já*, com o objetivo de verificar a posição que o verbo ocupava em relação a esses advérbios.

A segunda etapa da pesquisa consistiu no desenvolvimento e na aplicação de um teste de ordenamento de sentenças. O teste foi enviado por meio de um formulário *Google* a 132 informantes — homens e mulheres falantes do Rio de Janeiro, com idade entre 18 e 58 anos e ensino superior completo ou incompleto.

5 *Spell-out* é o ponto da derivação sintática até o qual o movimento dos constituintes repercute na ordem linear das sentenças (CHOMSKY, 1995).

6 Neste caso, especula-se a possibilidade de o verbo mover-se antes de *spell-out* para o sintagma EPerfP, podendo o movimento do verbo até TP ocorrer depois de *spell-out*.

7 Disponível em: <http://discursoegramatica.com/corpus-do-dg/>. Acesso em: 8 de junho de 2020.

Foram elaboradas duas listas, que circularam entre informantes diferentes, cada uma com 12 sentenças, sendo quatro alvo e oito distratoras.<sup>8</sup> A diferença entre as listas residia apenas nas sentenças-alvo, uma vez que as distratoras eram as mesmas em ambas. Todas as sentenças do teste eram apresentadas aos informantes divididas em quatro partes embaralhadas, sendo elas [sujeito], [verbo], [complemento] e [adjunto]. Todos os sujeitos das sentenças eram animados e humanos, sendo sempre um nome próprio. Os verbos utilizados estavam sempre na forma simples, e não perifrástica. Além disso, os complementos continham em seu núcleo nomes inanimados e eram compostos por um ou dois constituintes. Os participantes deveriam, então, ordenar os elementos de maneira a compor uma sentença com a ordem que lhes parecesse natural.

Das quatro sentenças-alvo, duas continham o valor aspectual de PU e duas de PE. As sentenças-alvo de PU continham um sujeito, um verbo no presente simples, um complemento sem determinante e o advérbio *ainda*, sendo os constituintes dessas quatro sentenças-alvo elencados em (8). As sentenças-alvo de PE, por sua vez, continham um sujeito, um verbo no pretérito perfeito, um complemento com determinante e o advérbio *já*, sendo os constituintes dessas quatro sentenças-alvo elencados em (9).<sup>9</sup>

- (8) Lista A: (i) [ainda] [francês] [Mariana] [estuda]  
 (ii) [futebol] [joga] [Leonardo] [ainda]  
 Lista B: (i) [ainda] [cartas] [Carol] [escreve]  
 (ii) [pilates] [faz] [Beatriz] [ainda]
- (9) Lista A: (i) [visitou] [a Europa] [Cristina] [já]  
 (ii) [já] [a Bíblia] [Ana] [leu]  
 Lista B: (i) [recebeu] [o convite] [Marcos] [já]  
 (ii) [já] [o cronograma] [Fábio] [elaborou]

As sentenças distratoras continham um sujeito, um verbo no presente simples ou no pretérito perfeito, um complemento com ou sem determinante e um adjunto de tempo ou de lugar, como exemplificado em (10).

- (10) [toma] [todos os dias] [sorvete] [Amanda]

8 É importante destacar que, embora haja apenas duas sentenças-alvo para testar o ordenamento do verbo em relação ao advérbio na veiculação de cada tipo de *perfect*, o fato de o teste ter sido realizado por 132 participantes resulta no ordenamento de 264 sentenças de cada tipo de *perfect*, o que constitui um número representativo de dados para a argumentação deste estudo. Além disso, o número reduzido de sentenças-alvo, haja vista a necessidade de se utilizarem dois terços das sentenças totais como distratoras, deve-se à tentativa de minimizar o esgotamento e a possível desconcentração dos participantes.

9 Optamos por utilizar um determinante nessas sentenças, pois, segundo autores como Pancheva (2003), algumas sentenças veiculadoras de PE só são expressas por verbos de processo culminado, classificados como dinâmicos, durativos e télicos.

## 4 RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos, inicialmente, os resultados obtidos por meio da análise de fala espontânea, e, em seguida, os resultados obtidos por meio da aplicação do teste de ordenamento de sentenças.

No que se refere à análise de fala espontânea, foram encontradas três ocorrências de PU associado ao presente acompanhadas do advérbio *ainda*. Em todas, o verbo encontrava-se à esquerda do advérbio, de modo que duas das ocorrências foram realizadas por meio do presente simples, como exemplificado em (11), e uma por meio da perífrase progressiva na voz passiva, formada por *estar* + gerúndio do verbo *ser* + particípio do verbo principal, como exemplificado em (12).

(11) Ela **está** *ainda* no plástico.

(12) **Está sendo decorado** *ainda*.

Quanto às realizações de PE associado ao presente acompanhadas do advérbio *já*, foram encontradas sete ocorrências de verbos conjugados no pretérito perfeito, estando o verbo à direita do advérbio *já* em seis delas, como exemplificado em (13), e à esquerda em uma delas, como exemplificado em (14).

(13) Essa semana eu *já* **encontrei** ele na academia.

(14) No final do jogo **esqueceu** *já*.

Com relação aos resultados do teste de ordenamento de sentenças, foram computadas, ao somarmos as respostas obtidas nas quatro sentenças-alvo de PU e nas quatro sentenças-alvo de PE nas listas, 262 respostas referentes ao PU e 264 referentes ao PE. A quantidade de dados para PU difere da quantidade de dados para PE apenas porque, entre os dados obtidos, duas respostas referentes a PU foram excluídas da análise, pois, nelas, os participantes não realizaram a tarefa solicitada. Em um caso, houve alteração da conjugação verbal e supressão do advérbio e, em outro, apenas a supressão deste constituinte. Vale destacar que esses casos ocorreram em respostas fornecidas por informantes diferentes, o que impossibilitou a análise desses dados.

Entre as sentenças com valor aspectual de PU, em 252 ocorrências (96,6%), o verbo foi alocado à direita do advérbio *ainda*, como ilustrado em (15); por outro lado, em 10 ocorrências (3,4%), o verbo foi alocado à sua esquerda, como mostra o exemplo em (16).

(15) Leonardo *ainda* **joga** futebol.

(16) Carol **escreve** cartas *ainda*.

Entre as sentenças com valor aspectual de PE, em 262 ocorrências (99,2%), o verbo foi alocado à direita do advérbio *já*, como ilustrado em (17), e, em 2 ocorrências (0,8%), o verbo foi alocado à sua esquerda, como observado em (18).

(17) Ana **já leu** a Bíblia.

(18) Marcos **recebeu** o convite **já**.

Para uma melhor compreensão dos dados com relação ao posicionamento dos verbos em relação aos advérbios, apresentamos, a seguir, um quadro que ilustra a comparação dos resultados obtidos por meio da fala espontânea e da aplicação do teste.

#### QUADRO 1 — COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS NA ANÁLISE DE FALA ESPONTÂNEA E NA APLICAÇÃO DO TESTE DE ORDENAMENTO DE SENTENÇAS

	FALA ESPONTÂNEA	TESTE
AINDA + V	0	252
V + AINDA	3	10
JÁ + V	6	262
V + JÁ	1	2

Fonte: elaborado pelos autores.

Considerando-se a comparação apresentada no Quadro 1, pode-se observar, por meio de ambas as etapas metodológicas, que, com relação ao PE, há um número bem mais expressivo de ocorrências do verbo alocado à direita do advérbio *já*. Em contrapartida, com relação ao PU, há uma diferença entre os dados da fala espontânea e os dados do teste de ordenamento. Por um lado, na primeira etapa metodológica, houve maior ocorrência do verbo à esquerda do advérbio, ao passo que, na segunda, à sua direita.<sup>10</sup>

Destacamos que os três dados de PU obtidos na fala espontânea, ainda que importantes, não são suficientes para fornecer evidências acerca do posicionamento do verbo em relação ao advérbio, principalmente quando comparados aos resultados do teste, em que, majoritariamente, o verbo foi alocado à direita do advérbio *ainda*. Logo, acreditamos que, na fala espontânea, as ocorrências de “V + *ainda*” (3) — bem como a de “V + *já*” (1) — são poucas para serem consideradas conclusivas. Além disso, é importante considerar também o fator de entonação parentética, que pode ter influenciado o ordenamento dos verbos em relação aos advérbios pelos falantes e pode ter sido responsável pelos poucos dados de PU e PE com o verbo alocado à sua esquerda.<sup>11</sup>

De maneira geral, foi possível observar que há uma preferência, nas realizações de PU e PE, pelo posicionamento do verbo à direita dos advérbios *ainda* e *já*, respectivamente,

10 Vale reforçar que a comparação entre as duas etapas metodológicas deve ser relativizada pelo fato de termos obtido, na fala espontânea, apenas 3 dados de ordenamento do verbo em relação ao advérbio *ainda*, enquanto, no teste linguístico, obtivemos um total de 262 dados desse ordenamento.

11 A entonação parentética caracteriza-se por um destaque na produção de determinado sintagma que compõe a sentença. O fator mais relevante para sua caracterização é o nível do tom, a frequência fundamental na prosódia (SCHNEIDER, 2007; NOVAES; MARTINS, 2014).

ou seja, “*ainda + V*” e “*já + V*”. Assim, não foi possível discutir a hierarquia de UPerfP e EPerfP na representação da camada flexional, uma vez que não se observou um ordenamento do verbo em relação aos advérbios que favorecesse a defesa de determinada hierarquia. Em outras palavras, tal como apresentado na discussão acerca da hipótese ao final da seção 2 deste *squib*, não foi observado o ordenamento “*V + ainda*” e “*já + V*”, que sugeriria a dominância de EPerfP sobre UPerfP, nem o ordenamento “*ainda + V*” e “*V + já*”, que sugeriria a dominância de UPerfP sobre EPerfP.

Pode-se discutir apenas, diante do ordenamento do verbo em relação aos advérbios majoritariamente encontrado nos dados, que o verbo não se mostra com força para subir para além de um dos sintagmas de *perfect* antes de *spell-out*. Em outros termos, o verbo pode subir no máximo até o núcleo do sintagma de *perfect* mais abaixo na hierarquia, uma vez que, mesmo nessa posição, o verbo ainda estaria à direita do advérbio alocado no especificador desse sintagma.

Desse modo, visto que o ordenamento do verbo em relação aos advérbios é compatível com o movimento do verbo antes de *spell-out* apenas para o sintagma de *perfect* mais abaixo na hierarquia, seja EPerfP, seja UPerfP, não é possível argumentar em favor de determinada dominância entre esses sintagmas. Logo, os dados obtidos nesta pesquisa estariam em conformidade tanto com a proposta representacional em que UPerfP domina EPerfP — em consonância com a hipótese testada neste estudo — quanto com a proposta representacional em que EPerfP domina UPerfP — oposta àquela descrita na hipótese deste estudo.

Por fim, a hipótese de que UPerfP domina EPerfP na representação da camada flexional não foi refutada pelos dados obtidos nesta pesquisa. Não obstante, ratificamos que a não refutação da hipótese não pode ser tomada como indicativo de que os resultados obtidos fornecem evidência em favor da proposta de dominância de UPerfP sobre EPerfP. Ainda assim, acreditamos que a metodologia adotada neste trabalho se mostrou adequada para o estudo do fenômeno em questão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho era investigar a hierarquia dos sintagmas de PU e PE na representação da camada flexional a partir do posicionamento dos verbos em relação aos advérbios *ainda* e *já* no PB. Foi realizada uma análise de fala espontânea e foi aplicado um teste de ordenamento de sentenças.

Em grande parte das ocorrências, observou-se que os verbos se encontravam alocados à direita dos advérbios, na realização tanto de PU quanto de PE. Portanto, não foi possível refutar a hipótese de que UPerfP domina EPerfP na representação da camada flexional. No entanto, discutimos que os dados obtidos neste estudo não nos possibilitam argumentar a favor da hierarquia prevista na hipótese.

Discutimos ainda que o verbo não se mostrava com força para subir para além de nenhum dos sintagmas de *perfect* (de PU e de PE) antes de *spell-out* e que a metodologia empregada neste trabalho se mostrou adequada para o estudo do fenômeno. Ainda que não tenhamos conseguido determinar a hierarquia dos sintagmas de *perfect*, a descrição de uma ordem advérbio-verbo contribui para estudos relacionados a esse aspecto, uma vez que não evidenciamos na literatura, até o dado momento, estudos dessa natureza.

Como passos futuros, acreditamos que uma ampliação desta pesquisa com vistas à investigação das realizações do aspecto *perfect* quando associado aos tempos passado e futuro e à coleta de mais dados de fala espontânea desse aspecto associado ao presente pode fornecer evidências para o entendimento da hierarquia sintática dos sintagmas de PU e de PE. Além disso, acreditamos que o fator de entonação parentética pode ser averiguado a partir do empreendimento de outras metodologias de pesquisa, como, por exemplo, a realização de um teste de aceitabilidade ou o acesso a *corpora* que disponibilizam, além de transcrições, áudios de fala espontânea.

## REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. Introduction: the modules of perfect constructions. *In*: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (ed.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 5-38.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.

JESUS, J.; MATOS, A.; MARTINS, A.; NESPOLI, J. O aspecto perfect no português do Brasil. *Travessias Interativas*, v. 7, n. 14, p. 1-18, 2017.

MATOS, A. *O aspecto perfect no português do brasil: uma análise do tipo existencial*. 2017. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MCCAWLEY, J. Notes on the English Present Perfect. *Australian Journal of Linguistics*, v. 1. p. 81-90, 1981.

NESPOLI, J. *Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NOVAES, C.; MARTINS, A. Déficits de linguagem e teoria linguística. *In*: HERMONT, A.; XAVIER, G. (ed.). *Gerativa: (inter)faces de uma teoria*. 1. ed. Florianópolis: Beconn, 2014. p. 167-179.

NOVAES, C.; NESPOLI, J. O traço aspectual de perfect e as suas realizações. *Revista FSA*, v. 11, n. 1, p. 255-279, 2014.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. *In*: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (ed.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

SCHNEIDER, S. *Reduced Parenthetical Clauses as Mitigators: a corpus study of spoken French, Italian and Spanish*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

TESCARI NETO, A. Advérbios e o movimento do verbo. *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 1, p. 3563-3578, 2019.

*Squib* recebido em 30 de março de 2020.  
*Squib* aceito em 9 de junho de 2020.